



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VÍVIAN CARLA REIS NERY

**ESPETÁCULOS PER(FORMÁTICOS) ABALAM AS
FRONTEIRAS DA CIDADE SUB(VERSIVA)**

Feira de Santana
2018

VÍVIAN CARLA REIS NERY

**ESPETÁCULOS PER(FORMÁTICOS) ABALAM AS
FRONTEIRAS DA CIDADE SUB(VERSIVA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração: “Culturas, diversidade e linguagens”.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elenise Cristina Pires de Andrade

Feira de Santana – BA
2018

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Nery, Vívian Carla Reis

N369e Espetáculos per(formáticos) abalam as fronteiras da cidade sub
(versiva)/ Vivian Carla Reis Nery . – 2018.

113f.; il.

Orientadora: Elenise Cristina Pires de Andrade

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1.Interseccionalidade – Gênero. 2.Cartografia. 3.Performatividade.
4.Educação – Diversidade. I.Andrade, Elenise Cristina Pires de, orient.
II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 378(814.22)

Maria de Fátima de Jesus Moreira – Bibliotecária – CRB5/1120

VÍVIAN CARLA REIS NERY

**ESPETÁCULOS PER(FORMÁTICOS) ABALAM AS FRONTEIRAS DA CIDADE
SUB(VERSIVA)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de “Culturas, diversidade e linguagens”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Elenise Cristina Pires de Andrade

Prof. Dr. Marco Antonio Leandro Barzano

Prof. Dr. Tiago Duque

Feira de Santana, 13 de outubro de 2018

Resultado: _____

AGRADECIMENTOS

Escrevo pensando nos troncos rizomáticos do lindo pé de goiaba que havia no quintal de casa na minha infância, sobre esse marco do passado permanecem vivas minhas histórias e aproveito o presente através da lembrança traduzida nos versos potentes dessa escritura. Os sentidos, o aroma, a goiaba bichada, as fotografias gravadas em recordações boas e ruins, me transportam ao presente. Desse modo, agradeço a tudo que vivi até agora, coisas que me des(conectaram), que me causaram buracos e esBURACamentos. Coisas por vezes boas e por horas ruins. Coisas simplesmente, ou apenas coisas que me custaram lágrimas escorridas pelo rosto, ora triste, ora alegre.

Lembro o barulho dos automóveis, as pisadas nas calçadas, o vento, as cores, as formas, os gestos das cenas que me pareciam clichê. Lembro tudo antes e depois desse estudo que me remeteu à beira do abismo, que provocou tessituras sobre panos des(camufláveis). Sinto-me eternamente agradecida ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana pela oportunidade de acreditar no legado das minhas ancestrais, na minha história e de todas as histórias que emergiram nesse trabalho. À figura da Prof^a. Dr^a. Elenise Andrade, ou simplesmente Nise, sou grata por acreditar que eu poderia voar com os pássaros em per(cursos) cada vez mais rasantes sobre os nossos delírios, doçuras, loucuras de uma orientação des(orientada). Obrigada por me bagunçar, me revirar pelos avessos, me sacolejar e me desnudar, seus atraVERSAMENTOS foram travessias psicodélicas cheias de muita purpurina, pergunto: como desgrudar de você, Ori? Ainda sinto o não gosto da cervejinha, que não tomamos no bar Quatro Estações, no Feira VI, não aceito terminar o mestrado sem cartografar essa cena tão clichê. Nise, você é a melhor des(orientadora) do mundo, espelho em você para tornar gente grande, e isso não falo só sobre suas andanças na academia, mas na “mulher da porra” que é você – fiquei agora na dúvida se poderia xingar, mas como nosso intuito é desviramentos, está valendo a palavra. Nise, sem sua generosidade, com certeza teria desistido no caminho, afinal, esse papel na escrivania custou lágrimas de dor por esse ato de cartografar, mas você sempre compreensiva, até o “último minuto da prorrogação”.

Agradeço também a Felipe de Jesus, por ter sido o único sujeito da pesquisa a comparecer no encontro da primeira reunião. Suas perambulações me provocaram novos sentidos. Com você, aprendi a olhar outros modos de existências. Quantas vezes, meu amigo, não me chamou para jogar tudo para o alto, dormir na praça e colocar a mochilinha nas costas? Desculpe-me Lipe, mas a mochila vai ficar muito pesada com os livros que ainda terei que carregar, porém, em breve, faremos essa viagem peregrina à terra do nunca. Com você, percebi

que o importante é o aqui e o agora, sua intensidade me contagiou e agradeço por diversas vezes limpar o jardim comigo, ele é parte de mim e de nós, a parte que me des(conecta) à goiabeira da infância, nada mais importante para mim do que você para me ajudar a zelar da morada que vive através das gramas deleuzianas. Obrigada por acalantar meu choro no momento de partida de meu irmão Marcos Valério, temos histórias tão tristes para contar também, não é “rasta de pelúcia”? Brincadeiras à parte, a pelúcia se refere à sua sensibilidade com a vida e ao seu olhar de menino que foi tão discriminado, principalmente pela instituição possuidora de “saberes”. Lembro agora quando disse: “a escola não soube trabalhar comigo”. É lamentável, mas tenho que concordar que a escola não sabe trabalhar com avessos como nós. Estou mesmo esperando o dia que vamos “tocar fogo na Babilônia”. Será mesmo que já não incendiemos com tudo? Vale essa reflexão para nós. Agora, é só apagar a chama ou deixar tudo virar pó, para ressurgir novamente, ousemos sempre no nosso projeto de sociedade em sub(versos).

Agradeço às instituições escolares que passei, pois, sem os racismos institucionais, não me tornaria re(existente) e não me provocaria para mudar de per(curso), mas preferia mesmo que suas pedagogias ousassem pelo grito: “Viva o múltiplo de Deleuze!” Racismo em pleno século XXI é como propor discos de vinil aranhados, como a falta de compreensão sobre as multiplicidades dos corpos, ou como permanecer no despenhadeiro, afinal, a diversidade grita seu espaço e ecoa os coros cada vez mais deleuzianos.

Agradeço às meninas que me acompanham nessa incerta caminhada. Sem vocês, meus amores, seria tão chata essa vida e esta escrita. Não aguentava mais Camila me alertar: “Vou ligar para Elenise dizendo que você não está escrevendo”. Mila, você sempre soube que eu conseguiria, afinal, cada um tem seu tempo, não é verdade? E o meu é o mais torto possível, você sabe disso. Camila, você é uma mulher incrível, sempre continuará me ensinado a generosidade, a tranquilidade, o companheirismo e o amor. Obrigada por acreditar em mim. Mila, sem você, com certeza não teria chegado até aqui, sou grata ao universo por ter uma mulher tão formidável do meu lado. Thyane, mulher! Você foi a explosão de tantas coisas! Você é o detonador da paixão, do acaso, do avesso, do destino, da transição, do poliamor, do trisal, do bagunçar minha lida e meu texto... E nas mudanças de 360° graus no meio do curso, como um presente de Onira (qualidade de Iansã encantadora!). Você é aquela que me impulsiona nos desafios da vida, com toda certeza, é a cereja que faltava no bolo, o meu pavio curto de delicadeza. Você, Cris, é meu sim e meu não, você é o que cartografo a todo momento, agradeço pelo cantinho: “vou arrumar seu cantinho para você estudar, pois sei que gosta de tudo limpinho e arrumadinho”.

Um agradecimento especial para as minhas irmãs do coração e de luta, por me ensinarem a pegar no microfone, a lutar e recuar quando necessário. Meninas, “meia dúzia de seis” (expressão pejorativa utilizada por um líder sindical ao se referir a nós), vocês são tudo de mais precioso que tenho: Sara, Sheila, Verena, Karla, Priscila e Fernanda. A vocês, bravas mulheres, agradeço por tudo e sou eternamente grata ao universo por me ensinar que a educação pública é pela diferença e não pela igualdade. Com vocês, os estudantes são o verso, o avesso, em ordem ou des(ordem), são dignamente respeitados. Estendo os agradecimentos, em especial, a duas grandes mulheres que foram des(forma)tando meu íntimo: minha psicóloga, Danielle Nascimento, por me provocar a des(nu)dar-me, e a Sidineia Pedreira, por mim ensinar a caminhada pela defesa de um mundo em que as mulheres sejam porta-vozes de ideais coletivos. A r(e)xistência é por nenhum direito a menos!

Melhor terminar agradecendo as minhas mais velhas e meus mais velhos: a minha avó paterna, Dona Antonia Santana, já falecida, mulher totalmente sub(versiva). A saudade é tanta, minha vó, mas guardo você em cada pedacinho de mim, espelho-me em sua história de mãe solteira na década de 1940, quando meu pai nasceu. Você é minha Dandara, Maria Felipa, Carolina de Jesus... Vó, é por você esse título de mestre, que nunca passou na frente da UEFS, mas eu entrei, minha “véia”. Meu painho, Vantuil Nery, o senhor não está aqui para ver uma filha mestre e futuramente doutora. Lembro uma frase sua, viva em mim: “doutor é aquele que defende tese, não aquele que a gente vai no consultório”. Meu pai nunca fez universidade, mas, como professor primário, me fez o que sou hoje, me ensinou a importância das letras e o mais importante: deixar a vida me levar. Tão viva essa música do Zeca Pagodinho: “deixa a vida me levar, vida leva eu...”. Era sua predileta né? Mainha escondia logo o DVD quando o senhor estava tomando uma, duas... oh! tempo bom, viu? Minha mãe, Antonia Maria Reis Nery, a matriarca da família, a mulher mais maravilha que conheci até hoje. Como a senhora aguentava trabalhar 40 horas como professora primária, cuidar de casa, marido, sogra, filhos e ainda tomar conta de um bar, entre o servir aos clientes e cozinhar comidas tão saborosas? Minha “mãinha”, meu espelho, me desculpe, mas lhe ofereço essa dissertação como parte de um estudo que lhe propõe descortinar-se, não dá para abrigar o mundo inteiro, então lhe convido às purpurinas sub(versivas). Ainda tem muito tempo minha “coroa septuagenária”, melhor eu dizer “coroa”, pois se eu falar idosa, ela me arranca o couro. Por fim, borro os agradecimentos trazendo uma poesia, oferecida ao meu irmão do meio, falecido em maio de 2018.

LIBERDADE?

No chão de cada gota que segue sangrando
O esconderijo dos seus batimentos cardíacos
No leito, o corpo segue frio e cinzento
A rua e seus barulhos
Ao lado, o quarto, em travessias de contos vividos
Na cama, um corpo vazio. Sem medos? Talvez...
Arrogante? Eu, você, nós? A vida que pede, parada
Agora, o corpo que destoava em direções fixantes
nada percebe, nada vê ao seu redor
Tudo parece liberdade aprisionada
Em anos com dias sombrios
Histórias mal acabadas
Sorrisos em faces tristonhas
Diários de capas duras, sem conteúdo
Nunca pensou mudar seu mundo
Liberdade fluída?
Nunca! Sempre viverá na prisão
Agora em férias de parada obrigatória
A vida continua a camuflar o corpo debilitado
E se um dia olhar os diversos percursos
Verás que as cartas tecidas ao pé da escrivaninha
nunca passaram in(visíveis) aos seus próprios olhos perdidos.
E agora, os ventos de lansã seguem lhe guiando para a luz dos seus rizomas
Xangô avisa que é tempo de transformação
E eu corpo guiado por omolú foi te receber nos últimos suspiros.
Assim, segue sua passagem com eterna luz no dia do milho branco de Oxalá.
Obatalá lhe recebe em festa com sua intensa vida.
E assim os ancentrais vão curando suas dores, tristezas e seu corpo vidraça.
Você foi demais para essa vida cercada de preconceito tolos, bobos e sem sentidos.
Hoje, dia que nasci, sexta-feira, seu corpo de vidro nos deixa a exatamente 12 horas depois do meu nascimento.
Assim re(nasço) da numerologia do número nove.
Guie Oyá mãe guerreira, acolha seu filho de Ogum. E teorize esses rizomas flutuantes. A vida segue em teias como sempre.
Paz, axé e sub(versão) sempre! Somos todos encontros de AtraVERSamentos das terceiras margens dos rios. E suas artes
des(conectas) estarão sempre espalhadas nos corpos também vidraça.¹

¹ Poesia escrita pela pesquisadora em 12 maio de 2018. Todas as poesias nesse estudo encontram-se na página:
<https://desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial>.

RESUMO

As ruas, os becos, as calçadas e o solado do sapato gasto. Assim, esta dissertação vai sendo re(montada), tendo como objetivo principal cartografar os corpos-fronteiras da terceira margem, vidraças, enQUADRADos e não enQUADRADos. Felipe de Jesus, sujeito/pesquisador, traz à superfície o camuflável através das imagens da cidade. Sobre essas perambulações, é apresentado cenas que des(montam) o espetáculo dissidente. Cidade e escola se convergem a-nunciando a cartografia, emergindo à superfície performatividades e d(e)nunciando as interseccionalidades. Des(construindo) os cercados, a pesquisa vai tecendo os des(enQUADRAMentos), no qual emaranham-se e re (montam) perambulações-travessias. O *shopping*, os banheiros, os ônibus vão desconcertando as r(e)xistências fluídas-rizomáticas e os atos de performatividades camufláveis que ocupam a cena na cidade es-petaculosa do entre e o talvez seus corpos sub(versivos) e/ou normativos. Desse modo, vamos re(arranjando) nosso recorte teórico através dos debates pós-estruturalistas dos estudos *Queer*, de gênero, culturais e os rizomas de Deleuze.

Palavras-chave: Cidade. Escola. Cartografia. Interseccionalidade. Performatividade.

ABSTRACT

The streets, the alleys, the sidewalks and the soles of the worn shoe. Like this the dissertation is being reassembled, with the main objective of mapping the boundary bodies of the third margin, FRAMED windows and not FRAMED. Felipe de Jesus subject / researcher brings to the surface the camouflage through the city images. About these wanderings are presented scenes disassembling the dissident show. City and school it converges announcing the cartography, emerging to the surface performativities and denouncing the intersectionalities destructing the enclosures, the research is weaving the disqualifications, in which, entangle and reassemble wandering crossings. The mall, the restrooms, and the bus are disconcerting the flowing-rhizomatic and the functions and the acts of camouflage performativity that occupy the scene in the spectacular city and perhaps their sub(versive) and / or normative bodies. In this way, we will re-arrange our theoretical cut through the poststructuralist debates of the studies Queer, gender, cultural, and Deleuze rhizomes.

Keywords: City. School. Cartography. Intersectionality. Performativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bicho da goiaba	28
Figura 2 – Fios, monitores e frutos BICHAdos	47
Figura 3 – Vidraças TRANSPARENTES	48
Figura 4 – Pedacos de vidro	51
Figura 5 – Estilhaços	52
Figura 6 – AtraVERSAMENTos camufláveis	59
Figura 7 – Versos avessos	61
Figura 8 – In(visibilidades) camufláveis	64
Figura 9 – Letras entrelaçadas	67
Figura 10 – Biriba in(visíveis)	77
Figura 11 – Pedaco de arame e pau	78
Figura 12 – Re(construção) adversa	80
Figura 13 – Em trânsitos vermelhos	81
Figura 14 – Final de linha	82
Figura 15 – Binarismos transeuntes	83
Figura 16 – Olhares retorcidos	85
Figura 17 – Abjetos objetos	87
Figura 18 – Cidade in(visível)	88
Figura 19 – Cores ofuscadas	89
Figura 20 – Três por cinco	90
Figura 21 – Des(cortina-se)	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ATRA(VERSA)MENTOS, ENCRUZILHADAS E CALÇADAS	11
2 HISTÓRIAS AO PÉ DA GOIABEIRA: A TERCEIRA MARGEM DO RIO ..	17
2.1 POR DETRÁS DA COXIA: CARTOGRAFIAS, GOIABEIRAS E TRANSEUNTES	24
2.2 FORA DO ATO, TRONCOS DE PERFORMATIVIDADES COMPÕEM A CENA	28
2.3 INTERSECCIONALIDADES PERFURARM A GOIABA DA CENA DISSIDENTE	37
3 PER(FORMATIVIDADE) DO CAMUFLÁVEL: O “ENTRE” E/OU “TALVEZ” DOS CORPOS DE VIDRO	48
3.1 GALERIAS DO DES(CONFORTO)	48
3.2 PRIVADAS PERFORMATIZAM CENAS CLICHÊS	67
3.3 TRÂNSITOS DE ACIDENTES CAMUFLÁVEIS	74
4 “ABREM-SE” AS CORTINAS: DEVIR, AFETOS E JARDINAGENS	91
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	102
ANEXO A – Documentos ao episódio de racismo institucional na escola	104
ANEXO B – Fotos relacionadas ao episódio de racismo institucional na Micareta	109
ANEXO C – Documentos relacionadas ao episódio de racismo institucional na Micareta	110

1 INTRODUÇÃO: ATRA(VERSA)MENTOS, ENCRUZILHADAS E CALÇADAS

Na esquina um cruzamento,
trágicos acidentes.
Na derme,
camuflagem de sangue
dos estilhaçados corpos vidraças
seguem atraVERSAndo as calçadas da cidade.
(Vivian Nery)

Re(desenhar) os per(cursos), deixar a cena anunciar os atraVERSAMENTOS de fluídos corpos vidraças. Permitir que a cartografia componha seus rizomas dissidentes. Embora eu não me proponha fazer uma etnografia pessoal, este estudo apresenta um espetáculo desviante de travessias sobre mim e nós, sobre todos os sujeitos que reviram os versos, ou não. Apresento as interseccionalidades que atraVERSAM a possibilidade de um debate que d(e)nuncia re(existências) diversas. Sigo com o andarilho Felipe de Jesus, sujeito-pesquisador, afetando e sendo afetados pelas des(montagens) cartográficas de um estudo des(conecto) pelas camuflagens performáticas.

Em caminhos nada fixantes, vamos trazendo à superfície os tons cinzas e multicolores de uma cidade híbrida. Escola e ruas se convergem nas encruzilhadas anunciando os corpos vidraças, aqueles habitantes da terceira margem, onde raízes performatizam as cenas clichês pelo entre e/ou talvez. Convido, nesse momento, o leitor a se despir de uma leitura em que o olho seja o único recurso possível de percepção. Sentidos, gostos e sensibilidades trituram o subsolo dos porões da cidade, e na leveza da complexidade des(viante), desmantelo o poema, as fotografias, os rabiscos, minhas memórias e Felipe, a fim de recriar conceitos sensíveis para a compreensão dos becos, vielas, galerias e ruas no es-petáculo sub(versivo) da cidade.

Este estudo busca re(virar) não só o texto através de uma escrita poética, mas, ao tratar dos conceitos de interseccionalidade, performatividade e cartografia, uma aposta em des(montar) e refazer outros e/ou diversos percursos. A pesquisa procurou esburacar o subsolo da cidade in(visível) aos olhos fixantes. Assim, ao se pesquisar com a cartografia: “Menos que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela, primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo.” (GODOY, 2013, p. 209).

Ao andarilhar sobre as ruas da cidade, fomos deixando que os conceitos emergissem na pesquisa, assim, ter a cartografia como metodologia nos possibilitou que as cenas se rasgassem. Os acontecimentos foram sendo re(desenhados) a partir do momento que Felipe de Jesus, o

sujeito/pesquisador, desliza, perambulando sobre a cidade in(visível). O grande estopim dessa pesquisa é quando Felipe bagunça o cenário, fissurando e tornando a cena performaticamente embaralhada em rizomas.

Apresentar as imagens e/ou sujeitos sub(versivos) da cidade é provocar aberturas de um cenário nada ensaiado ou teatralizado, tanto para Felipe quanto para o que ele vai apresentando. Atores/sujeitos se confundem em realidade, versos, fotografias e poesias des(montadas). Interseccionalidades, performatividades e cartografias desmantelam os locais fixantes, tanto os corpos normativos quanto os em desordens.

É nessa perambulação, em meio ao tráfego caótico, que re(existimos) aos desdobramentos da cidade, assim, eu e meu sujeito/pesquisador, vamos borrando e sendo borrados pela cidade como um ato fluido, que emaranha a todos: sujeito/pesquisador, pesquisadora, leitores(as) e seus transeuntes. No caos desconcertantes, anunciam-se contestações, sub(versões) e os devires das categorias desordenadas nesse estudo. Assim, reflito a partir da compreensão de que: “Todo conceito é, pois, sempre, um acontecimento, um dizer o acontecimento; portanto, se não diz a coisa ou a essência, mas o evento, o conceito é sempre devir.” (GALLO, 2008, p. 41).

Usando essa ideia do devir, o conceito da camuflagem performática passa a compor uma cena que traz a anunciação dos corpos vidraças. No primeiro capítulo, “Histórias ao pé da goiabeira: a terceira margem do rio”, começo as andanças pelo entre e o talvez, entendidos como caminhos cartográficos que bagunçam o sentido linear de escrita. Trago, ao longo da escrita de todo este texto, fotografias que compõem minhas trajetórias na infância, na escola e na pesquisa. Componho um texto que busca desmantelar o institucionalizado, o padrão, o eixo. Abro as escrituras do es-petáculo com diários em tempos nada cronológicos, poemas cartográficos (a fonte do texto é alterada nessas passagens) e pensamentos des(padronizados), subversivos, que trazem leveza ao camuflável texto. As fotografias em borrões assumem uma rasura sobre os enQUADRAMentos in(visíveis), a escrita entre parênteses, travessões ou caixa alta procura des(terrar) múltiplos sentidos, tornando poéticas e artísticas as escrituras do palco dissidente da cidade.

Felipe de Jesus se apresenta como um sujeito múltiplo da pesquisa, ao passo que é o pesquisador quem vai abrindo as cenas performáticas e, nessas travessias des(ordemadas), anuncia o camuflável como um conceito que esburaca o texto desconsertando a cidade. Nesse ato que traz a cartografia como um percurso metodológico de chinelo gastos na cidade, vamos usando a bricolagem como: “Um momento de total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios”. (PARAÍSO, 2014, p. 35). Territórios incertos, inconstantes, que

não habitam lugares, mas fazem travessias, ao permitir que as imagens da cidade atravessem o pensar entre cheiros, gostos, fluxos e velocidades de um ver além do visivelmente aprisionado de excessos.

Utilizo três aportes teóricos para subsidiar os estudos: a cartografia, a interseccionalidade e a performatividade para, no meio das perambulações, Felipe de Jesus nos provocar com mais um conceito, o *camuflável*, que entra em funcionamento como um “estopim” das discussões conceituais. Imersos e submersos nas histórias ao pé da goiabeira, vou tecendo as colchas de retalhos dos sujeitos da cidade, sejam eles enQUADRADos ou desenQUADRADos em VIADaGENS ou não VIADaGENS, mas de percursos em múltiplos rizomas que permitem incertezas sobre travessias adversas à cena que estilhaça corpos vidraças. Falando sobre a cartografia, percebo que deixamos as cenas decomporem seus protagonistas e paisagens dissidentes, embebidos sobre multi-margens. Assim, fomos trafegando no inimaginável, em perambulações desorganizadas na cidade de in(visíveis), personagens híbridos, sejam os que vivem no padrão das normalizações, sejam aqueles em desacordo às imposições naturalizadas. Trafegando sobre as ruas da binariedade, vamos, eu e Felipe, tecendo uma produção inventiva dos esBURACamentos das calçadas.

Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo. O tema da pesquisa aparece com o pesquisador. Ele não fica escondido, disfarçado ou apenas evocado. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 73)

A cada paisagem, uma nova leitura des(conecta), um novo contexto a ser observado, uma des(montagem) perfurada. O território vai sendo desterritorializado pelas escutas, olhares, dores, gostos, sensibilidades e odores de potências sub(versas) e fluidas. As paisagens da cidade ganham novos sentidos, na medida em que Felipe bagunça a cena clichê. Nas escavações subterrâneas, a escola se apresenta como protagonista desse estudo ao hibridizar novas cenas para além dos seus muros institucionais. Desse modo, a escola se converge nas ruas da cidade ao apresentar cartografias que extrapolam suas paredes, ao se dissolver na própria cidade.

A escolha do conceito de interseccionalidade se fez presente por nos possibilitar entender a potência dos que transitam e re(existem) nas ruas da cidade. Assim, as intersecções passeiam sobre corpos e paisagens como um processo das encruzilhadas do devir. Autoras como Kimberlé Crenshaw (2002), Adriana Piscitelli (2008) e Avatar Brah (2006) participam das discussões deste estudo. Admitimos que ocorrem divergências de ideias entre Kimberlé e as

outras duas autoras, mas as divergentes contribuições sobre interseccionalidade permitem a essa dissertação compreender o debate em disputa, recente e inacabado.

Como esse estudo remete a traVERSamentos rizomáticos, pensar que “[...] há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18), nos auxilia a compreender que tudo se conecta, desterritorializa e ramifica. Deixamos claro que nossos estudos propõem mais rizomas e menos identidades fixantes, assim, nos aproximamos do devir como possibilidade de rompimentos sobre direcionamentos sociais.

Este estudo não pretende contrapor posições, mas provocar, através das tessituras da anunciação das cenas remexidas por mim e Felipe, rabiscos-reflexões sobre o devir, o que des(configura) territórios fixos ou/e imutáveis, uma proposta interseccional que assume múltiplas vias dissidentes. Desta forma, a pesquisa se aproxima dos estudos *queer*, de gênero, culturais e dos rizomas, conceito este roubado de Deleuze. Quando me lanço aos estudos *queer*, percebo a amplitude do debate sobre quem são os sujeitos que viram o verso ou avesso da cidade. Concordo com a compreensão que o devir expressa potências não verificadas e/ou previstas. Não nos interessa colocar em escalas sociais sobre quem tem mais ou menos privilégios, quem é sub(versivo) e/ou corpo vidraça, mas trazer a contradição como possibilidade de des(virtuamento) de cada especificidade subjetiva:

Membros dos grupos dominantes de fato ocupam posições “privilegiadas” dentro de práticas políticas e materiais que se ocupam dessas divisões sociais, embora a precisa interconexão desse poder em instituições específicas ou em relações interpessoais não possa ser estipulada de antemão, possa ser contraditória, e possa ser contestada. (BRAH, 2006, p. 355).

Nesse sentido, propor a performatividade como um importante aporte teórico para esse estudo é apostar que as análises das paisagens bagunçadas pelo sujeito-pesquisador Felipe de Jesus importam, subjetiva e/ou coletivamente, para o entendimento das ruas da cidade. Assumimos o perambular junto ao andarilho Felipe, parte dessa colcha de retalhos submersa nas desviantes camuflagens da cidade. Andarilho-cartógrafo.

O cartógrafo vai sendo tomado de perplexidade. Ele sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade. Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais. Respira fundo, toma coragem, apela para seu olho nu e também para a potência vibrátil, não só do olho, mas de todo seu corpo. E começa sua aventura. (ROLNIK, 2006, p. 85).

A pesquisa, nesse contexto, vai ganhando corpo à medida que perambulações vão desterrando as cenas do espetáculo, embrenhando-se na paisagem ao produzir novos traVERSamentos. Em formas e sentidos múltiplos, vamos cartografando a cidade, nos

apresentando a encontros aleatórios, “[...] a afetar e serem afetadas de todos os lados e todas as maneiras a se desterritorializarem”. (ROLNIK, 2006, p. 89).

Para o segundo capítulo “Per(formatividade) do camuflável: o entre e/ou talvez dos corpos de vidro”, apresentamos as análises sobre as observações no *shopping*, banheiros públicos e no transporte coletivo. A cortina, então, se abre, revirando e remexendo os sentidos do texto, da pesquisa, de mim e, quem sabe, dos leitores, enquanto se dissipa e desmonta os cercados do espetáculo normalizador dos becos, galerias, janelas, lojas, vielas e demais espaços da cidade. Assim, esse capítulo andarilha entre poemas, fotografias, travessias, reflexões, novos elementos e conceitos des(ordensados) para anunciar uma tentativa de destruição dos muros que aprisionam a escola, seus corpos vidraças e as ruas da cidade que trafega em múltiplas direções.

Sobre as cenas desmanteladas por Felipe, percebemos o movimento-potência que essas paisagens provocam na pesquisa. A escrita começa a se colocar no palco, com um texto-poema que fala sobre os corpos vidraças e as andanças da pesquisadora pela educação. Cenário que não é desvelado por Felipe de Jesus, mas assume a potência do conceito, apresentando por ele: o camuflável, aquilo que é esburacado para ser posto à superfície.

Assim, vamos trazendo à superfície discussões sobre os corpos vidraças ao perambular sobre o *shopping*, banheiros públicos e transporte coletivo. Como a cartografia re(desenha) a todo momento nossos atraVERSAMENTOS, esse capítulo se apresenta à medida que as cenas são desorganizadas e assumem a fluidez do instante. Na primeira andança, convoco Felipe a percorrer as alamedas do *shopping* da cidade, local nada confortável para ele, ainda mais portando uma máquina fotográfica. Nesse movimento-câmera, Felipe fotografa tudo o que lhe chama atenção no caminho. Podemos dizer que suas imagens revelam potências que, ao esburacar o subsolo da cidade in(visível), impulsionam para a superfície o camuflável, aquilo que necessita emergir e possibilitar outras leituras da cena clichê. Não só Felipe registra imagens, nessa relação, os rizomas se apresentam numa velocidade para além do que se vê. Deste modo, esses cartões postais, entende-se:

O que se vê já não é só o que se vê. Há relações subterrâneas despercebidas em nosso campo de visão. Investimos nisso, na extração da imagem de uma zona de conforto e de estabilidade, na extração dos princípios que configuram contextos e ilustração para que dimensões espaciais de excesso, beleza e horror sejam recorrentemente revisitados. Fazer ver o que a imagem carregada de clichê nos impede. (PREVE, 2013, p. 53)

Esburacando mais um pouco o que não se vê, desterramos os banheiros públicos da cidade. A pergunta inicial é lançada às pessoas que lá estão: qual cena mais provocante, ou de novela, já foi vista nesse espaço? Assim, os acontecimentos vão re(desenhando) os potentes rizomas encontrados na pesquisa. A visita aos banheiros foi composta de dois momentos

cartografados no mesmo dia. Ao passo que o primeiro banheiro traz algumas reflexões sobre o pagamento de taxa para uso, cenas íntimas entre homens, meninos em situação de rua pulando a borboleta, o segundo provoca outras reflexões: por que a funcionária no local tenta apagar, com água e sabão, os rabiscos que estão escritos nas portas dos banheiros? E quem é a professora fulana, descrita na porta do banheiro, que é chamada de “puta e preconceituosa”?

Seguimos sobre esse andarilhar cartográfico, compreendendo a escola como implicada nas perambulações para além de seus muros, mas como um lugar que converge aos ambientes da cidade apresentados na pesquisa. As paisagens vão sendo escavadas pelo camuflável e anunciadas nas visitas compostas neste estudo. A escola trafega no *shopping*, nos banheiros e nos ônibus. Passeia em mim, em Felipe, em nós. Tudo é velocidade pulsante da escola performaticamente camuflável. A escola protagonista desse estudo passeia por toda a pesquisa desterrando e sendo re(mexida). Nesse capítulo, lembro do rabisco da porta do banheiro feminino: “professora Fulana é puta e preconceituosa”, com certeza essa frase marca o encontro de reflexões que nos estilham, cortando a cena camuflável.

No terceiro e último capítulo, “‘Abrem-se’ as cortinas: devir, afetos e jardinagens”, reflito sobre um caminhar que se faz no instante. Cidade-movimento rizomático, devir. A cartografia, por sua vez, compõe um recomeço a ser traçado, redesenhado e redescoberto. Apenas o início, um meio, mas nunca o fim de espetáculo dissidente, performático, subversivo e camuflável sobre os corpos estilhamados ao chão asfáltico. Chão de uma calçada de infinitos e múltiplos sujeitos que se convergem em binários, não binários, híbridos, fluídos, abjetos e/ou enQUADRAdos. Nessa terceira margem do rio transeunte, observa-se um debate sub(versivo), inconcluso e desafiador pelas encruzilhadas da cidade.

2 HISTÓRIAS AO PÉ DA GOIABEIRA: A TERCEIRA MARGEM DO RIO

[...] Meio a meio o rio ri
 Por entre as árvores da vida
 O rio riu, ri
 Por sob a risca da canoa
 O rio viu, vi
 O que ninguém jamais olvida
 Ouvi, ouvi, ouvi
 A voz das águas²

Junho de 2017. Buscando não tecer um debate inicial ou de “fim”, aposto nas andanças das in(certezas), busco o talvez para atualizar a textura teórica-poética. Bagunço o texto e início pelo entre. Assim, estabeleço a inventividade cartográfica das travessias. E sobre a re(existência), viro potência de uma arte: inventiva e sem cronologias. Aos trinta de junho de 2017, escrevo a poesia: *Escavando as relações afetivas.* E mudo mais uma vez o curso para o in(certo).

Histórias em choros, incensos, alfazemas e velas.
 Histórias de lágrimas que viram fênix.
 Histórias doloridas que invadem o confronto sobre o que ainda não sabemos o
 [que somos.

Histórias que poderiam ser diferentes.
 Histórias que sonhamos como novelas mexicanas.
 Histórias que traçamos caminharas.
 Histórias que pensamos e desenhamos o percurso.
 Me pergunto: Por que tornamos a cena tão clichê?
 Por que não buscamos a terceira margem do rio?
 Por que tivemos tanto medo de percorrer as in(certezas)?
 Por que preferimos acreditar nos oráculos?
 Por que preferimos as cartas que traduzem destinos cruéis?
 Por que não andamos levemente sobre nada saber?
 Habitamos agora esse barco in(certo) que está no meio do rio.
 Agora sem rumo... o que queremos?
 Fazer o percurso para alguma margem?
 Ainda não sabemos.
 Estamos experimentando as dores.
 Dores que nos implicam o íntimo para lugar algum?
 Às vezes pensamos voltar ao útero.

² Música de Milton Nascimento e Caetano Veloso, inspirada no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.

Re(colher)-nos a nossos casulos.
 Mas, precisamos virar borboletas.
 Seguir as teias das aranhas
 Buscar des(conexões) ainda não exploradas.
 O que precisamos nesse exato momento?
 Resistir e transformar mais uma vez o curso do rio.

O caminho percorrido para construção dos argumentos nesse debate científico é, antes de tudo, uma retrospectiva acerca das culturas de pensares sobre as normalizações sociais. Um debate que dialoga sobre fenômenos in/ex-ploráveis daquilo que habita nas entrelinhas de perambulações ocultas, invisíveis e silenciosas dentro de uma cidade de múltiplos sujeitos. Para isso, pretendo despertar e provocar os espaços, os tempos, os instantes. Através do devir de uma terceira margem (im)possível, busco, nessas linhas poéticas e des(agregadoras), sentir as expressões das VIAdaGENS³ ou não VIAdaGENS que vão além do padrão hegemonicamente imposto de clichês e imagens sociais fixas e imutáveis.

Passo agora por entre os fluxos do dispositivo da memória, assim, relembro do pé de goiabeira da infância, como era inesquecível estar sem camisa e subir naqueles troncos fortes. Ali, se era tudo ou quase nada. Ali, se era gente grande, se era homem, mulher ou qualquer outra coisa. Ali, não havia regras, moldes, fórmulas prontas ou qualquer episódio que buscasse uma direção sobre o que podia ou não. Deste modo, pensando sobre os diversos dispositivos, meus, seus, nossos, gostaria de convidar os leitores a se despirem e viajarem sobre diversos caminhos, para pensar a rua, a escola e nossas histórias sub(versivas).

Gostaria, como ponto de partida, do meio ou do fim, dialogar sobre minha construção “quase”⁴ identitária. É necessário ratificar que no momento assumo uma posição interseccional⁵ entre mulher, lésbica, preta, gorda, feminista da liberdade fluída, não binária, de fronteira, transgressora, sub(versiva), poliamorista... Trazer essa reflexão sobre o campo do “quase” é perceber que as questões interseccionais assumem linhas de fugas e resistências na medida em que não promovem um fim para a ação de sociedades normalizadoras. Linhas que atra(vessam)

³ Utilizo uma des(formatação) da palavra VIAdaGENS para provocar novos sentidos e mudanças de percursos. Não só essa palavra, mas, em todo o texto, provooco o leitor a des(focar) o universo da linguagem e escrita.

⁴ Faço uso da expressão “quase” para identificar que identidade é um processo que se monta e remonta cotidianamente na sociedade. Para aprofundar esse debate, sugiro um diálogo sobre os estudos *Queer*, da desconstrução, transgressão e de todo processo teórico que permite uma abertura sobre as in(certezas) e ausências de definições e conclusões.

⁵ Penso a interseccionalidade como um processo do devir que esburaca sub(solos), vai aos porões e traz o camuflável como nova categoria para pensar a performatividade dos estilhaços de corpos vidraças. Assim, não descarto autoras como a Kimberlé Crenshaw (2002), Piscitelli (2008), Avatar Brah (2006). Todas elas me fazem acreditar que a interseccionalidade é um campo ainda por construir, assim, as cartografias vão sendo tecidas através dos relatos, diários, poesias e fotografias.

sentidos potencializadores de suas intersecções e d(e)nunciam as opressões que re(existem) dentro dos universos excludentes. Criando uma ponte sobre o que pretendo tencionar no debate das interseccionalidades, busco as palavras de Crenshaw (2002, p. 176), possibilitando esburacamentos do não-lugar:

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível.

O estudo aqui proposto não pretende dialogar sobre construções de identidades, mas apresentá-las ao mundo como uma reflexão dissidente, sem local, com intencionalidades que provocam aberturas nos campos fluídos das subjetividades. Uma reflexão que possibilita novos pensares por entre caminhos que desabitam texturas de panos que moldam estereótipos e enQUADRAM suas potências inventivas. Uma reprogramação sobre o não-lugar que cartografa rizomas. Assim, a pesquisa vai sendo des(construída) sobre as in(certezas) dos espaços, desenhando possibilidades de zonas híbridas e des(montando) os sujeitos.

Creio ser necessário deixar claro que a minha proposição, antes de adentrar na pesquisa, se limitava a uma construção identitária, direcional e militante e/ou ativista. Hoje, trazer o debate interseccional é assumir uma posição em aberto, compreendendo os fluxos da história, seus rizomas e travessias, sem deixar de lado a potência política nessa abertura. A interseccionalidade é compreensão sobre as in(visibilidades), poder como algo não só repressivo, mas produtivo e relacional, o que ainda está por vir, ou melhor, tudo aquilo que vai se cartografando e trazendo re (existências) menos direcionais...

Assim, nesse cenário de movimentos, proponho uma viagem sobre o lugar e/ou não-lugar das intersecções. Acredito, portanto, na importância levantada por Crenshaw⁶, ao tratar de in(visibilidades) interseccionais como difíceis de serem identificadas, já que trazem diferenças nas diferenças. Apesar da leitura de Crenshaw (2002) me remeter à compreensão de que diferença é utilizada como sinônimo de desigualdade, quero deixar claro que mais do as afirmações, são processos que me inquietam nas suas escritas. Com certeza, seu legado constitui um importante passo nas discussões, já que propusera elaborar um modelo que identificava as formas de discriminação, além disso, como advogada, seu compromisso não se localizava em

⁶ A interseccionalidade se populariza com o “[...] texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989) [...] remonta ao movimento do final dos anos de 1970, conhecido como *Black Feminism* [...] cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo”. (HIRATA, 2014, p. 62).

esferas analíticas nas dimensões antropológicas, mas na criação de um protocolo de ação para as instituições de direitos humanos. Embora compreenda as contribuições que seus estudos deram para analisar as interseccionalidades, nesse momento, faço uso das palavras de outras autoras, a fim de para corroborar a ideia de que diferenças se diferem de desigualdade:

Como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, uma pergunta a ser constantemente feita é se a diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, se a diferença remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de agência política. Algumas discussões sobre interseccionalidade consideram que essa conceitualização é problemática porque coloca excessiva ênfase nos eixos classificatórios não prestando suficiente atenção à experiência. (PISCITELLI, 2008, p. 269).

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que: “sou feliz em ser gay”). (WOODWARD, 2014, p. 50-51).

Assim, as discussões aqui apresentadas pretendem trazer novas possibilidades para pensar os conceitos que vão sendo experimentados à medida que atraVERSAMOS o cotidiano da cidade e seus multifacetados transeuntes, no qual os panos de fundo estruturais são construídos e re(construídos), apresentando a sociedade binária e não-binária. São in(visibilizados) no início do teatro, mas também esburacam o sub(solo) da cidade híbrida por entre os rizomas e os não limites das categorias, afinal, a rua, a escola e as histórias que viram o avesso em versos se re(movimentam), entrecruzam em constantes fluxos nada fronteiraços, embora conectados. Todavia, volto aos troncos da goiabeira de minha infância e, a partir do não-lugar, começo as andanças cartográficas pelo entre e o talvez para des(montar) as travessias do texto.

Sendo assim, a cartografia, metodologia que ganha corpo nessa pesquisa, vai seguindo esse movimento de idas e vindas, compondo o ato de criação como uma maneira de pesquisar os processos de multi-furcações inventivas. A pesquisa sai por detrás da coxia, não como um espetáculo dos visivelmente in(visibilizados), mas para a reflexão de processos multifacetados e des(nivelados). Logo, trazer a cartografia como possibilidade de criação nesse estudo é compreender que acompanhar os processos, não representar os objetos, é um per-curso que se fundamenta antes do cartógrafo adentrar na pesquisa (BARROS; KASTRUP, 2015). Desse modo, todos os partícipes deste trabalho vão sendo re(configurados) à medida que se lançam as andanças do estudo.

Ainda sobre o atraVERSAMENTO cartográfico, desalinho a pesquisa buscando a cidade através da rua, da escola e de histórias como potência de travessias sobre os múltiplos sujeitos

que perambulam e tecem os cotidianos, adversos e rizomáticos. Todavia, essa narrativa vai costurando seus tecidos e, assim, propondo um diálogo no campo dos não enQUADRAMentos. O que era ou parecia como algo findado se rompe, provocando triturações nas múltiplas teias atravessadas pelos sentidos des(conectados). Tudo, então, se compõe como um movimento a ser redesenhado, o que nos permite compreender:

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escreve n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13-14).

Falamos de uma cidade sem fronteiras, de um espaço onde não há limites territoriais, um rizoma que escava os subsolos para trazer à superfície cenas do espetáculo dissidente. Ao levantar os des(territórios) para a nossa conversa, proponho a derrubada dos muros binários, dialogo sobre múltiplos corpos, reflexos que transitam nas ruas, becos, calçadas, asfaltos... Na fluidez desse espaço sem perímetros, a pesquisa habita visivelmente os in(visíveis), como diria Calvino (2003, p. 26), “[...] uma paisagem invisível condiciona a paisagem visível, tudo o que se move à luz do sol é impelido pelas ondas enclausuradas que quebram sob o céu calcário das rochas”. Nesse sentido, há uma necessidade de revirar seus fluxos, (des)configurar as correntes, atravessar o pensar, perfurar, diluir rótulos e estereótipos. A cidade, e tudo que emerge sobre ela, passa a ser entendida, por nós, pela força ressoante do devir.

AtraVERSO a escrita nesse momento pensando a hegemonia como um modelo que se constrói de acordo com elementos e categorias que estão dentro do padrão normativo, mas que, dentro e/ou fora desses padrões, aparecem abalando as suas estruturas nada sólidas, fixas e/ou verdadeiras sobre as culturas e seus corpos.

Trata-se, pois de saber em que medida alguns dos elementos da cultura política europeia são hoje patrimônio cultural e político mundial. Exemplifiquemos com alguns desses elementos: direitos humanos, justiça social, racionalidade científica, soberania popular. Estes conceitos foram proclamados em teoria e muitas vezes negados na prática e, como o colonialismo, foram aplicados para destruir culturas políticas alternativas. Mas a verdade é que também foram usados para resistir contra o colonialismo e outras formas de opressão. (SANTOS, 2008, p. 31).

Essa declaração de Santos (2008) nos propõe entender a hegemonia como um processo que, ao mesmo tempo que impõe culturas, absorve padrões culturais de outras, numa relação de trocas des(concertantes) sobre as múltiplas paisagens. Movida pela potência política da multiplicidade, os atraVERSAMENTos ao pé da goiabeira da infância, são re(existências)

híbridas que des(montam) as direções, não criando nenhum nicho cultural, político, ideológico, social e/ou cultural. Reflito sobre a diversidade das travessias de um pensamento líquido e fluído do que no centro, eixo ou padrão. Penso nas diversas margens e seus rios em cursos incertos, converso com os deslocamentos que re(viram) o verso pelo avesso.

Desmantelar a hegemonia como um lugar do não lugar permite que reviremos o que se entende como padrão naturalizado e bagunçe os espaços que foram considerados, desde então, sólidos. Dito isto, concordo com Santos (2008) quando nos propõe que o colonialismo destruiu culturas alternativas, mas foi re(mexido) pelas re(existências) contra-hegemônicas, deste modo, remete pensarmos hegemonia como uma via des(focada), que entrecruzam múltiplas formas “hegemônicas” e/ou “não-hegemônicas”. A aposta desse estudo é trans-gressora, de modo que me ousaria a pensar em caixa alta nos processos “hegemônicos”, como um desmonte menos fixo sobre o espetáculo clichê, já que seus terrenos são abalados por outros ou diversos conceitos que desestabilizam suas estruturas fixantes. A citação a seguir nos convida a refletir sobre essas variantes, re(existências), mudanças dos roteiros e divergências:

A ênfase no reconhecimento da diferença sem uma ênfase comparável nas condições econômicas, sociais, políticas que garantem a igualdade da diferença corre o risco de combinar denúncias radicais com passividade prática ante as tarefas de resistência que se impõem. Isto é tanto mais grave quanto é certo que nas condições do capitalismo global em que vivemos não há reconhecimento efectivo da diferença (racial, sexual, étnica, religiosa, etc.) sem redistribuição social. Por outro lado, o pós-estruturalismo levado ao extremo pode tornar invisíveis ou trivializar as formas dominantes de poder e nessa medida neutralizar a construção da resistência contra elas. (SANTOS, 2008, p. 27).

Não há uma escala de menor ou maior valor, tudo dependerá sobre quais hegemonias ou contra-hegemonias as subjetividades estarão inseridas. A potência de um devir nos permite o reconhecimento de interseccionalidades para além de narrativas identitárias, um caminho de atraVERSamentos desenhando, nos rizomas e suas potências inventivas, um cenário em que desigualdades não se constituem como sinônimo de diferenças, além de possibilitar o entendimento de que o poder se configura para além das opressões, tendo possibilidade de ser considerado como um ato relacional de re(existências). Deixo claro que os des(enQUADRAMentos) aqui apresentados não estão como ponderações inquestionáveis, mas uma possibilidade de repensares sobre as convenções sociais que nos tornam sujeitos.

A concepção do poder como localizável e repressor não dá conta da realidade histórica contemporânea, na qual o poder está em toda parte e opera também por meio da incitação dos sujeitos a agirem de acordo com os interesses hegemônicos. Nessa perspectiva, o poder deixa de ser algo facilmente associado a alguém ou a uma instituição, o rei ou a presidência, por exemplo, e passa a ser visto como uma situação estratégica em uma dada sociedade em certa época. Passamos, portanto, de uma teoria do poder para o desafio de lidar com ele como relacional, histórico e culturalmente variável, ou seja, por meio de uma analítica. (MISKOLCI, 2013, p. 28).

Apostando na potência de uma arte sub(versiva), vou trilhando caminhos des(conexos), por entre versos, prosas, músicas e fotos dessa terceira margem do rio. Na inventividade dos per(cursos), vou tecendo uma colcha de retalhos pelos des(vios) criativos desse rio de in(certezas).

O caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. É nesse contexto que surge a proposta do método da cartografia, que tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 55-56).

Pensando sobre essa perspectiva, deixo que o rio me leve, nos leve e re(faça) aprendizados sobre caminhos inexploráveis que seguem criando linhas de fugas, forças e resistências. “A política da escrita deve incluir as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto” (KASTRUP, 2008b apud BARROS; KASTRUP, 2014, p. 72). Deste modo, à medida que novos “problemas” surgem nesse espetáculo cartográfico, performativo e interseccional, o cenário se re(configura), abrindo possibilidades híbridas para provocar todos os participantes desta pesquisa, sejam eles sujeitos, pesquisadores ou leitores. Investindo neste caminhar, vou tecendo nas entrelinhas um aural i-legítimo pelo devir poético em uma afirmação pelo percurso aural de traços cada vez mais coletivos, expulsando uma necessidade de abrigo em reafirmações da escritura padrão. Os poemas e relatos já compõem a goiabeira.

Como o debate não é o enQUADRAMento social, busco ir além do campo dos direitos sociais, da militância e de todos os processos que tentam legitimar a unicidade como o foco de um projeto coletivo. Parto das discontinuidades a fim de bagunçar as perambulações múltiplas e plurais. Vejo as identidades como um elemento fluído, híbrido e divergente, e elas se cruzam e inter cruzam. Para tanto, a cidade ramifica-se, esburaca.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (HALL, 2015, p. 14).

Assim, acredito que o campo dos des(enQUADRAMentos) pode e deve sub(verter) os nexos das direções, possibilitando-as fluxos, pois enQUADRAr ou desenQUADRAr ainda assume uma variante binária. A pesquisa não pretende habitar o campo do “somos isso ou aquilo”, mas o do “talvez”, ou ainda que não saibamos o que somos ao habitarmos o campo do “entre”. É sobre essa morada de não ter um lugar fixante que a pesquisa vai andarilhando, ao perambular sobre o des(conhecido), explorando territórios e reelaborando novas rotas

navegantes pelo devir das terceiras margens dos rios. As autoras a seguir nos ajudam a compreender o processo inventivo desses atraVERSamentos, ao tecerem críticas sobre o que as ciências modernas falam da inventividade:

A ciência moderna inventa práticas de produção do conhecimento capazes de fazer desaparecer sua origem inventiva sob o manto da descoberta científica. O dispositivo experimental, concebido para realizar a separação entre sujeito e objeto, surge como dispositivo político, operando a hierarquização das invenções, ou, antes, convertendo uma delas na única representação legítima do fenômeno em questão. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 55)

Neste estudo, compreendo a ciência como um processo inventivo que se movimenta constantemente, quebrando paradigmas e provocando a construção de novos conceitos, com o intuito de acarretar rompimentos que tecem múltiplas teias. Não pretender hierarquizar os eventos, mas apresentar situações que surgem abertas e instigadas ao inacabamento, e não há falta de soluções. Per(correr) finalidades e intencionalidades, por entre sujeitos e objetos da pesquisa e provocar rupturas epistemológicas.

Neste e a partir deste cenário, construo minha trajetória pessoal e coletiva nas subidas, descidas e enrolamentos do pé de goiaba, sobre as diversas margens dos rios, como início de uma travessia para questionar o mundo fabricado de naturalizações e posições contrárias aos sujeitos “diferentes”, “anormais”, “pervertidos”, “performáticos”, sem encaixes ou enQUADRAMentos sociais. Assim, fui re(dimensionando) ou trazendo dimensões planetárias sobre minha “quase” construção identitária, através desses pontos de bifurcação, dos processos em curso, entre as pulsações do talvez, que “não pode ser aprendida em livros”, mas pela “prática continuada do método da cartografia” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 58).

2.1 POR DETRÁS DA COXIA: CARTOGRAFIAS, GOIABEIRAS E TRANSEUNTES

VERSOS EM BRANCOS REVERSOS

Visitando as cartografias sub(versivas)
 Vejo peles negras que des(terram) as entranhas
 Me pergunto que território é esse oh pátria amada, seu Cabral?
 Terra de tantos, que respeita poucos e abre cenas camufláveis
 Atrás dá coxia in(visibiliza) a cena clichê do mito da democracia racial
 Que foda-se a Casa Grande!
 São mais de quinhentos anos
 Aceitando ser MULA ou MULAto,
 Amanhã é mesmo dia de branco?
 Seu poema é reverso?

Quer falar de privilégios?
 Uma alerta: o racismo é estrutural!
 Minha religião é do demônio
 Minha pele a escuridão
 Meu cabelo o Bombril que arreja suas panelas
 E ai: todos são iguais perante a lei dos homens e de Deus?
 Mostro sentada a baobá
 As princesas negras, gordas, lésbicas...
 Conto a história sem os registros dos seus livros
 Refaço meu laço com o mundo
 E pinto em multicores a cartografia que segue des(viante).⁷

Quando me permito realizar um projeto para o mestrado em Educação, busco as memórias nos per(cursos) vivenciados como professora da rede básica do município de Feira de Santana. Nesse sentido, escolho as ruas, estradas, avenidas, passeios, calçadas da cidade como um objeto que re(movimenta) a tríade gênero, relações étnicas raciais e sexualidades a fim de des(velar) os rizomas dos galhos das goiabeiras. Sobre essa cartografia de galhos fluídos, converso com aqueles que compõem o território da cidade intitulada de “Princesa do sertão”⁸ e/ou para outros, terra de Lucas da Feira⁹, a emblemática cidade baiana de Feira de Santana.

Os sentidos, expressões e linguagens escolhidas e preteridas na/sobre a cidade, quando iniciei essa viagem cartográfica, me permitiram pensar em territórios cheios de de(marcações) sobre os espaços visivelmente vazios para os sujeitos sub(versivos), des(enQUADRADos), da terceira margem do rio. Convém deixar claro que minha intenção inicial era uma investigação na/sobre escola e seus arredores, mas, como a pesquisa foi des(terrando) e ganhando corpo, os sentidos que eram direcionais foram se ramificando.

As incertezas do caminho foram me des(estabilizando) à medida que provocam outros percursos. Cheguei a pensar qual escola seria, como poderia fazer, mas as cartografias anunciam as desordens do trajeto in(certo). Não existe um marco ao começar a mudar o curso do rio, mas uma potência no espaço educativo foi uma das razões inquietantes, quando me

⁷ Poema escrito pela pesquisadora em novembro de 2017, encontra-se no blog *Desmontagem das Pretas*: <https://desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial>.

⁸ A cidade de Feira de Santana, apesar de estar localizada entre a Zona da Mata e o Agreste, recebeu o título de “Princesa do Sertão” pelo escritor Ruy Barbosa durante uma conferência realizada na cidade entre os dias 23 a 26 de dezembro de 1919. Essa informação também pode ser encontrada na entrevista do professor Raimundo Gama ao programa *Olho na cidade* em 19 de fevereiro de 2002. Fonte: <<http://www.deolhonacidade.net/noticias/11988/ruy-barbosa-denominou-feira-como-princesa-do-sertao.html>>.

⁹ Muitos estudiosos, militantes e escritores preferem reconhecer a expressão “Terra de Lucas” para rememorar a participação negra na cidade através da figura de Lucas. Já outros preferem ofuscar essa história, trazendo uma imagem pejorativa e sem validade para a composição da cidade. Indico a leitura da obra *Sant’Anna da Feira, Terra de Lucas*, de autoria de Marcos Franco (2012), ilustrações de Hércio Rogério.

perguntava: como esburacar um território institucional, seus muros e seu entorno? Como dialogar fora e dentro da escola? Talvez esses questionamentos sejam um marco, embora acredite que esse estudo é a-temporal, fluido e rizomático. As ideias de Paraíso (2014, p. 43) me fazem repensar esses atraVERSAMENTOS, quando afirma que “Seguir um caminho por demais conhecido dificulta que saíamos do seu traçado prévio”. Por isso deslizei questionando se um lugar experimentado por mim, ao longo de dez anos como professora da rede básica de ensino, poderia des(terror), sem interferências, um olhar des(formatado).

Quando falo em potências dentro da instituição escolar, quero expressar toda sua forma, dentro e/ou fora de suas paredes. Um caso bastante inquietante, sobre as perambulações antes de começar a pesquisa, foi a sondagem realizada com a escola onde trabalhava sobre a possibilidade de desenvolver o estudo naquela instituição. A resposta subliminar dada na época apresenta uma negativa bastante diplomática: “Sabemos da importância da pesquisa, mas será que os pais dos adolescentes irão concordar?”. Não foram exatamente essas as palavras, mas a transferência do aval sobre quem poderia “validar” ou não o estudo a ser realizado ficou bastante claro nas entrelinhas. Deste modo, sou afetada e afeto a cartografia, então me pergunto: em qual lugar a tríade sexualidades, gênero e relações étnico raciais teria potência inventiva se não fosse na escola?

Já antecipando as escrituras da próxima subseção, “Fora do ato, troncos de performatividades compõem a cena”, onde apresento um poema que relatoauma situação de racismo institucional na escola posta em questão, além disso, identifico como essa situação constituiu um estopim para provocar re(organizações) dos percursos. Esse episódio não é a única cena por detrás da coxia que emerge à superfície de in(visibilidades), mas a cena potente absorve parte de mim e eu dela. Como realizar estudos em um lugar com tantas “certezas” ou “verdades” inquestionáveis? Assim, a escolha pela cidade que engloba a escola, ao ponto de trazê-la à superfície, foi uma possibilidade de “[...] estarmos abertas a rever, recomeçar, ressignificar, ou incluir novos pontos de vista [...]” (PARAÍSO, 2014, p.44), re(mexendo) e re(virando) a trajetória e tecendo outras margens de rios.

Ao desvelar o palco das in(certezas) do método cartográfico, possibilito des(construir) os cercados e acreditar nas entrelinhas amplas de terrenos em constantes movimentos ondulatórios, rizomáticos e em pontos de des(conexões) dos des(nexos). Tudo isso ancorado sobre as teorias não só dos esBURACAMENTOS da cartografia da cidade, mas nas linhas de fugas e resistências da interseccionalidade e nos atos de contestação e sub(versões) da performatividade.

Assim, a escrita passa a compor as teias de campos fluidos para relações des(organizadas) e des(enQUADRAdas) da cidade. Deixo as palavras fluírem nas cartografias. Dissolvo posicionamentos fixos sobre quem é oprimido e quem é opressor, mas andarilho sobre narrativas que são re(construídas) nos desenrolamentos cartográficos das terceiras margens, ao pé das goiabeiras. Estar em algum lugar, ou em nenhum deles, concebe o debate menos binário possível sobre as fronteiras que são cada vez menos dicotômicas ou polarizadas, assim: “Estar na fronteira não pressupõe a ideia de ocupar um lugar, mas, sim, de habitar um espaço, de fazer uma travessia; e, de falarmos de fronteiras, em certa medida estamos sempre falando de uma estrangeridade, de um corpo estrangeiro, de uma alteridade”. (LEITE, 2015, p. 153).

Desconecto-me ao pensamento de Miskolci (2013, p. 32) ao abordar a teoria *Queer*: “[...] o masculino e feminino estão em homens e mulheres, nos dois”. Prefiro a aposta de sub(versões) de categorias mais plurais para entender as complexidades de um devir. Abandonar uma dicotomia entre o sim e o não como primazia das discussões, preferindo o “talvez” e o “entre” como categorias que esburacam o “fixo”, o “centro”, o “eixo”. Somos um emaranhado de muitas coisas, ou nada delas, no momento, prefiro acompanhar as narrativas de Brah (2006), que não compactua com a ideia de diferença com desigualdade, propondo que o poder assume um ato relacional:

Já se disse que, ainda que repudiando o determinismo biológico implicado em discursos patriarcais, algumas versões do feminismo “radical”, por sua vez, constroem uma noção trans-histórica da feminilidade essencial que precisaria ser resgatada e recuperada para além das relações patriarcais. Uma premissa central do feminismo “socialista”, por outro lado, é que a natureza humana não é essencial, mas socialmente produzida. O significado de ser mulher – biológica, social, cultural e psiquicamente – é considerado uma variável histórica. O feminismo “socialista” montou uma poderosa crítica daquelas perspectivas materialistas que priorizam a classe, negligenciam as consequências sociais da divisão sexual do trabalho, privilegiam as heterossexualidades e dedicam escassa atenção aos mecanismos sociais que impedem as mulheres de atingir igualdade econômica, política e social. Essa linha do feminismo se distancia da suposta ênfase feminista “radical” na consideração das relações de poder entre os sexos como determinante quase exclusivo da subordinação das mulheres. (BRAH, 2006, p. 343).

Quero dizer sobre esses atraVERSamentos de não ocupar um lugar na cena do ato, possibilitam, nesse estudo, um desafio para a des(construção) daquilo que compõe amarras sobre as identidades. Desafio os leitores a pensarem nos des(locamentos) sobre linhas que se diluem a todo momento, tempo e/ou instante. Penso nas cartografias que provocam sujeitos a sub(verterem) e des(locaem) suas posições sobre o cotidiano da cidade; nas intersecções que provocam linhas de resistências a habitarem subjetividades do estar pelo “entre” ou o “talvez”, não ocupar um território pre(definido) e, na per(formatividade) que contesta a todo instante seus locais identitários, assumir uma composição do nada ou do ainda não explorado.

2.2 FORA DO ATO, TRANCOS DE PERFORMATIVIDADES COMPÕEM A CENA

Junho de 1986. O barulho das vozes, o cloro, a timidez, o cachorro-quente de carne moída e as músicas de fundo, “Sakalava onã ê”¹⁰. Como esquecer desse dia? Trajes que marcam o embaraço, reviram o des(compasso), sub(vertem) e re(inventam) fluxos des(conexos) de tempos nada cronológicos. Aos sete anos faltando um mês para completar oito, utilizei a performatividade e amei a possibilidade de criar novas potências sem pedir licença.

Figura 1 – Bicho da goiaba



Fonte: arquivos da família da autora

O “conceito” de performatividade utilizado neste estudo se relaciona com o entendimento dos atos de contestação, de sub(versão), da fluidez de ser várias coisas, nada delas ou simplesmente corpos carregados pelas regras, desvios e atos des(concertantes) que produzem significados, que trazem à superfície as cenas dissidentes do espetáculo de uma cidade, cenas que deslocam a ideia clichê. Trata-se de um conceito complexo, potente e em desenvolvimento. Um debate performático que submerge na derme dos corpos in(visíveis), seja os que estão ou não dentro padrões heteronormativos de sociedade, assim, a “[...] performatividade de gênero não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios” (BUTLER, 2013, p. 170).

É possível afirmar que o conceito de performatividade deve ser compreendido a partir de normas impostas aos sujeitos e com relação às quais eles podem viver ou entrar em

¹⁰ Sakalava representa uma etnia da maior ilha africana, Madagascar, e significa “povo dos grandes vales”. À época, na Bahia, a famosa Banda Reflexus fez muito sucesso ao ritmo da música *Madagascar*, que tinha entre os seus versos, “Sakalava onã ê...”

conflito, normas que vêm de fora, mas são internalizadas e literalmente incorporadas. Assim, o conceito de performatividade não fica fora do lugar em outros contextos sociais e históricos, pois alguns conceitos podem viajar, serem transferidos adequadamente a outra sociedade e até, em alguns casos, a outras épocas. Apenas é necessário usar o conceito a partir de seu sentido programático, de seu “espírito”, e não a partir de sua equivalência a uma analogia explicativa que só faz sentido em seu local de origem. (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 267).

Diante das normas que são impostas aos corpos, quero deixar claro que utilizo o termo performatividade não apenas como uma explicação sobre as regras aos corpos dos sujeitos e/ou uma apreciação de um espetáculo díade, protagonista versus antagonista. Apresento a performatividade como um conceito que “Não tem relação com atos teatrais que sugerem representações de papéis” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 267), mas como algo que impele as in(visibilidades) de seus corpos, sejam eles enQUADRADos ou des(enQUADRADos). Nessa pesquisa, a performatividade re(mexe) sujeitos que seguem fluxos de “identidades” direcionais ou não. Performatividade que amplia o múltiplo, ao falar de *gays*, lésbicas, héteros, binários, não-binários, monogâmicos, poliamoristas, entre outros.

Ao propor a performatividade, quero trazer um provocar dos sentidos, um fraturar em um des(configurar) direções normativas. Entendo, agora, que não buscava, na foto acima, a criação de um papel de gênero, mas um (re)nascimento, quase nada... bicho da goiaba, talvez. O borrão na imagem, e nas diversas imagens que serão encontradas nessa escrita, assume provocações ao des(conectar) linearidades, manchar o papel de parede dos tempos e/ou espaços.

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo e um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade substancial* constituída. (BUTLER, 2015, p. 242, grifo do autor).

Revolvo essa “temporalidade substancial” do gênero para des-a-fiar os fios das teias das identidades. Não estou aqui, nesse estudo, buscando discutir sobre as formas de sermos homens ou mulheres, de sermos heterossexuais ou homossexuais, enQUADRADos ou não, mas procuro desafiar as subjetividades sobre um caminhar das in(certezas) e, com as des(montagens) da cartografia da cidade, re(montar) o “[...] que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente [...]” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 15-16).

Por entre os troncos na goiabeira, a performatividade entra em cena para apresentar o processo que não está apenas oculto, mas em devir. Rememoro a transição da infância para a adolescência sob aqueles galhos retorcidos, onde podia performatizar as cenas e mostrar o corpo que expressava formas em desacordos com a naturalização das coisas. Nas goiabeiras, o conteúdo envolto era o que menos importava, o cheiro da goiaba verde, madura, bichada,

comida, era a forma que trazia as expressões do que estava pelo “entre” e/ou “talvez”, o que estava em devir.

Faz-se importante afirmar que não podemos negar os processos naturalizantes e a importância que a performatividade assume ao desterrar as normas impostas aos sujeitos. Não estamos interpretando, por mais que as cenas clichês queiram demonstrar, talvez, uma possível ação teatral, ela tentar representar um espetáculo em atos de contestação aos corpos. Nesse sentido:

Performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural”. (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 260).

Recomendo olhar as cenas e seus transeuntes de outra maneira, novamente e/ou como nunca vistos antes, em um sentido que se ramifica e torna potente os rizomas subversivos. Ao refletir sobre esses processos no devir, a performatividade caminha nesse emaranhamento de horizontes em des(nivelamento). Uma encruzilhada que se des(organiza) a cada abertura de cena, um ato de contestação que esburaca a regularidade imposta pelos padrões heteronormativos e também dos fora do “eixo”. Penso em performatividade como uma forma rasante de multiplicidades, como uma aparição que hibridiza as cenas fora e/ou dentro do lugar, uma subtração de atos que flutuam na superfície para trazer à tona várias potências rizomáticas que estão deslocadas nos atos subjetivos.

Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Se a “causa” do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do “eu” do ator, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem esse gênero aparentemente coerente são de fato deslocadas, subtraídas à visão. (BUTLER, 2015, p. 235).

Atos que compõem gestos, desejos, vontades e outros sentidos híbridos. Perambulações de lugares líquidos, que trazem a cena performática do “entre” e/ou “talvez”. Conceitos que não se mensuram em explicações, mas se ampliam em devir. Andarilha a “História que ninguém ouviu ou viu: a “terceira margem do rio”, título que compõe esse começo poético, des(agregando) o que se atribui como uma aberração social, já que seres híbridos permanecem fora do ato que compõe a própria cena.

Mesmo que esse estudo não priorize os campos identitários, é impossível não destacar, em alguns momentos, as identidades, já que fazem parte de um modelo social tanto normativo

quanto de des(construções). Fissuro, agora, esse espaço dialogando sobre os processos de montagens e des(montagens) dos papéis e contesto o re(enquadramento) dos corpos-sujeitos. Assim, parto de uma subjetividade pessoal para refletir o coletivo de muitas outras pessoas que se sentem “identificadas” com essas escrituras.

Quando pequena, fui des(montando), sub(vertendo) os papéis de gênero e fazendo minhas escolhas. Mesmo assim, passei a ser confrontada em um mundo composto de discriminações, opressões, invisibilidades e silenciamentos. Com isso, fui montando um mundo paralelo ao existente, permanecendo no armário e nas mazelas do preconceito racial, sexista e sexual, praticamente a infância e adolescência inteiras.

Junto à pesquisa que pretende ocupar as encruzilhadas (in)visíveis da cidade, sinto a necessidade de trazer um esboço das andanças que realizei na educação pública, como professora da rede municipal de Feira de Santana e de outras tantas quando estudante. Considero muito importante pautar a discussão sobre os armários impostos nas instituições de ensino. A regra e a padronização sempre tentaram ocupar o protagonismo da cena educativa, enquanto as diferenças e as subjetividades de alunas e alunos buscavam destituir os armários de suas viagens solitárias e/ou coletivas para denunciar toda a opressão. Miskolci (2013, p. 41) afirma que:

Em suma, é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer com demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de uma forma muito violenta. [...] A escola era partícipe do assédio moral de tal forma que, normalmente, a educação era *bullying*: você entrava e se enquadrava. Havia um currículo oculto, um processo não dito, não explicado, não colocado nos textos, mas que estava na própria estrutura do aprendizado, nas relações interpessoais, até na própria estrutura do aprendizado, até na própria estrutura arquitetônica, que continua a ser normalizadora.

Poderia afirmar que esse cenário ainda se faz presente, mas não posso deixar de reconhecer que os tempos trouxeram consigo mudanças significativas, não só em relação aos comportamentos sociais, mas nas paisagens que cartografam os sujeitos sub(versivos) que “provocam” a lógica excludente.

Na sombra do lindo pé de goiaba da infância, sinto o cheiro matinal, a escova de cabelo para impedir a exibição dos negros fios étnicos, o peso da mochila opressora que por anos depositou velhos e/ou novos padrões, enfim, todo um arsenal metódico para ir às aulas: a calça engomada (a escola não permitia jeans), o sapato conga¹¹ preto, o corte baixinho, tipo militar, nos cabelos masculinos, penteados femininos que não ousassem a espontaneidade de seus fios, as unhas aparadas, além de tudo isso, e principalmente, deixar na penteadeira de casa o batom

¹¹ Sapato muito usado pelas escolas como parte do uniforme nas décadas de 1970 e 1980.

vermelho e suas expressões mais sub(versivas). Foram anos meus e de tantos outros nas prisões entre o sim e o não, longe do talvez do devir. Ainda hoje, em muitas instituições, entendo a existência desse movimento pautado na visão colonizadora, no qual visava silenciar, punir e estabelecer formatos, embora seus estudantes reivindicuem seus corpos, expressões e/ou desejos, ousando desvirar a escola no avesso dos versos pulsantes.

Faço uso das ideias do filósofo Michael Foucault afim de compreender a importância do debate sobre corpos dóceis na escola, entendidos como modelagens que criam padrões de comportamento, estereótipos, formas de viver da humanidade que desconsideram o universo de diferenças, uniformizando os seres humanos como “homogêneos” e “ideais”, aplicando o poder disciplinar na garantia da homogeneização, adestramento e padronização:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...]. Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (FOUCAULT, 2009, p. 37).

Assim como o autor, também compreendo o poder como algo flutuante, que está em toda parte, tecendo discussões de corpos para além do doutrinamento ainda oferecido por algumas instituições escolares. Assim, estudantes transcendem e re(existem) dentro e fora da escola rachando as paredes institucionais, esBURACando a cidade e re(desenhando) outras cenas do espetáculo performático. Gritamos juntos: viva o boné! Viva o múltiplo em Deleuze! Estamos em disputas político-ideológicas, então momento pede transcendência para buscar novas formas de ver, sentir e ousar mais, subidas aos poucos troncos que restaram nas goiabeiras das diversas infâncias.

Meu percurso nesta pesquisa é, ao mesmo tempo, provocar atraVERSamentos cartográfico, interseccional e performático, um caminho que tece versos deslizantes, enfim, uma discussão sobre as pessoas *trans*(viadas)¹² que existem na/sobre e se fazem emergir dentro da cultura excludente, silenciosa, ocultada e invisível nos cadeados e entornos da cidade.

Outubro de 2016. Medos, choros, resistências... enlaces que desáquam e pulverizam horizontes de incertezas. Momentos que sub(vertem) as lógicas de pensamentos. Local de posições engessadas, enquadradas, normativas... Temporalidade da não aceitação. Sujeitos que re(significam). Tensões que esburacam os portões fechados da heteronormatividade. Redes sociais. Pessoas que sobrevivem entre

¹² Pensando no autor Richard Miskolci, utilizo o termo para falar sobre transitividade de gênero, movimentos plurais e desenquadrados. No *I Seminário Queer: culturas e subversões das identidades* (9 e 10 de setembro/2015, no Sesc Vila Mariana em São Paulo), o autor citou a seguinte frase: “Um gay e uma lésbica nunca é cisgênero”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOTbtqqU0MI>.

formas binárias in(visíveis). Optei, nesse dia, trazer a arte de um *deixar* poético, e assim, contar uma história que não teve início, meio ou fim.... Aos vinte e cinco de outubro de 2016, escrevi a poesia *Escrita a branquitude e re(elaboro) outras andanças na pesquisa*.

O que incomoda em tu, branca cor de neve?
 A minha cor forjada na resistência?
 A minha luta traduzida nas cozinhas alheias?
 A minha pele, o meu cabelo colorido, a minha sexualidade?

O que incomoda em tu, branca de olhos azuis?
 O único mês do ano que pode ser negro?
 Negro não é segregação!
 Negro é empoderamento!

O que incomoda em tu, branca de sangue azul?
 O meu sangue vermelho derramado nos canaviais?
 Esqueceu que fomos suas amas de leite?
 Esqueceu que educamos os filhos dos seus senhores?

O que te incomoda branca de privilégio?
 O barão ter desejado o corpo da nega?
 Acorda!!! Não existe consciência humana!
 Existe consciência preta, preta, preta, preta!

O que te incomoda minha sinhá?
 Os meus filhos frutos do estupro nas senzalas?
 Sei não, tenho minhas dúvidas...
 Pairam agora minha solidão traduzida em silêncio.

Isso não é um recado!
 Apenas um desabafo da negona.
 E não esqueça: Somos mulheres!
 Cada uma, em seu quadrado, talvez...

Somos muitas, pretas, brancas, amarelas...
 Continuamos estatísticas nos noticiários policiais.
 Ratificamos a vida privada de violências domésticas.
 A luta é minha, mas sua também!
 Que tal? Reinventarmos essa história juntas?

Espero que entenda meu discurso.

Ele é forte e sofrido.
 Não há vitimização ou ressentimento.
 Apenas um grito de lamento!
 Não conseguimos caminhar juntas...¹³

Sinto necessidade de justificar que a escola pública não deixará de ser problematizada, mas quero reafirmar o reposicionamento de nossos estudos e, nesta dinâmica cartográfica pelas ruas da cidade, trazer um debate flexível e des(conexo) sobre os diversos sujeitos que transitam e andam sobre seus espaços. Foram essas in(certezas) sobre o caminho metodológico que me levaram a esse re(posicionamento) sobre o estranhamento de habitar apenas escola, sendo a mesma parte da cidade e portanto componente desse estudo. A escola, a todo momento, será problematizada, mas ela é a cidade e a cidade está nela, por onde sentimos, vemos, ouvimos e experimentamos os não lugares. Desse modo, a dinâmica proposta pelo método cartográfico me propôs invadir a esfera das perambulações des(habitadas) de lugares bússolas, rotas e/ou pontos cardeais.

Quando trago o poema “Escrita a branquitude”, assumo uma reviravolta sobre a caminhada. Passo a compreender que travessias precisam ser realizadas na pesquisa, percebo a limitação das paredes institucionais e questiono-me: como realizar trânsitos sobre um estudo que remete a debates pós-estruturalistas dos estudos culturais, de gênero, *Queer* e os rizomas de Deleuze? Trago a problemática desses pensamentos por compreender que esta pesquisa sempre estará em aberto, provocando os tempos nada cronológicos e refletindo sobre a fluidez da cidade, seus corpos e atraVERSAMENTOS.

Como já foi dito na seção anterior, revirei a pesquisa pelo avesso, ao re(orientar) o seu lócus e assumir a cartografia como metodologia. Nisso, passar a escrever os poemas foi algo que surgiu com as aberturas das cenas, ao ter uma situação de racismo na escola em que trabalhava. Ainda sinto o nó na garganta ao lembrar da reunião pedagógica, na sala dos professores, abordando como tema principal o Novembro Negro. Os olhares, as expressões dos rostos, a posição dos corpos, o calor das respirações e o silêncio tecido pela palavra “macabro” (adjetivo proferido por uma professora sobre a cor escolhida para representar o mês de novembro) constituem uma cena esburacada sobre a palidez de uma cidade que trasborda performatividades.

¹³ Essa poesia, composta por mim, foi realizada depois de um episódio que denuncia um caso de racismo institucional em uma escola da Rede Municipal de Feira de Santana, sendo publicada no *Facebook*, em 25/10/2016, e no *blog Desmontagem das Pretas*: <https://desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial>. Ver nos anexos algumas atas e registros do Conselho Municipal de Educação, órgão ao qual fora encaminhada a denúncia.

O que se esconde por detrás do avesso da cidade? Estamos a falar de uma interpretação teatral? Alguém está representando algum papel? Com certeza, a potência desse ato ao tratar questões raciais sobre a ordem de um racismo que ecoa dentro dos portões institucionais não se refere a montar cenas e/ou personagens, são cartografias que discorrem sobre as cidades, reescritas a cada instante, assim, sai da coxa as potências inventivas. A performatividade expõe à superfície tudo ou quase nada, a interseccionalidade releva a fluidez dos múltiplos corpos e a cartografia vai se des(montando).

Como não pensar nos estudos sobre cultura, rizomas deleuzianos e estudos *Queer*? Trazer discussões sobre multiplicidade não é apenas olhar o subjetivo como algo importante, mas propor atraVERSamentos da coletividade, anunciar engessamentos sociais, regras travestidas, delícias, medos, desejos, preconceitos e, além de tudo isso, pensar as ruas da cidade nas suas formas e não apenas no conteúdo aparente.

Sobre os estudos *Queer*, trago alguns autores que dialogam sobre tal perspectiva. Segundo Miskolci (2013), essa teoria surgiu historicamente na segunda metade da década de 1980, com a epidemia da AIDS, sendo esse fato não apenas gerador de um pânico sexual, mas a partir da disseminação dessa síndrome foi aberta uma discussão sobre a repatologização da homossexualidade. Se antes ser homossexual era considerado uma doença mental, na década de 1980 surgia o movimento *Queer*, quando a homossexualidade passava a ser uma ameaça de contágio, uma epidemia que colocaria em risco a continuidade da humanidade. Miskolci (2013) ainda expõe as contradições entre o movimento homossexual e a Teoria *Queer*. Se para o movimento cabia aceitar os valores hegemônicos, adaptando-se às normas sociais, para os *queer*, o objetivo era mostrar uma crítica quanto aos padrões hegemônicos que engendram experiências de abjeção, vergonha e estigma. Salih (2015, p. 19) ainda aborda em seu livro “*Judith Butler e a teoria Queer*” que

A teoria *queer* surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito. A expressão “*queer*” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição – por assim dizer – fácil.

Os estudos *Queer*, ao abrirem um debate para além das problemáticas de gênero e sexualidades, possibilitam a abertura das discussões no campo histórico, político e cultural, nos provocando a pensar a sociedade de maneira múltipla e aberta, trazendo a noção de des(construção). Além de problematizar os en(QUADRAmentos) sociais, propõe o rompimento do controle social. Nessa mesma linha de raciocínio, Tiago Duque aborda que os estudos *Queer* visibilizam a heterossexualidade compulsória:

O queer visibiliza o caráter compulsório da heterossexualidade, a forma como ela embasa saberes e práticas sociais e, sobretudo, como a humanidade é prescritiva e só é reconhecida dentro de normas socialmente compulsórias, mas que, por serem históricas e culturais, são passíveis de crítica e transformação. (DUQUE, 2011, p. 33)

Beatriz Preciado (2014), quando cita Deleuze, abre um debate diferencial e subverte, provocando a teoria *Queer*. Acredito que suas argumentações, mais do que trazer uma crítica, permitem esburacamentos sobre os conceitos, além de remontar múltiplos atos que des(organizam) a composição dos percursos sobre as identidades.

Aparentemente, Deleuze não está interessado nos discursos que são produzidos em torno da identidade (embora ele mesmo confesse ter seu próprio gueto). Segundo ele, “o argumento da experiência reservada é um mau argumento reacionário” que peca por “raso realismo”. Nesse sentido, a homossexualidade não é para Deleuze nem identidade nem essência: “nenhuma bicha jamais poderá dizer com certeza ‘eu sou bicha’”. A comunidade homossexual não pode servir, portanto, como referente da verdade da enunciação de um “nós”, do mesmo modo que a identidade homossexual não pode servir como referente da verdade da enunciação do “eu”. O problema da filosofia, dirá Deleuze, não é tanto determinar quem pode pensar ou falar sobre o que, e sim como criar um conjunto de condições que permitiriam a todos e a cada um falar. (PRECIADO, 2014, p. 178-179).

Transparece nessa declaração uma fratura nos movimentos lineares que potencializam as teias rizomáticas, atingindo aqueles que não estão dentro da normatividade, como o “excêntrico”, “anormal”, “pervertido”, tornando-se ato criativo sobre pontos de bifurcações das múltiplas falas, atos e sentidos. Enfim, quebra paradigmas de sociedades padronizadas, do “centro”, do “eixo” e outros diversos em(QUADRAmentos) sobre a centralidade das identidades.

Baseada nessa compreensão sobre o atraVERSAMENTO de potências su (versivas), vou tecendo as teias argumentativas d/esta reflexão teórica ao falar sobre espaços cartográficos, da/na cidade do espetáculo, que re(surgem) junto às in(certezas) que me atravessam.

A interseccionalidade, nesse estudo, desterritorializa o *script* preparado para as personagens e desvenda o que está do porvir e/ou não está no roteiro. O que quero dizer é que as interseccionalidades não se baseiam em histórias marcadas, enumeradas, diretivas, mas em cartografias que vão surgindo. O sentido é bagunçar não só o texto, mas quem lê e/ou escreve, em um movimento que, se ligarem em eixos, se dissipam em ramificações. As interseções são subjetivas, não são enumerativas, podem não ter finais, mas têm finalidades, afinal, elas dizem e mostram os corpos ao abrir a cortina do espetáculo.

Refletindo sobre as provocações que são causadas ao sair da coxia, a interseccionalidade d(e)nuncia, ao ponto que a performatividade a-nuncia o espetáculo de corpos que se pulverizam em vários sentidos, sejam nas regras ou fora do padrão. Ao citar Gayle Rubin, Preciado (2014) reafirma as afirmações que alinhavo neste estudo, ao me permitir compreender as identidades

sexuais para além do rigor ou do percurso, enfim, em um devir que desmembra as obras das cenas normalizadoras. Assim, esse estudo:

[...] aponta a possibilidade de considerar a sexualidade como parte de uma história mais ampla das tecnologias, que incluiria desde a história da produção dos objetos de consumos (motos, carros etc.), a história da transformação das matérias-primas (seda, plástico, couro etc.), até a história do organismo (ruas, parques, zonas, estradas etc.). [...] Desde modo, a história da sexualidade se desloca do âmbito da história natural da reprodução para fazer parte da história (artificial) da produção. (PRECIADO, 2014, p.97-98).

O que pretendo com a citação é corroborar a ideia de um corpo líquido, sub(versivo), des(locado). Um tecido que revira o avesso ao anunciar outras margens, que dissipa trans(cedendo) os espaços, tempos, instantes e se re(organiza) ou se des(organiza), formando vários corpos de vozes que habitam o “entre” e/ou “talvez”. Ao entender as sexualidades como tecidos em colchas de retalhos multi(cores) - (sabores), permite-se que as cenas extrapolem o que dizem os roteiros, compondo andanças fluídas no espetáculo de corpos vidraças.

Assim sendo, a interseccionalidade abre a cena, não como um espaço demarcado sobre as múltiplas identidades, mas para provocar novos sentido sobre o “ser” e o “existir”, permitir aberturas dissidentes e potencializar as re(existências) de suas intersecções. Também nos apresenta um denunciar o mundo que, por sua vez, expressa um movimento, nos provocando a pensar nas várias margens e percursos dos rios in(certos).

As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por conseqüências, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas as vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. (CRENSHAW, 2002, p.177)

2.3 INTERSECCIONALIDADES PERFURARM A GOIABA DA CENA DISSIDENTE

Julho de 2017. Momentos que proporcionam sair das entranhas. Instantes que provocam habitar des(territórios) menos doloridos. Tempos que re(nascem) como fênix a des(dobrar) suas asas, que fazem voos gaiólatas e des(habitam) na entrega de um per(curso) para o não saber. Assim, des(alinham) os destinos que convergem em ser tudo ou quase nada. Aos nove de julho de 2017, pensando sobre a liberdade que tece os romances, escrevo a poesia *Dores e culpas de um passado ancestral*.

Passado que não sei dizer
 Dores que não consigo mensurar
 Culpas que não suporto carregar
 Venho pensando sobre essas questões
 Que rompem os laços fincados nas andanças

No nó que trava as vozes gritantes de bravas guerreiras
De mulheres que carregam os pesos e as medidas
Dos traumas que traduzem planos de carmas espirituais
Mesmo apostando no curso sobre margens in (certas)
Me percebo parada no meio de lágrimas que não cessam
Carrego agora em mim as dores das minhas ancestrais
Das mulheres que foram mutiladas em seus clitóris
Nos prazeres que foram roubados
Nas burcas que in (visualizaram) suas curvas corpóreas
Nas paixões que foram seladas pelos estupros nas senzalas
Lembro também, dos cabelos que precisaram e precisam ser alisados
Nas identidades que foram construídas
Nas direções que foram traçadas
Nos caminhos que não puderam virar a (núncios)-resistências
Lembro de todas as ancestrais:
Da avó, da mãe, da filha, da tia, da amante, e da filha da puta...
Lembro das a-terrorizantes câmaras de gás do holocausto
Das fábricas que serram os dedos
Das violências nos canaviais
Do patriarcado que provoca feminicídios
Do sorriso per (verso) das manipulações maternas
Vejo tudo, como um filme que compõe uma cena ofuscada
Lembro agora, do devir
Do que poderia ainda estar a acontecer
Do “entre”, do “talvez”
Passo nesse instante, a pensar nos fluxos
A re (virar) o verso
A re (montar) o poema
A pensar em destinos nada certos
Em horizontes que abrem fissuras
Que perfuram o sub (solo)
Que tecem colchas de retalhos
Que fazem o fuxico da cidade híbrida
Culpas que sub (vertem) as dores
Que destroem sem instrumentos as correntes
Que re (existem) a transformar as bússolas e rotas navegantes
Assim, penso em não carregar
Em não traduzir mais os pesos ancestrais
E devolver para essas mulheres suas lágrimas
Penso na cura que vira ato de criação
Na potência de tirar o piano das costas

Na divisão sobre não carregar mais todas essas mulheres
 Em compartilhar a liberdade líquida
 Que se traduz em poesia de voos gaivotas.
 Preta livre me torno
 E des (enquadro) os horizontes em confetes
 E assim, sigo para o caminho do nada saber e nem temer.

A discussão até aqui trazida busca fissurar os processos identitários e, com essa reflexão, criar resistências nos espaços fluídos e híbridos que habitam essas identidades. Híbridos ou “abjetos”¹⁴, nos forjamos resistentes por entre normalizações que renegam o fruto BICHADO das goiabeiras. “Inspiradas no trabalho Gilles Deleuze (1988) - filósofo da multiplicidade que pensou a diferença e o acontecimento - buscamos exaltar a diferença e a multiplicidade em vez da identidade e da diversidade”. (PARAÍSO, 2014, p. 33) e, com isso, pretendemos deslocar o debate sobre as identidades e diversidades, ainda que sejam pela vertente pós-crítica dos estudos culturais, que não é priorizado nessa pesquisa.

Mesmo “bichas”, “sapatão” ou “hetero-lgbtfóbicos”, somos diferentes e múltiplos, como a expressão dita por (BRAH 2006, p. 344): “Cada racismo tem uma história particular”, diríamos que cada sujeito é múltiplo em sua história, mas ele mesmo se difere dentro da sua própria multiplicidade.

Kimberlé Crenshaw (2002), em *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*, afirma que “[...] uma das razões pelas quais a interseccionalidade constitui um desafio é que, francamente, ela aborda diferenças dentro da diferença” (CRENSHAW, 2002, p. 9). Esse diálogo proposto pela autora permite brechas que fissuram as identidades, tornando-as cada vez mais líquidas. Essas identidades múltiplas me convocam a refletir sobre os fluxos rizomáticos dos territórios de fala de cada sujeito.

Esse debate sobre as diferenças dentro das diferenças é um chamamento crucial e necessário para tencionarmos as encruzilhadas (in)visíveis da cidade. Fluidos, abjetos, perversos, excêntricos, interseccionais... todos ocupam um lugar de in(certezas). Lugares de fluxos híbridos, des(montado) e múltiplo. Territórios que des(configuram) a “condição” da “norma” e/ou “padrão”. Nossa discussão, até agora, não se propõe a trazer respostas, mas provocar reflexões sobre um devir.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de

¹⁴ O abjeto designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornando literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito.

discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2014, p. 111-112).

Deste modo, as identidades des(territorializam) e impelem rachaduras sobre o chão do asfalto. Trazem a temporalidade como uma reflexão a ser problematizada, “nenhuma bicha jamais poderá dizer com certeza ‘eu sou bicha’” (DELEUZE, 1992, p. 21). É no habitar pelo “entre” ou “talvez” que “[...] desterritorializamos ou decompomos porque precisamos inventar uma outra margem de pensamento para nosso estudo” (PARAÍSO, 2014, p. 39). Baseado nessa compreensão, o trecho abaixo vem corroborar o pensamento de que:

Não temos um conjunto pequeno de diferenças. Por isso, no campo das sexualidades e dos gêneros, em específico, existem variadas formas de sermos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexos, homens e mulheres. Como podemos dizer então que somos todos iguais, reunidos em torno de número pequeno de identidades? Os pensamentos binários, muito utilizados, tentam a todo custo trabalhar apenas com duas categorias, como se elas fossem, inclusive, absolutamente puras. (COLLING, 2013, p. 410).

Somos multifacetados. Temos múltiplas posições e sentidos, ao passo que o debate precisa des(montar) locais fixantes. Deste modo, a argumentação de Colling (2013) me permite sair das amarras de edificações de cenas sobre os corpos. Embora o autor não desfragmente o debate, pensando para além de não se ter identidade alguma, colabora com as tensões do *status quo* dessas identidades. Para mim, é importante o que Deleuze (1992, p. 21) afirma: “nenhuma bicha jamais poderá dizer com certeza ‘eu sou bicha’”. Pensando sobre as linhas de fuga que encontro na citação a seguir, sobre o d(e)nunciar da interseccionalidade,

É menos provável que a vulnerabilidade interseccional seja identificada onde a análise dominante está estruturada como uma investigação categórica (ou de cima para baixo) sobre como as discriminações colorem nosso mundo social. [...] Portanto, a atenção à subordinação interseccional exige uma estratégia que valorize a análise de baixo para cima, começando com o questionamento da maneira como as mulheres vivem suas vidas. (CRENSHAW, 2002, p. 182).

Essa compreensão interseccional, além de abordar as diferenças das diferenças, corrobora a ideia de que a opressão atinge cada pessoa de maneira diferente. Sobre essa perspectiva, as intersecções podem se constituir em resistências potencializadas e em in(visibilidades) interseccionais. O que queremos provocar não é uma escala opressiva, mas um des(locamento) sobre o modo de pensar o poder e a diferença. Acredito que a interseccionalidade é um debate inacabado, algo que está acontecendo no momento presente. Avalio a pertinência de não se desprezar nenhuma discussão, embora me apoie mais para as discussões que pontuam o poder como uma relação ao invés de opressão, e diferença como subjetividade, não como sinônimo de desigualdade. Nesse movimento, nosso estudo propõe perfurar os cenários, sejam eles enQUADRADos ou não, cabendo a reflexão:

O debate sobre as interseccionalidades permite perceber a coexistência de diversas abordagens. Diferentes perspectivas utilizam os mesmos termos para referir-se à articulação entre diferenciações, mas elas variam em função de como são pensados diferença e poder. Essas abordagens divergem também em termos das margens de agência (*agency*) concedidas aos sujeitos, isto é, as possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente. (PISCITELLI, 2008, p. 267).

Apostamos que os debates interseccionais permitem conhecer variadas histórias, suas travessias, atraVERSAMENTOS, o “entre” e/ou “talvez”, em vez das direções sobre o que somos. Um ato que, simplesmente, d(e)unucia as re(existências) híbridas. A resistência que proponho é um ato de sub(versão) que d(e)nuncia a vida de cada sujeito. Artes des(agregadoras) em poemas/poesias/fotografias que potencializam a fortaleza de re(montar) fluxos e fissurar as entranhas normalizadoras. Nesse sentido, trago a interseccionalidade para dialogar sobre a multiplicidade de identidades que entrecruzam, dialogam e se ramificam nos espaços da cidade:

É verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Quando trago essa afirmativa, quero corroborar as argumentações de Brah (2006, p. 343) quando nos alerta sobre algumas versões do feminismo radical¹⁵, ao trazer “[...] uma noção trans-histórica da feminilidade essencial que precisaria ser resgatada e recuperada para além das relações patriarcais”. Pretendo apostar nas diferenças, alertando que não existe uma escala opressiva, afinal, as intersecções transitam entre dores, sabores, olhares, delícias e paisagens, mas não pretendo deixar de compreender o passado histórico de exclusão das mulheres, porém entendo as armadilhas criticadas por Brah (2006, p. 343) de “[...] representar as capacidades reprodutivas das mulheres como indicadoras de certas qualidades psicológicas que são única e universalmente femininas.”. Diante dessas declarações, afirmamos que entendemos a complexidade na construção de relações patriarcais, onde homens, mulheres, *gays*, *lésbicas*, *transgêneros* ou quaisquer outras identidades de gênero sejam capazes de produzir opressões, não sendo algo exclusivamente do gênero masculino.

Desse modo, ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens. Busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalistas a respeito da “Mulher” ou do “Homem”. (LOURO, 2013, p. 26).

¹⁵ Feminismo que surgiu na década de 1960, na segunda onda do feminismo, em que busca reordenar radicalmente a sociedade eliminando a supremacia masculina da sociedade, pois acreditavam que a opressão seria proveniente do patriarcado, no qual homens são opressores às mulheres.

Sendo assim, trazer o arcabouço dos estudos pós-estruturalistas baseados nos estudos *Queer* nos leva a pensar em movimentos e funcionamentos das sociedades compreendidos como inconclusos, longe de definições concretas, fixas e imutáveis. Assumindo os paradoxos, as incertezas, os falsos trilhos, os frutos bichados das goiabeiras, compreendendo as cartografias, as andanças e os atraVERSamentos. Nessas andanças, vamos nos permitindo desmitificar certezas ao perambularmos por algum lugar, ou lugar nenhum, nessa teia de goiabeiras deslizantes.

Dezembro de 2016. Nos papos-travessias, a descoberta sobre novas possibilidades. Cura das cicatrizes pela fala que se anuncia com legitimidade de quem conhece e habita o inexplorável. Nesse sentido, me permito aprender seus esburacamentos e me lanço ao des(conhecido). Por entre as texturas da cidade, vamos sendo tocados e tocando os acordes musicais. Mapeamos novos territórios e a imagem dão a cena sobre falas performáticas. A fotografia que parecia vazia ganha a cena do ato contestação.

Antes de começar a descrever sobre quem são, onde estão e como comecei a definir ou redefinir os sujeitos desta pesquisa, vou sendo embebida pelas cartografias e deixando que o caminho se monte ou remonte. As cenas vão sendo anunciadas por Felipe de Jesus, o sujeito-pesquisador desse estudo, mas, como ele chegou à pesquisa? Quais potências Felipe revela nesse estudo?

Pensando sobre a multiplicidade da pesquisa, a fluidez dos gêneros e sua inventividade sobre o “local” do des(habitar), apresento Felipe de Jesus como aquele que torna potente o “entre” e o “talvez”, o que provoca travessias ao apresentar as cenas performáticas. Nesse sentido, esburaca o sub(solo) da cidade, trans(formando) o pensar, ver e sentir das ruas da cidade. Enfim, Felipe, através de seus diálogos e andanças, re(mexe) as paisagens e é re(mexido) pelas cartografias. Assim, vamos andarilhando, eu e Felipe, sendo provocados pelos múltiplos olhares, significados e direções, para anunciar, através das re(existências), um d(e)nunciar de visibilidades invisíveis.

Desse modo, a pesquisa vai se re(organizando), quando numa praça da cidade, em um evento de aula pública¹⁶, palestro sobre as opressões vivenciadas na Educação Básica e como projeto de lei “Escola Sem Partido” tem colaborado para reafirmar tais opressões. Falo sobre os objetivos no mestrado em educação, organizo um pequeno grupo de interessados pela discussão, surgindo, em seguida, um grupo de *WhatsApp* intitulado “Diálogos”. Foram diversas

¹⁶ Esse evento foi a Aula Pública sobre a PEC 241, realizada na Praça de Alimentação de Feira de Santana, em 10 de novembro de 2016, às 15h.

tentativas para uma reunião presencial, quando, em 16 de dezembro de 2016, apenas Felipe de Jesus compareceu. A proposição para este primeiro encontro foi tecer um bate-papo sobre a proposta da pesquisa e assinatura do termo de consentimento. Estávamos eu, Felipe e a orientadora. Começamos o papo com apresentações, falamos sobre uma variedade de assuntos, inclusive a dificuldade de organizarmos uma reunião presencial com todos que estavam no grupo. À medida que as falas ocorriam, fui percebendo a potência das colocações de Felipe, sujeito que perambula pelo universo da cidade.

Isso fica evidente quando, no bate-papo, conversamos sobre a aula pública “A escola sem partido”, então provoco Felipe a pensar em outras possibilidades sobre o grupo de pessoas reunidas naquela oportunidade. Ele sub(verte) e re(organiza) a fluidez das direções, traduz as linhas de fuga, re(existência) e des(alinhavo) da pesquisa:

Bem, como eu comecei a falar, a gente vai no nosso caminho, seguindo ali em frente. Chega lá adiante tem uma roda de pessoas assim, uma reunião, uma galera reunida. Com certeza, assim, a gente é acostumado a passar naquele caminho ou a gente vai andando e olhando para cara onde a gente nunca encontrou, assim, aquela galera. A gente não costuma encontrar direto, a gente vai estranhar. Porque é o que a gente não sabe o que tá acontecendo no momento. Mas é o que cabe, parar lá adiante, lá, observar o que tá acontecendo. (...) ou teve algum acidente e a galera tá reunida para tentar salvar ou... alguma galera Assim, tá reivindicando alguma coisa, algum ato, algum protesto enfim né... uma reunião de artistas... (transcrição do bate-papo de 16 de dez. de 2016)

Essa fala me levou a pensar sobre in(certezas), sub(versões) e ato de criação, na medida que trouxe múltiplas possibilidades de des(montagens) dos corpos-espacos-movimento. Sua fala ex-pele fluxos, travessias e des(construção) de sentidos, setas ou direções.

Analisando um outro momento, o sujeito/pesquisador tece comentários sobre uma roda de conversa que participei no Mercado de Artes da cidade, referente à comemoração da data sobre a Consciência Negra, em novembro de 2016. Neste momento, Felipe coloca em cena o *camufável*, termo-conceito que traz o estopim de base analítica da pesquisa para provocar novos sentidos para a performatividade, seja ela entendida como ato de contestação e/ou bomba moral convergindo em potências de resistências fluidas que des(agregam) e abalam o chão normalizador dos corpos in(visíveis).

Felipe analisa que, quando me apresentei no espaço enquanto mulher, negra, lésbica e todas as outras intersecções, o (des)conforto foi trazido à cena, como um ato de a-normalidade. Disse-me: “Quando você deu as costas, a galera tocando o pau. Isso é o *camuflável*”. As apreciações trazidas por Felipe abrem as cortinas para apresentar o espetáculo da cidade de atores camufláveis. Desse modo, os corpos se des(montam), transparecem as máscaras que travestem binarismos de falas enlouquecidas e a performatividade abre o pano de fundo por detrás da coxia para per(correr) movimentos que rasuram a textura da cena normalizadora. Não

quero, com isso, provocar o sentido que só as falas se constituem em camufláveis, mas eu, Felipe e todos aqueles que compõem a cena normalizadora de opressões, sejam os que lutam contra ela ou os que permitem que ela continue a ocupar a cena clichê, são camufláveis. Por entre a janela ENTREaberta, vejo os fluxos dos carros em sentidos duplos. No tráfego nos permitimos habitar os microespaços e refletir sobre o macropoder. A resistência potencializa a abertura de buracos que des(constroem) a cidade, tornando-se invisivelmente visível:

Os lugares derrapam, as máscaras profissionais ou institucionais ou mesmo pessoais que cada um sustenta caem por terra, deixando entrever dimensões inusitadas da inquietante “normalidade” cotidiana que nos rodeia. [...] A partir de uma conversa trivial, aparece a impotência, a miséria afetiva, a blindagem sensorial. Com sua câmara desfocada, que põe em xeque o ponto de ancoragem do discurso, cria-se um hiato entre imagem e fala, e uma espécie de suspensão no automatismo da compreensão. (PELBART, 2013, p. 241).

Os sujeitos, por sua vez, esburacam, através de suas potências, os espaços de uma cidade de invisibilidades visíveis (ou de uma visibilidade invisível?). Uma cidade que monta e (des)monta seus corpos de vidro e, no (des)enQUADRAdo, revira o duplo sentido e (des)tece os binarismos automotivos dos carros que vem e vão. A terceira margem fissura portas, janelas, becos, velas, cheiros e sabores. Esburaca eu, os poemas, Felipe, as pulseiras, os rabiscos... e a(nuncia) e d(e)nuncia as linhas que diluem o camuflável para virar performatividade a hibridizar a moral contestadora da cidade fluida.

Gostaria de dialogar um pouco com uma citação de Butler (2015, p. 244, grifos do autor), quando diz que “Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*”. Ao reconhecer a multiplicidade dos gêneros, compreendo que a interseccionalidade abre um leque muito importante nessa discussão, pois, além de trazer o d(e)nunciar através das linhas de resistências, corrobora as análises sobre identidade e diferenças.

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014, p. 76, grifos do autor)

Como identidade e diferença compõem uma cena que se inter cruzam, virando ato de criação, penso que Felipe propõe uma rasura na pesquisa e na cidade. Ao tecer e ser tecido nas paisagens, ele vai d(e)nunciando as cenas, ora des(enQUADRAdas), ora de papéis impostos pela heteronormatividade.

Assumir uma rasura é provocar perfurações no sub(solo) da cidade. Em vários bate-papos nossos, Felipe abre a cena camuflável. Rememoro quando estávamos sentados em um bar da cidade e, ao paparmos sobre nossas aventuras pelo “entre” e/ou “talvez”, Felipe afirma que “tudo depende do momento”.

Quero deixar explícito que não pretendo analisar Felipe, mas as potências inventivas que ele me provoca, e ao citar a expressão acima, me possibilita des(trancar) as discussões guardadas em um baú cujas chaves foram jogadas fora. A frase segue, interrogando a si e a sociedade: heterossexuais não deixarão de ser heterossexuais se dependerem do momento que sejam interpelados pelo mesmo sexo? Ou heterossexuais serão homossexuais, bissexuais, pansexuais se tudo é o momento? Essas perguntas, para mim, tendem a ter sentido se refletirmos que “[...] gênero se constitui com ou sobre corpos sexados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.” (LOURO, 2013, p. 25-26).

A fala d(e)nunciada por Felipe tumultua os sentidos direcionais fabricados pelos armários identitários e a-nuncia cenas híbridas, rizomáticas, de per(cursos) in(certos) que vão des(territorializando) as subjetividades. Felipe “depende do momento”, e ao traçar e ser traçado, explora cartografias que vão permitindo os fluxos deslizantes, in-exploráveis e interseccionais.

Assim, as intersecções vão compondo os atraVERSAMENTOS. O rasta “depende do momento”, peregrina pela cidade com pulseiras por ele tecidas, produzindo diálogos, pintando as cores nos per(cursos), gastando seus calçados, escavando os múltiplos olhares. Perambula des(configurando) as cenas e traz ao palco um espetáculo que impulsiona movimentos de teias que desbotam, através de lindos arco-íris, a rigidez ofuscada dos tons cinzas da cidade. Desse modo, eu, as poesias, fotografias, rabiscos e o sujeito pesquisador Felipe de Jesus vamos passeando e performatizando as VIAdAGENS ou não VIAdAGENS da pesquisa e seus tons polícores.

É importante ter em mente que, tal como muitas das formulações de Butler e como as categorias de identidade que ela está descrevendo, performatividade é um conceito cambiante que se desenvolve gradualmente ao longo dos vários livros. Isso torna difícil defini-lo com alguma precisão, mas novamente significa que a forma e o método da escrita de Butler colocam em ação a teoria que descrevem. (SALIH, 2005, p. 22).

Performatividade como algo cambiante a decompor os tons acinzentados da cidade ofuscada por nevoeiros. Ressoar por novas performances, des(configurar) a cena e o ato para emergir o camuflável, como aquele que tece os movimentos da cidade interseccional. Assim, performatividade vira ato que contesta e re(existe), sem a precisão de definir algo ou alguma

coisa, apenas como palavra/conceito que esburaca o chão, a fluidez e os cenários desnivelados de sistematização. Evidências de linhas que se diluem, fazendo reascender outras potências.

Quero afirmar que eu, pesquisadora/sujeito e meu parceiro de caminhada Felipe de Jesus, sujeito/pesquisador, não legitimamos ou tomamos para nós esse espaço da pesquisa como nosso local de fala, mas daqueles que compreendem a cidade como sub(versiva), transgressora, local de potência e devir. A cada chinelo ou sapato gasto para percorrer esse espaço, vou percebendo que não estamos sós nessa empreitada de resistências híbridas.

Neste sentido, a análise não pode inferir dos sujeitos – além de seus desejos conflituosos com a ordem de gênero vigente – um plano ou mesmo a capacidade de romper com as normas socialmente impostas. Pode, isto sim, apontar formas de subjetivação que resistem de maneira a constituir sujeitos singulares, seres que produzem diferenças. (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p.258)

Assim, habito junto com Felipe e os sub(versivos) as praças, banheiros, *shoppings*, ônibus, ruas, becos, entradas, vielas, paisagens e demais ambientes como uma possibilidade de problematizar as vivências dos espaços-travessias da cidade. Aposto na execução de uma escrita des(locada) para dialogar com as escutas de seus habitantes, trazendo discussões sobre outras possibilidades de (des)construções na cidade e, assim, falar sobre não-binarismos, ou melhor, aqueles que habitam a exclusão de uma cidade forjada pela lógica binária. Como não pensar na terceira margem? Nas perfurações do pé de goiabeira? No “talvez” ou/no “entre”?

Primeiramente, digo que foi um processo de libertação sobre as amarras normalizadoras. Esse processo de idas e vindas sobre a pergunta “quem são os sujeitos desta pesquisa?” foi extremamente necessário, apresentar a ideia de que, por entre a fluidez múltipla, todos se constituem sujeitos. Explicito isso porque, quando iniciei os estudos no mestrado, havia uma direção linear, em que considerava apenas a escola como o lócus e os sujeitos os alunos, eu ainda não percebia que a cidade re(nasceria) como um lugar que habita a escola, as ruas e as demais travessias desta pesquisa.

Finalizo esse capítulo pensando nas aventuras no quintal da casa de minha infância, os cheiros das mordidas nas frutas dos variados pés de árvores, em especial, rememoro a goiabeira onde imaginava histórias fantásticas, subir e pensar na velha casa na árvore que meu irmão Marcos dizia que iria construir, me soltava os risos e me deixava na expectativa desse dia que convidaria todos os amigos para ver o lugar em que tudo podia e tudo imaginava. Hoje, quando penso na goiabeira ou na minha “casa na árvore”, exploro a imagem daquele homem sentado no barco, em meio ao rio que Guimaraes Rosa escreveu, e pergunto: serei eu, Felipe e os múltiplos desta pesquisa aquele velho homem que renegava a direção de um destino pouco poético? As cartografias aguçam os sentidos, os versos, os instantes. As cartografias sugerem

percursos inexplicáveis, intensas travessias sobre AtraVERSAMENTos que viram os avessos em versos, talvez.

Becos, vielas, ladeiras, escadarias...
 Perambulações que fazem travessias
 Sapato gasto pelas ruas do asfalto vazio
 Mãos que tecem as linhas da resistência
 Dão os tons e cheiros das paisagens
 Nas conversas de caminhadas in (visíveis)
 Andarilham os pés de quem constroem
 Por entre as des (ordens)
 Os sentidos contrários e ad (versos)
 Que toca livremente a cartografia da cidade
 Nesse momento de caminhada des (habitada)
 Quebra direções retilíneas
 E nas falações rizomáticas
 Traz o ato de contestação,
 Bagunça a performatividade
 E originalmente, apresenta o camuflável para dar sentido ao texto
 Provoca o conforto da cidade des (confortável)
 Devasta as câmeras de monitoramento
 Cria novos conceitos
 E segue sua jornada
 Re (montando) a pesquisa
 Pelo tráfego inabitável¹⁷

Figura 2 – Fios, monitores e frutos BICHAdos



Fonte: Arquivo da autora, 22 de janeiro de 2018

¹⁷ Aos 23 de julho de 2017 escrevo a poesia “Andanças da Performatividade”.

3 PER(FORMATIVIDADE) DO CAMUFLÁVEL: O “ENTRE” E/OU “TALVEZ” DOS CORPOS DE VIDRO

3.1 GALERIAS DO DES(CONFORTO)

22 de março de 2017. Resolvi escrever algo que diz respeito aos corpos de vidro, meu e de tantos outros e outras. Acordei cedo, peguei o notebook e comecei a escrever sobre o que ouvi falar e sobre as imagens televisivas que anunciaram professores da rede municipal de Feira de Santana, causando “tumulto” na câmara de vereadores, ao jogarem uma cadeira no vidro que separa edis do povo que assiste as sessões. Depois., publiquei no facebook, compartilhei no whatsapp e li na assembleia dos professores(as) no dia 24/03/2017:

Figura 3 – Vidraças TRANSPARENTES



Fonte: *Printscreen* do vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TApeVjs_F_c

CÂMARA MUNICIPAL FEIRENSE: UM DIÁLOGO POR ENTRE CORPOS DE VIDRO

O vidro é um objeto transparente. Está nas portas, janelas, mesas... em toda parte. Óculos também são de vidro. Será que podemos afirmar que vidros nos dão visibilidades? Será que vidros são ambíguos e seguem nos negando o visível? Estou ainda bem confusa sobre isso, mas vamos lá. Passei parte da minha vida achando que vidros seriam apenas vidros. E eles não são? Não sei, depois do dia 21/03/17 (momento de tensão na Câmara Municipal feirense) comecei a achar que vidros são mais do que simplesmente vidros. Espero que ao longo desta conversa consiga ESCURECER essa afirmação.

Dia 21/03/17 traz várias in(certezas) sobre a função, o papel e a representação do vidro. Vou me colocar neste momento a relatar um episódio ocorrido nesse dia tentando ouvir a voz do vidro. Afinal, vidros também falam, embora não possuam advogados de defesa ou acusação. Nesse dia 21 a Câmara Municipal feirense traz para as suas galerias uma discussão que muito abalou o vidro que separa parlamentares do povo. A discussão era clara: AUMENTO DA ALÍQUOTA DA PREVIDÊNCIA de 11% PARA 13%¹⁸. Como poderia o corpo de vidro não ficar furioso? Esse aumento colocava à prova a sua existência e, assim, segue o vidro ganhando notoriedade na cena: de um lado parlamentares cheios de razão aprovando o projeto do executivo municipal. E do outro?

Desculpe-me! Preciso falar do outro lado: professoras e professores desde o dia 15/03/17 em luta contra a reforma da previdência. Difícil o vidro não tomar partido. O vidro já ouviu, viu e conteve o silêncio, desde de quando fora colocado naquele lugar para separar povo dos vereadores. E agora, não dava mais! “Olhem para além do que sou, para além do aprisionado, para além do visível. Me leiam nas entrelinhas. Me libertem, por favor!”, berrava em silêncio o vidro. A violência não chega igual para todos. Para alguns, diariamente, a violência vem com mais força (pobre, negro, professor, nordestino, homossexual) com o peso do preconceito e da exclusão.

Vereadores resolvem, no momento em que professoras e professores estão em números nas galerias da câmara, barrar e silenciar o vidro falante, e anunciam: chamem a polícia para conter os baderneiros! Esse vidro precisa se conter!

Passo agora, se é que me permitam, a escutar o barulho do silêncio. Polícia a postos versus professores e suas palavras de ordem “polícia é para ladrão, para professor não!” Daí o resto... O camburão, a truculência, a repressão, a violência... Isso com certeza não passou na TV: intimidação às mulheres, repressão aos corpos negros, violência e mais violência... De quem é a culpa de toda essa desordem? Muitos dirão que é do vidro. Outros perguntarão: por que jogaram a cadeira no vidro? O movimento estava tão lindo! Corre, corre, corre! Polícia, polícia, pega ladrão! Neste momento o vidro anuncia: “eu sou blindado, fui construído para barrar o diálogo. Fui forjado na tristeza do feirense. Estou aqui a tempos e nunca poderei ser deslocado. Sou sozinho e solitário. Tenho barrado vozes de corpos de vidro há anos, corpos que vejo para além dessa minha vidraça que espelha.”

¹⁸ Projeto de lei do Poder Executivo municipal que visava aumentar o valor do desconto da Previdência Municipal no ano de 2017 para 12%, em 2018 para 12,5% e em 2019, 13%. O papel da manifestação era acompanhar a sessão exigindo posicionamento contrário dos vereadores sobre o projeto. Vários sites divulgaram matérias sobre a situação, no qual, falava-se sobre o arremesso de cadeira no vidro da câmara, como, por exemplo, no endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/03/votacao-tem-clima-de-tensao-e-acaba-com-empurroes-na-camara-de-feira.html>.

Precisamos, nesse exato momento, fazer a seguinte reflexão: qual o intuito de televisionar o corpo de um professor negro pulando a janela? Criminalizá-lo? Criminalizar seu corpo negro? O movimento? Me digam, agora, qual o intuito das imagens? Respiro fundo e, nesse exato momento, me vêm as poucas lágrimas que ainda me restam... São longos anos de invisibilidade imagética. Onde estão as representações de meu povo preto? Eu diria em todos os lugares, mas em lugar algum.

E necessário ressaltar a importância do relato acima, que prefiro chamar de texto-poema¹⁹. Além de constituir uma trajetória que perpassa minhas cartografias, explicita o que venho analisando neste capítulo: os corpos do entre e/ou talvez, precisamente os corpos vidraças, aqueles(as) que passeiam pelas ruas da cidade e que por vezes não são notados. Como já apresentei nos outros capítulos, Felipe amplia as cenas trazendo ao palco novas leituras sobre as paisagens, provocando-nos outros sentidos. Além disso, esse relato poético traz elementos pertinentes nas perambulações das cenas apresentadas por Felipe, mesmo não tendo sido anunciada pelo nosso sujeito/pesquisador.

Quando trouxe o texto-poema acima, quis apresentar a cena camuflável (conceito que aparece na pesquisa por meio de Felipe), uma performatividade que busca traduzir intersecções dos corpos de vidro que cotidianamente tecem as narrativas da cidade in(visível). O camuflável não aborda apenas aquilo que está subtendido, mas o que submerge, o que é expelido das dermes interseccionais.

30 de janeiro de 2017. Em conversa na praça de alimentação da cidade, escolhemos quais andanças faríamos para cartografar os corpos in(visíveis), suas subjetividades, seus percursos de des(montagens), sub(versões) e o camuflável. Nesse bate-papo, sugeri que andarihássemos pelo shopping da cidade. Saio do encontro com Felipe bastante reflexiva. Falávamos de movimentos negros na cidade, quando ele afirmou: “Não existe movimento negro na cidade, mas negros em movimento, e eu sou um deles”. E assim, pensei na música de N.O Bil – “O preto em movimento”²⁰: “Não sou o movimento negro. Sou o preto em movimento. Todos os lamentos (me fazem refletir) ... Resistência

¹⁹ Texto-poema registrado em desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial, publicado em 23/03/2017. Foram coletadas, para referendar esse texto, 102 assinaturas na assembleia dos professores(as), 1 coletivo, o Rede Sapatá e 19 assinaturas digitais.

²⁰ Música presente no álbum *Falcão, o Bagulho É Doido*, lançado em 2006.

sempre foi a nossa marca, meu orgulho. É bom ouvir o barulho. Que ensina como caminhar (Eu estou sempre na minha...) ... Saber que a caminhada é diferente pra quem vem da negritude”

Figura 4 – Pedacos de vidro



Fonte: *Printscreen* do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88ictLis8TE>

Não somente neste, mas também nos demais percursos sobre as texturas, percepções e afetos das paisagens que tecem contradições da cidade que in(visibiliza) os corpos de vidro, o objeto da pesquisa vai se re(desenhando) e construindo novas potências, que são emaranhadas em tantas outras para falar sobre os sub(versivos) e as cenas desmanteladas da cidade des(enQUADRA)das).

As conversas com Felipe rasuram e desterram o avesso da cidade, anunciando discussões que nos esburacam, trans(formam) a pesquisa. Provocam resistências fluidas do ato de contestação performático enquanto bomba moral para a cidade heretonormativa/binária, que esburaca o “chão” das periferias, calçadas, asfaltos sobre seus corpos-vidraças. Por isso a pergunta: em que local da cidade posso achar outros sujeitos sub(versivos), des(enQUADRA)dos), da terceira margem, do “entre” e/ou “talvez”, com seus corpos de vidro? Para tentar refletir sobre esse questionamento, concordo que:

O presente e o tempo importam na pesquisa que se faz com acompanhamento dos processos. Pragmáticas performam mundos e vice-versa. Um aspecto importante na formação é desmontar o sistema de responsividade estímulo-resposta que considera o mundo dado e as ideias já formuladas. É preciso aproveitar os deslocamentos que viabilizam o acesso ao plano de transformação da vida, em vez de funcionar de modo mecânico, automático. No já dado sistema fechado sujeito-objeto. (POZZANA, 2014, p. 51).

Pensando o sistema de sujeitos e objeto em aberto, atraVESSAMOS um *shopping*²¹ da cidade a fim de observar as lojas, galerias e seus espaços in(visíveis). A minha proposta foi que cada um percorresse sozinho o espaço, no entanto, foi nítido o desconforto de Felipe em andarilhar por aquele ambiente. Assim, resolvemos caminhar juntos. Portando celular e câmera fotográfica, propus que registrássemos as (in)visibilidades percebidas. No caminho, encontramos um professor que desenvolveu um trabalho na escola de Felipe, também meu colega de profissão na Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana.

Figura 5 – Estilhaços



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 25 de fevereiro de 2017

Nesse momento, percebo que esburacamos nossas subjetividades, fotografamos sem constrangimentos, medos ou apreensões, apesar de não ser nada fácil para nós esse movimento-câmera. As pessoas olhavam meio sem entenderem o que fazíamos, mas em nenhum momento fomos abordados para que não tirássemos fotos. Depois de registrarmos as in(visibilidades), e tudo que nos chamava atenção, sentamos, tomamos um *Chopp* e compartilhamos as primeiras impressões.

Como registraríamos as fotos, inicialmente nos causou estranheza, a princípio tínhamos receio de sermos abordados nesse movimento: câmera, celular e fotografias. No percurso, o reencontro de Felipe com o antigo professor possibilitou que seguíssemos os registros fotográficos sem nos preocuparmos com os possíveis monitoramentos.

²¹ Essa visita aconteceu no dia 25 de fevereiro de 2017.

Assim, deslizamos sobre a pesquisa reafirmando que “[...] o objeto cartográfico é a dissolução da forma e a instauração da velocidade” (OLIVEIRA, 2014, p. 286). Diante dessas cenas, rasuradas a todo momento, percebemos essa velocidade que muda o sentido ou a direção. Havia antes o receio de andarilhar pelos corredores do *shopping*, com máquinas fotográficas, mas, quando aparece na perambulação alguém próximo às nossas subjetividades e intersecções, o cenário apreensivo se desfaz, empodera-se e na velocidade das novas cenas re(desenhadas), dissolve o “previsto” e cartografa novos atraVERSAMENTOS.

Ali, diante das cenas que provocamos e vamos sendo provocados por impressões nada fixantes, Felipe vai além do proposto, registra tudo que ele acha de interessante ao seu redor: invisibilidades, visibilidades, enfim, aquilo que lhe chama atenção. Suas observações colocam em cena a performatividade do desenho camuflado da cidade in(visível). O novo e o inusitado nessas cartografias instigam esse sujeito/pesquisador a registrar fotografias que provocam aberturas de cenas que emergem à superfície, como um pano de fundo camuflado. Fico pensando na fotografia²² realizada por Felipe de uma camisa, encontrada em uma loja, que ele intitula como “alternativa”. Ele estranha que tal camisa possa ser encontrada naquele espaço, já que se trata de um figurino que, para Felipe, sub(verte) aquele espaço “normativo” e/ou de normatividades. Desse modo, a pesquisa vai trazendo à cena o camuflável, o des(conforto) da cidade de enQUADRAMENTOS sociais.

Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever os detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo de faz presente no processo de produção do texto. Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo. O tema da pesquisa aparece com o pesquisar. Ele fica escondido, disfarçado ou apenas evocado. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 73)

Percebo, em nosso primeiro registro no *shopping*, o quanto sujeito e objeto emergem e criam pontos de variantes fluídas e afetivas. A primeira fotografia tirada por Felipe no dia 25 de fevereiro de 2017, mas que fora corrompida em nossos arquivos, des(configura) a cena clichê, abrindo o pano de fundo para tornar visível as invisibilidades dos corpos vidraça. A cena pode ser descrita assim: um funcionário, com um carrinho, limpando o chão de uma loja com os dizeres na camisa “posso ajudar?”. Essa situação desperta o interesse em Felipe, que se apresenta dizendo estar fazendo uma pesquisa da universidade, depois pede para fotografar a camisa. O funcionário o trata com indiferença, ou certa aversão, mas, enfim, deixa registrar a foto. Felipe agradece, depois vai embora. Estranhamente (ou não), o arquivo dessa fotografia se corrompeu, de modo que não conseguimos resgatá-la.

²² Conferir a Figura 6: AtraVERSAMENTOS camufláveis

Quando pergunto a Felipe: “O que você percebeu de in (visibilidades) nessa imagem do *posso ajudar?*”, sua resposta cartografa a subalternidade dos corpos e transcreve as cenas normalizadoras: “Quando você vai num lugar assim, e vê assim “posso ajudar?” Você se sente praticamente, assim, acolhido, se sente seguro para pedir uma informação bacana e, isso não transmitiu não.” (Transcrição do bate-papo em 25 de fev. de 2017).

A apresentação de Felipe, seguida de sua solicitação para registrar uma fotografia, provoca um des(conforto) para a utilidade da “ajuda” traduzida na camisa. Assim, duas cenas embaraçam, se diluem e visibilizam o que estava escondido por detrás da coxia. De um lado, o pesquisador, negro e “rasta”, do outro o funcionário, limpando o chão com uma camisa expondo um “posso ajudar”. Os corpos de vidros se emaranham. A frase estampada na camisa parece congelada, sem saber no que poderia ajudar, já que se tratava de um intelectual em potencial traduzido num estereótipo de um corpo vidraça: negro e “rasta”. Assim, o camuflável per(formatiza) a cena da cidade confortável e, através do des(conforto) da estampa das cenas-tecidos, d(e)nuncia os estilhaços de vidros espalhados pelo chão. Seguem, assim, o carrinho de supermercado e os solados dos calçados gastos limpando os cacos de vidro de seus próprios corpos.

Neste momento, abro uma rasura no texto, bagunço a cena “clichê”, sem britadeira, esburaco o chão e provooco o sentido. Em meio às fissuras, reflito sobre a textura da cena e o entendimento teórico. Assim, dialogo sobre as opressões aos corpos de vidro, como elas são interligadas dentro das cenas que compõe a subjetividade re(existente):

Seria muito mais útil compreender como relações patriarcais se articulam com outras formas de relações sociais num contexto histórico determinado. Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como “variáveis independentes” porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela. (BRAH 2006, p. 351).

Brah (2006) nos propõe uma reflexão sobre não possuir níveis hierárquicos de opressões. Sugere romper com o legado traduzido por algumas feministas radicais, ao preferir o termo “relações patriarcais”, em vez de “patriarcado”. Essa estratégia aponta que a autora, ao mencionar relações patriarcais, compreende o poder como fluxos de atos relacionais, não sendo uma exclusividade apenas dos homens, desde modo, o conceito de gênero não permite o entendimento que gênero seja sinônimo de mulher. “A proposta de Avtar Brah é trabalhar, não com gênero como categoria analítica, como, por exemplo, Scott, mas com ‘diferença’ como categoria analítica.” (PISCITELLI, 2008, p.269).

Ao des(territorializar) o conceito de gênero das feminilidades, podemos atraVERSAR o debate, fundamentar as discussões que abordam as dominações opressivas sobre as

sub(versões) sociais, trazendo ao palco a interdependência entre as formas de opressão, além de corroborar a proposta interseccional dissidente e “fora do eixo” que ousamos nesse estudo. Um campo que ainda está por vir, ou melhor, pelo “entre” e/ou “talvez”. Parece-nos nítido que a primeira imagem registrada pelo Felipe produz um efeito de tensão sobre aquilo que tenta ser negado ou ocultado. O *camuflável* e a performatividade se convergem, tornando um só corpo, d(e)nunciando a opressão do corpo marginal para anunciar a performatividade dos atos de contestação que refletem sobre os tons cinzentos na cidade-nevoeiro.

*Junho de 2017. Momentos de tensões e sob pressões. Momentos de raiva, choros, impunidade... O dia parecia especial, a noite se desenhava em novas andanças. As músicas, os corpos, os cheiros, os sentidos... tinha algo estranho ou escondido no ar. A cena parece acelerada, o copo derrama sobre a camisa e traz a cena da estampa estrutural da opressão. Junho, dois meses depois de uma violência policial sofrida por mim e as meninas que compartilham comigo um casamento poliafetivo, na micareta de 2017, fissuro a mim mesma e escrevo a poesia *Cidade por entre as grades da prisão*.*

Queria falar sobre a truculência e o camburão
 Queria falar da opressão do Estado
 Queria falar sobre impunidade
 Queria falar sobre a falta de justiça da cidade
 Queria expressar e silenciar o passado
 Queria apagar tudo e pintar um novo começo
 Queria colorir por entre as razões da existência
 Queria apagar a cidade cinza das mulheres
 Juro que eu queria, e como queria
 Mas não posso!
 Apagar o passado, borrar a opressão e macular o barulho da sirene
 A cidade é totalmente binária
 A cidade é totalmente acinzentada
 A cidade é totalmente ofuscada
 A cidade é totalmente corporativista
 Corporativista é a escola, a polícia, o hospital, os movimentos sociais, a igreja...
 [as instituições.

Tudo me parece, no exato momento, farinha do mesmo saco.
 Grãos que se convergem para ver quem ganha maior notoriedade.
 É certo que fui violentada?
 Primeiro pela escola?

Depois pelos homens que camuflam suas fardas?
Fui e ainda sou, afinal, todos tentam roubar a cena
É só olhar os arredores e buscar nos noticiários da cidade barulhenta
Diversas faixas e bandeiras
Palavras como sororidade me parecem pesadelos
Luta umbigueira que fede como o camburão
Cadê a tal afetividade da natureza feminina?
Falta o machado de Xangô?
A fumaça do incenso?
O óleo ungido?
Falta tudo ou não nos falta nada?
A cidade permanece na prisão
Permanece na claridade da escuridão
Permanece entre o sim e o não
Permanece negando teias,
As multiplicidades e
Suas potencialidades
E onde estão todos que lutam?
Fazendo a mesma política de sempre?
Exalando suas vaidades?
Buscando destaque televisivo na minha vida privada?
O povo está nas festas.
É preto, é pobre, são mulheres, são lgbs
É povo de poliamor
É povo festeiro e de afetos
É povo que vive o ano inteiro entre o pão e o circo
Mas o cassetete oprime
Na cidade de cães amarelos
Que fazem ocorrências de desacato à autoridade
Enquanto no chão, agonizantes mulheres de espada na mão
Não resta dúvida quem são os donos da cidade
Só mesmo a performatividade
De maneira fluída e líquida
Vira purpurina e resistência
Vira ato de contestação
Vou lhes dizer: não sou Jesus Cristo para nenhuma doença da cidade.
Me derreto entre lágrimas que curam
Me silencio buscando meu des(contexto)
Ultrapasso a porta sem tocar nela
Meto o dedo na ferida
Transformando a mim mesma

Quem lhes disse que quero transformar a cidade?
 Quero extrair o chão e esburaca-lo sem britadeira
 Não quero política
 Quero reflexão
 Reflexão que vira o avesso
 Que vira o verso, o poema
 E que se transforma em arte e sub (verte)
 Aos meus amigos, digo meu muito obrigada!
 Suas palavras me fortalecem nessa viagem solitária
 E sobre mim ultrapasso as grades da prisão
 E quem vem de lá traz folhas para curar.²³

Rasurando o papel, perambulo pela cidade, cartografando os rizomas inexploráveis, d(e)nuncio as violências das texturas interseccionais e anuncio atos que sucitam análises performáticas que re(existem) e desterram as encruzilhadas do in(visível). Quero ressaltar que nesse estudo preconizamos o entendimento de que

A experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e sexismo e qualquer análise que não tome a interseccionalidade em conta não consegue de forma correta ter em consideração a formas particulares de subordinação de muitas mulheres, particularmente as mulheres negras [...] enfatiza por isso a “multidimensionalidade” das experiências vividas dos sujeitos marginalizados, referindo que quem acredita que a identidade existe em camadas removíveis e separadas acaba em generalizações abusivas. (NOGUEIRA, 2017, p.146-147)

Assim, vamos nos embaraçando sobre os territórios in(certos), sendo provocados a des(trilhar) as andanças-travessias. O racismo naturalizado e institucionalizado na/pela estrutura do homem, branco, heterossexual e cristão, provoca binarismos, opressões/privilégios, seja nesses sistemas que atendem a heteronormatividade ou não. Desse modo, a pesquisa per(fura) o subsolo e traz o inexplorável, o instante, o inédito, as existências líquidas das subjetividades. A cada território do devir, a interseccionalidade apresenta um pano de fundo que d(e)nuncia, se tornando ato de resistência frente às opressões.

Discussões sobre o feminismo e o racismo muitas vezes se centram na opressão das mulheres negras e não exploram como o gênero tanto das mulheres negras como das brancas é construído através da classe e do racismo. Isso significa que a “posição privilegiada” das mulheres brancas em discursos racializados (mesmo quando elas compartilham uma posição de classe com mulheres negras) deixa de ser adequadamente teorizada, e os processos de dominação permanecem invisíveis. A representação das mulheres brancas como “guardiãs morais de uma raça superior”, por exemplo, serve para homogeneizar a sexualidade das mulheres brancas ao mesmo tempo em que as fraturam através da classe, na medida em que a mulher branca de classe trabalhadora, ainda que também apresentada como “portadora da raça”, é

²³ O poema “Cidade por entre as grades da prisão”, escrito por Vivan Nery, traduz um outro episódio de racismo institucional, desta vez, pela polícia na festa de Micareta, na cidade de Feira de Santana. Esse poema se encontra no *site*: desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial. Nos anexos desta dissertação há dados referentes ao caso.

simultaneamente construída como tendente à “degeneração” por causa de sua situação de classe. (BRAH 2006, p.351-352, grifos da autora).

Pensando sobre essa citação, reafirmamos que o objetivo desta pesquisa é acreditar nos fluxos dissidentes, confiando que devemos teorizar os debates não apenas sobre o legado de quem é opressor e/ou vítima de desigualdade, mas a fragmentação de suas intersecções opressivas e seus privilégios. Cabe aqui dizer que vou suturando o texto, bagunçando as direções e trazendo provocações complexas ao que é posto como “eixo” e/ou imutável. Afirmo, com toda in(certeza) de que ainda estamos no devir, que somos múltiplos e nossas intersecções mais múltiplas ainda. Enquanto o racismo, além de ser estrutural e naturalizado socialmente, é interseccional. Não pretendo, com essa afirmação, debater interseccionalidades mediante escalas opressivas, mas apontar a multiplicidade de diversos racismos dentro do próprio racismo, afinal, “Cada racismo tem uma história particular.” (BRAH 2006, p. 344).

Piscitelli (2008, p. 269), ao citar Brah, explica que: “Em um contexto racializado, todas as sexualidades estão inscritas em matrizes racializadas de poder, mas os encontros racializados também têm lugar em espaços de profunda ambivalência, admiração, inveja, desejo”. Nesse sentido, rasuramos mais um vez o papel ao conversar a respeito das des(construções) ramificadas sobre as diversas vivências, sejam elas as opressões experimentadas pelas mulheres negras, os privilégios das não negras e as perfurações dos multi-facetados sujeitos que percorrem pelo “entre” e/ou “talvez” de texturas camufláveis.

Pensando sobre essas vivências múltiplas e diferentes, eu e Felipe, pelos corredores do *shopping*, dialogamos sobre opressão/privilégios/atos de resistências. Painéis, bolsas, camisas, sapatos, calças, roupas, eletrodomésticos, Felipe, eu, os rabiscos, as poesias, corpos-sensações que trazem à cena as dissidências dos sujeitos da cidade. O camuflável, por sua vez, sai da tríade gênero, relações étnico-raciais e sexualidades, para apresentar a fluidez do “entre” e/ou “talvez”. Sendo assim, cartografamos sentidos, expressões, montamos e desmontamos subjetividades, descortinamos a performatividade e potencializamos novas criações, enfim, reinventamos os movimentos que fissuram as teias.

As reflexões, agora, des(embocam) na perspectiva de pensar a cidade des(confortável). Espero que esse convite ao *camuflável* des(territorialize) pensamentos sobre as sub(versões) e seus sujeitos sub(versivos), que des(teça) e re(faça) a teia para, assim, des(velar) os jogos dos ruídos da cidade “silenciosa” ou “silenciada” que julga estereótipos e que demarca fronteiras.

Figura 6 – AtraVERSAMENTos camufláveis



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 25 de fevereiro de 2017

Quando sentamos, eu e Felipe, para analisar as imagens coletadas, percebi como o conforto apareceu nas falas de Felipe como aquilo que se camufla e performatiza a cena, trazendo uma base analítica moral. Por exemplo, os pneus para comodidade, calças ajustadas ao padrão, óculos para altas temperaturas, sandálias que de(marcam) os gêneros e tantas outras observações preconizando o conforto e bem-estar.

As máscaras – gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rosto, palavras... – tornam-se obsoletas com uma rapidez incrível. A consequência disso é mutável, além de que é efeito de um processo que as ultrapassa: elas deixam de se conceber como unidades autônomas. Por outro lado, passam a ter que dedicar muito de seu tempo e de seu dinheiro a tentar administrar esse processo: mal conseguem se arrumar de um lado e, de outro, já se desarrumam inteiramente. (ROLNIK, 2006, p. 87-88).

Esse processo que permite essa des(territorialização) da cidade confortável vai sendo re-desenhado à medida que corpos de vidro invadem a cena e roubam seu protagonismo e ação sobre os re-desenhos camufláveis. Assim, as imagens deixam de ser momentos estáticos para compor uma cidade em movimento, potentes aos corpos em/sobre e de vidros. Corpos que bagunçam e são bagunçados sob os cenários normalizadores dos múltiplos enQUADRAMentos, sejam eles do verso ou do avesso do tablado da cidade cinematoGRÁFICA.

A performatividade esburaca o sentido do que está fora do padrão, des(centrado), sem entendimento normativo, não é o que está visivelmente apontado aos olhos das imagens clichês,

mas aquilo que é camuflado por entre as cores, formas, palavras e rabiscos. O que se encontra por detrás da calça na medida certa, dos binarismos de quem compulsoriamente usa as sandálias para/de “meninos” e “meninas”, da apropriação dos corpos das meninas negras hipersexualizadas através de linguagens subliminares (“quanto mais quente melhor”), da camisa alternativa para todos os espaços, de quase tudo que, através do camuflável, vira ato de resistência do/pelo “entre” e/ou “talvez” dos corpos de vidros.

Assim, nessa primeira andança eu, Felipe, os rabiscos, as conversas e as fotografias vamos colorindo a cidade acinzentada à medida que desterramos seus territórios ocupados por imagens nada estáticas, pois se movem, nos movem e se movimentam a cada instante, des(configurando) a cena da sociedade normalizadora.

Nessas andanças, os caminhos foram se re(desenhando) através de escutas, bate-papos, fotografias, poesias, olhares... e cartografias dos diversos sujeitos do território da Feira de Santana. Marlucy Paraíso (2014) fala sobre essas andanças que pulverizam e perfuram o sub(solo). “Seguir um caminho por demais conhecido dificulta que saíamos do seu traçado prévio. Isso dificulta a prática de interrogar, dificulta o movimento de ida e volta ou a prática de entrar e sair, tão importantes para a ação de ressignificar, que é fundamental nas pesquisas pós-críticas.” (PARAÍSO, 2014, p. 43).

As falas da autora permitem andanças que questionam binarismos. Perambulações que abrem os cadeados de um estudo subjetivo, performático, de saberes partilhados e de reflexões potencializadas aos sujeitos dentro e/ou fora do “eixo” que constroem e fazem narrativas a todo o momento. Um movimento da câmera, capaz de desordenar a cena e re(configurar) novas narrativas. Um caminho-travessia que des(habita) direções e/ou tempos, que andarilha por pontos que bifurcam, trifurcam... que tece colchas em retalhos rizomáticos, sub(versivos) e multifacetados.

Quinze de abril de 2005. Jeane de 11 anos, entre rabiscos e expressões, cartografa o espaço da escola e fala sobre a cidade. Entre o alegre e o triste. Entre o cinza e o colorido. Entre o sim e o não. O que Jeane nos propõe? Potencializar os binarismos? Encontra, nas travessias, os corpos de vidro? Essa é a escola de Jeane. A escola que re(existe) através do a(verso) de resistências fluidas e que movimenta os lugares. Será mesmo isso o que Jeane nos propõe? Ou seria o que proponho a Jeane?

Figura 7 – Versos avessos



Fonte: Nery (2007, p. 53)

Esburacando o sub(solo) da escola e refletindo o des(enquadrar) da cidade, o desenho de Jeane (NERY, 2007) sub(verte), vira verso, rima, poesia. Assim, rasuro novamente a pesquisa para apresentar um pouco sobre o espaço educativo, minhas perambulações e travessias sobre/na cidade de corpos de vidro. Analiso, deste modo, a interseccionalidade como possibilidade que d(e)nuncia as re(existências), a cartografia como movimento rizomático que vem e vai sobre as des(territorializações) e a performatividade como o *camuflável* que sub(verte) a lógica binária, a(nunciando) atos que contestam os enQUADRAMentos sociais. Deste modo, abordo minhas histórias, enquanto professora sub(versiva), para delinear as vivências e opressões das relações patriarcais, capitalistas e racistas do espaço público e/ou privado da cidade acinzentada de sujeitos-vidraças.

O que me move e me apaixonava, hoje, é a convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vem nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida. (COSTA, 2007, p. 14).

Refletindo sobre a citação de Costa (2007) e o significado não só teórico, mas humanizado de suas escrituras, percebo que minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica remonta uma colcha de retalhos que andarilha sobre o nada saber, que des(territorializa) os espaços naturalizados do conhecimento e da vida. Como não habita um tempo cronológico,

desenquadra lugares hegemônicos e produz novos conceitos e/ou possibilidades de re(existências) pelo “entre” e/ou “talvez” dos corpos de vidro.

Nesse sentido, quando entrei na Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus I, não me refutei a pensar sobre as vozes dos estudantes. Ainda durante a graduação em Pedagogia, participei, como aluna de iniciação científica, do projeto de pesquisa *Memória Iconográfica das escolas na Bahia*, sob orientação da Prof^a Dr^a Jaci Maria Ferraz de Menezes. Através do universo das escolas baianas, em especial as imagens e legislação da Escola Normal da Bahia, localizada na cidade de Salvador, despertou-me o interesse investigativo sobre as representações do cotidiano escolar. Como estagiária-professora da Rede Municipal de Salvador, a prática em sala de aula me trouxe algumas inquietações, por exemplo, a respeito da estrutura física da instituição, do controle dos corpos dos estudantes – muitas vezes provocados pelo silenciamento de desejos e vontades –, dos estigmas, sofrimentos e tensões alicerçados por algumas práticas de ensino e seus projetos eurocêntricos de homem, branco, heterossexual e cristão.

Diante disso, comecei a me questionar: como os alunos poderiam ver sua escola? O que eles almejavam quando adentravam na escola? A escola atendia seus anseios e sentimentos, levando em consideração os conhecimentos prévios, ou simplesmente anulava, através da autoridade, suas potencialidades? A escola deixava esse aluno se expressar ou trazia práticas arbitrárias para silenciar suas vozes? A partir de olhares dos estudantes sobre sua escola, desenvolvi a monografia *Da tela ao cavalete: imagem que o aluno pinta da escola*, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria de Lourdes Soares Ornellas. Durante a graduação e especialização, busquei a perspectiva teórica da semiótica, investigando qual imagem alunas e alunos tinham sobre sua escola, suas funções, representações e significados. Assim, desde aquele tempo, já começava a me aproximar da temática que atualmente venho discutindo nesse estudo dissertativo.

Outro momento importante nesta trajetória, foi o curso de aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola, realizado em 2014 e 2015, em parceria com a UFRB (Universidade Federal do Recôncavo) e SEDUC (Secretaria de Educação de Feira de Santana), quando pude, através de suas discussões e intervenção pedagógica, juntamente com outras professoras do Ensino Básico, propor um espaço de reafirmação da identidade negra e do protagonismo feminino. Rememorar esses caminhos que me fizeram triturar os enQUADRAMentos é compreender que a pesquisa, a vida, a humanidade, o universo... enfim, as palavras e os versos são re(montados) no per(curso) das travessias. Desse modo, acredito que:

A fragilidade intelectual e emocional que nos acomete quanto temos que enfrentar as metodologias, em nossas investigações, é fruto do endeuamento desse tipo de pensamento a que denominamos ciência e que está impregnado de “parâmetros” que enquadram todos, homogeneízam tudo, definindo o certo e o errado, o bom e o mau, o falso e o verdadeiro etc. (COSTA, 2007, p. 18).

Entendendo a pesquisa como um processo sempre em aberto e de desconstrução sobre os binarismos, fissiono mais uma vez o espaço da pesquisa, do território, dos sujeitos sub(versivos) e de seus corpos-vidraças que perambulam pelas entrelinhas do “entre” e/ou “talvez” da cidade binária ofuscada. Convém ressaltar que o processo de montagem e desmontagem da pesquisa me permitiu um des(habitar) dos territórios, na medida em que novos elementos vão surgindo e/ou emergindo sobre o chão asfáltico das andanças fronteiriças. Assim, o “chão” da escola rasura e esburaca parte da cidade de nevoeiros, me provocando a questionar quando adentro à rede básica de ensino: em que local dos muros da escola poderia achar as meninas negras lésbicas? Em quais atividades esportivas estavam as meninas nos intervalos, já que a quadra ou o campo era majoritariamente ocupado pelos meninos? Qual era o espaço das religiões de matriz africana nas festividades do calendário cristão? Onde estavam as personalidades pretas, gays, lésbicas, transexuais, entre outros, nas datas comemorativas? Qual era o lugar das discussões de gênero, diversidade sexual e relações étnico-raciais na prática docente?

Para Louro (2013), a escola institui o que pode ou não fazer, separando ou informando os “lugares” apropriados aos meninos e às meninas, além de apontar os que deverão ser modelos de feminino e masculino. Entendendo que a escola é composta por uma multiplicidade de pessoas, por que a lei do silêncio ainda se faz presente? Talvez, todas as perguntas feitas até aqui tenham possíveis explicações e respostas quando buscamos a historicidade do modelo de sociedade que fora construído como “padrão”, como o “certo”, como o “belo”, como o socialmente aceito. Torna-se nítido, para mim e para tantos outros professores que pretendem des(construir) e des(colonizar) a ideia do padrão heteronormativo de sujeito – homem, branco, cristão e heterossexual e dos diversos padrões –, que a escola precisa ir para além das normalizações a fim de avançar nas discussões do respeito às multiplicidades e garantia da laicidade do Estado.

Novembro de 2008. Educar transformando sujeitos. Racializar a vida. Trazer a música, o verso, a dança, a pintura, a poesia... Sentir as sexualidades, os gêneros, as etnias... Fazer valer o sentido. Movimentar os fluxos. Bagunçar os compassos. Promover discussões que re(viram) o habitar. Ser

questionada sobre a validade de tais ações. Pensar o impensável. Resistir, resistir, resistir... O que seria da escola sem seus micropoderes?²⁴

Figura 8 – In(visibilidades) camufláveis



Fonte: Arquivo da autora, em 2010

Como fui re(montando) o lugar da pesquisa e deixando-me levar pelas incertezas, a escola, que seria o lócus principal para o desenvolvimento do trabalho, passou a ser entendida como mais um espaço na cidade a ser analisado no estudo aqui proposto. De tal modo, me proporcionou (des)ver outras andanças cartográficas que ultrapassam o universo institucional para refletir sobre discriminação racial, homofobia, lesbofobia, transfobia, machismo, sexismo, violência física, simbólica, psicológica, dentre outras discriminações. Costuro, assim, um debate sobre a produção de estereótipos, enquadramentos e sub(versões), mas também como eles emergem dentro desse universo preconceituoso da cidade.

Falando em estereótipos, cogito-os como uma alternativa de rompimento dos espaços, na possibilidade de ser qualquer coisa, sem criar novos guetos ou identidades fixas e imutáveis, caminhada de híbridas resistências que se potencializam a cada novo desafio ou percurso (in)certo. Enfim, penso na criação de novos modos de existência rizomáticos, em pessoas que

²⁴ A foto da Figura 8 compõe uma série de momentos que foram realizados na escola pública. Desde quando adentrei ao serviço público, propus dialogar com as temáticas sobre etnias, gênero e sexualidades, sempre envolvendo artes que sub(vertem) o institucional e trazem ao palco as subjetividades artísticas de resistências múltiplas ao espaço formal.

constroem suas aparências pelas travessias no caminho, sem a necessidade de seguir os padrões, mas na possibilidade de des/re(montagens) dos corpos híbridos.

Para Silva (2004, p. 47) “[...] estereótipos influenciam negativamente a auto percepção das pessoas”. Dialogo e concordo com essa afirmação, afinal, por séculos, determinados grupos hegemônicos desumanizaram os sujeitos que estão fora do “padrão”.

Durante a maior parte da história, as referências culturais em torno das quais se desenvolveu o aprendizado constituíam modelos e padrões educativos vinculados ao que o Estado queria impor como ideal. No Brasil, por exemplo, a chamada “ideologia do branqueamento” de fins do século XIX e começo do século XX foi sucedida, a partir da década de trinta, pela de democracia racial. Estes ideais de nação se expressaram e se disseminaram por meios de textos, imagens e demais mensagens culturais inculcadas desde a infância na população educada. A crença altamente contestável de que não há racismo no Brasil, ou de que não se deve discutir questões raciais ou implementar políticas de ação afirmativa, deriva muito desse ideal de nação fundado em uma imagem de harmonia social, a ordem, como condição imprescindível para alcançarmos o progresso. (MISKOLCI, 2013, p. 57-58).

Embora acredite que estereótipos nos propiciem andanças para quebras de paradigmas, quero abordar que estereótipos, para além de refletir negativamente o que as pessoas pensam sobre nós, seres “abjetos” ou não, expressam conteúdos históricos, políticos e culturais, apresentam e traduzem hegemonias de determinados grupos sobre outros, ou seja, relevam preconceitos sobre aquelas/es que estão fora do “padrão” e/ou da regra social.

Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que meninos são “naturalmente” mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos “preocupar”, pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando “desvios” de comportamentos? (LOURO, 2013, p. 68).

A pesquisadora, nesta citação, nos permite analisar os estereótipos relacionados com os gêneros, seus binarismos e os preconceitos expressos nos comportamentos que desenQUADRAM a normatividade imposta aos corpos. As ideias de Louro (2013) indicam possibilidades de des(montagens) dos moldes instituídos historicamente às identidades, além disso, trazem reflexões que fissuram os espaços hegemônicos das relações patriarcais, sejam elas as do padrão eurocêntrico ou daqueles que se autodenominam sub(versos). Penso que as indagações sugeridas ratificam o sentido de performatividade discutido neste estudo, na medida em que possibilitam análises sobre a naturalização dos estereótipos, a exemplo da heterossexualidade compulsória e os enQUADRAMentos sociais.

Existe outra importante discussão nesse debate sobre os estereótipos produzidos pela cultura, responsáveis por reafirmam politicamente a subalternidade de uns em detrimentos de outros, além de produzirem opressões e/ou privilégios sociais. Deste modo, a

interseccionalidade, foco deste estudo, d(e)nuncia esses locais fixantes instituídos às populações, cabendo a compreensão de que,

Promovendo o estereótipo, a ideologia consegue impelir o próprio estereotipado a internalizar a sua imagem idealizada negativa com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo. Uma das consequências da internalização do estereótipo e a discriminação no mercado de trabalho para o estereotipado, através do disfarce da exigência de “boa aparência”, hoje transmutada em “perfil adequado”, baseada na falsa imagem de que o negro é feio, incapaz, mau, sujo e desonesto. (SILVA, 2004, p. 50).

Baseado nessa vertente ideológica que transporta o estereotipado a internalizar uma imagem negativa sobre si mesmo, volto a instituição escolar para entender esses processos naturalizados nos ambientes da cidade: por que, muitas vezes, fui questionada, no espaço institucional da escola pública, sobre a importância da trans(versalidade) e des(construção)? Nisso, problematizo as opiniões do documentário de média metragem *Os fracassos dos estereótipos de gêneros*²⁵, de 2014, quando aborda, de maneira crítica, o universo imposto pelas mídias sobre a feminilidade e masculinidade. Então questiono: existe uma única maneira de sermos homens e mulheres? Os corpos se reinventam à medida que vão sendo desafiados cotidianamente, abordar a produção de corpos estereotipados poderia provocar que os corpos digam o que pretendem ser ou não. Além disso, representa, simplesmente, cartografar os performáticos, sub(versivos), os a(normais) ou fora do “padrão”, provocar também as construções do heteronormativo, questionar se existe uma única maneira de ser heterossexuais e/ou homossexuais, rasurar o papel imposto de clichês, potenciar novas marcas, andanças ou direções e hibridizar resistências que re(viram) o aVESSO.

Refletindo sobre minhas travessias fora e dentro de espaços institucionais, pergunto: onde estão os sujeitos que viram o aVESSO na cidade? Na vontade de começar a responder tantas questões, reflito sobre as aberturas que realizei no ensino público ao trazer as temáticas de gênero, relações étnico-raciais e sexualidades. As obras de Gilberto Freyre, como *Casa Grande & Senzala*, Monteiro Lobato e o *Sítio do Pica-pau Amarelo*, Cecília Meireles com *Borboletas*, contos “clássicos” como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e outros títulos e autores(as) que não contêm representações que apresentam olhares que sub(vertem) a lógica de relações patriarcais, racista, sexista, LGBTfóbica, dentre outros. Contos que deságuam linhas de princesas brancas, loiras, magras, de olhos azuis e casadas. Nesse sentido, Nascimento (1978) apresenta importantes contribuições sobre as formações de estereótipos, suas relações entre opressões/privilégios e o mito da democracia racial, que tenta legitimar a igualdade em detrimento das diferenças.

²⁵ Média metragem de 50 minutos. Roterizado e dirigido por Fabio Oliveira, Priscila de Carvalho e Susana de Castro.

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem permanecido unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificiosidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?” (NASCIMENTO, 1978, p. 46).

Nosso objetivo aqui não foi ocasionar tensões sobre o universo da branquitude e negritude, mas não poderia deixar de trazer reflexões sobre esses campos, haja vista que depois de longos anos de escravidão, não reconhecer os processos de subjugação da negritude seria negar a importância de políticas compensatórias, suas reparações e o processo histórico como possibilidade de d(e)nunciar e re(existir) dos nossos ancestrais frente ao modelo hegemônico de mundo: homem, branco, cristão e heterossexual, mas também de outras hegemonias subtendidas nas entrelinhas do verso do avesso. Assim, caminhar resistindo nos espaços institucionais e, neste caso, na escola, não é uma travessia fácil, afinal, a cidade continua sendo vista em tons acinzentados, como se buscasse borrar de cinza as cores das multiplicidades dos corpos de vidro.

3.2 PRIVADAS PERFOMATIZAM CENAS CLICHÊS

Abril de 2017. O cheiro dos automóveis, as luzes da cidade apagada, o silêncio das palavras e o congelar dos corpos. Banheiros que d(e)nunciam. Banheiros que refletem. Banheiros que dialogam. Banheiros dos corpos. Banheiros totalmente in(visíveis). E assim, gritam aos prantos os afetos da complexidade humana. Simplesmente, apagam-se. Aparecem na cena a bucha, o sabão e água sanitária. Fim do dia.

Figura 9 – Letras entrelaçadas



Fonte: Arquivo da pesquisa em 25/04/2017

No dia 25 de abril de 2017, eu e Felipe fomos a campo novamente, desta vez, visitamos alguns banheiros coletivos da cidade. Pensamos também sobre os banheiros institucionais das escolas, mas preferimos observar os espaços de livre circulação. Primeiro fomos a um banheiro privado, depois a um público. Essa atividade aconteceu no período noturno, ela durou mais ou menos quatro horas, entre observações, intervenções nos espaços, análises e bate-papo informal. Em meio aos sons, gestos, sentidos, cheiros e sabores, sentamos, observamos os frequentadores do espaço, decidimos o que questionaríamos e entramos. A ideia, inicialmente lançada, era investigarmos, junto aos frequentadores e trabalhadores dos espaços, quais cenas provocantes – “de novela” – ou mais inusitadas já haviam acontecido naquele espaço, além disso, pretendíamos conhecer as imagens daqueles espaços físicos.

Ao adentrarmos no primeiro banheiro, avistamos uma placa com os dizeres: “Monitoramento: Para sua segurança este terminal está sendo filmado 24 horas”. Além desta, uma outra placa apresentava a tabela de preços para uso do lugar. Seguimos dialogando com uma funcionária que trabalha há anos no local. Felipe começa a questioná-la, com a conversa estabelecida de maneira cordial, então resolveu perguntar: Qual foi a cena mais chocante que a senhora já viu nesse banheiro? A mulher diz que nunca houve cena chocante, segundo ela, o que acontecia anos atrás era a passagem de alguns meninos em situação de rua pulando a borboleta sem pagar, além disso, muitas vezes as pessoas que trabalhavam naquele espaço, inclusive ela, ficava com pena das crianças porque chegavam com muitos piolhos e, então, acabavam tratando deles no próprio banheiro.

Nesse momento, a cartografia abre a cena performática, trazendo, como bomba moral, uma discussão performativizada pelos seus corpos-vidraças. Desse modo, pergunto: De quem é a responsabilidade pelos piolhos que descem da cabeça das crianças que transitam o banheiro? Emaranham-se na cena o pagamento da taxa para utilizar o serviço, a pergunta de Felipe, a funcionária e seu d(e)nunciar sobre os corpos do “entre” e/ou “talvez”, enquanto eu sou cartograficamente desafiada a pensar a performatividade como algo híbrido que dissolve o camuflável, des(territorializando) os espaços e contestando moralmente a cidade binária. Esse ato de contestação provoca sentidos fluidos, desalinhando a pesquisa, a cidade, eu, Felipe, a funcionária, os meninos em situação de rua e todos aqueles que se compreendem enquanto corpos de vidro.

“Interno” e “externo” só fazem sentido em referência a uma fronteira mediadora que luta pela estabilidade. E essa estabilidade, essa coerência, é determinada em grande parte pelas ordens culturais que sancionam o sujeito e impõem sua diferenciação do abjeto. Consequentemente, “interno” e “externo” constituem uma distinção binária que estabiliza e consolida o sujeito coerente. (BUTLER, 2015, p.231-232).

Interno e externo estabilizam e consolidam binarismos de uma cidade enQUADRada, mas vale lembrar que tal estabilidade é o que menos queremos consolidar neste estudo. Ter esse horizonte precavido sobre os acontecimentos nos parece ser a negação do inédito nas ruas, o definir das perambulações. Queremos nos deixar envolver pelos trilhos do nada saber, da inconclusão, a consolidação do sujeito “coerente” exposto por Butler (2015). Pensar nesse emaranhamento do camuflável/performativo abre uma rasura no sentido da cidade programada, trazendo novos desafios frente ao que se anuncia, contestando a ordem “coerente” da cidade-vidraça e os monitoramentos dos sujeitos cada vez mais abjetos.

Voltemos a esmiuçar os des(terramentos) nos banheiros que visitamos. Ao terminarmos a conversa informal com a funcionária, pagamos nossa taxa de embarque e entramos, cada um no banheiro que foi delimitado ao nosso sexo biológico. Depois, saímos, mas antes a funcionária pergunta se Felipe é morador da cidade, expondo que seu estereótipo d(e)nuncia a possibilidade de ser de outros lugares, menos Feira de Santana. Essa pergunta nos parece extremamente problematizadora, havia na funcionária uma ideia preconcebida sobre como seria um morador feirense? Ou o estilo de Felipe de Jesus provocava novos sentidos aos rótulos com uma leitura menos negativa ao que se aparenta ser ou não ser? Ao fechar a cortina, percebo os estilhaços partidos ao chão como um possibilidade que cutuca aberturas rizomáticas sobre o que se (com)figura como potentemente camuflável na cidade clichê.

Na sequência, resolvemos ir caminhando ao outro banheiro. Sentimos o cheiro da cidade, suas luzes, o silêncio e o barulho dos motores dos automóveis. No trajeto, conversamos sobre as impressões da primeira visitação, além de outros diversos assuntos. Felipe relata a situa o exposta pelo funcionário que limpava o banheiro masculino, quando fora questionado sobre a “cena de novela”, sem hesitar na resposta, o funcionário disse ter visto pessoas do mesmo sexo em situa es mais íntimas. Seguem as falas do Felipe, se referindo não são ao trabalhador que limpava o banheiro, mas há outra funcionária que cobrava a taxa do primeiro banheiro:

“Vieram os meninos de rua, abandonados que chegava l , não sei o que... aí já lá no banheiro masculino tinha um cara l ...ai ele me contou n ? Uma pessoa do mesmo sexo se tran ando l , p ... aí, dizendo ele... que ficou na dele, mas já os pessoal não ficaram normal... a galera fizeram alvoroço, chamaram a polícia, disseram que não era normal, que não sei o que... a galera acionou a polícia, a polícia chegou ai e ainda chegou a prender. Bota na viatura... como atentando ao pudor n ?” (Transcri o do bate-papo em 25 de abril de 2017)

Esta fala nos inquieta a pensar no que está camuflável na cena, na superfície, em seus emaranhados sobre a performatividade, nas encruzilhadas da cidade de vidraças que habitam os binarismos das invisibilidades de lentes antirreflexos. As duas cenas expostas pelos

funcionários trazem a lógica da cidade enquadrada, dos fluxos das direções padronizadas, mas também das desorganizações do cenário. Ao se deparar com os sub(versos), ou melhor, com aquelas e aqueles que bagunçam o subsolo, deixa-se por emergir o subtendido da cidade camuflável.

Os sujeitos da terceira margem, das goiabeiras, dos corpos de vidro, caotizam a todo momento as cenas, re(montando)-as. Nesse re(vira)mento, as sub(versões) assumem um papel de contestação aos tons cinzas das ruas binárias. Diante disso, penso na fluidez que a cidade provoca, na possibilidade de des(organizar) os espaços dados como verdadeiros há décadas. Penso também nos estudos *Queer* como estratégia de potências que trafegam analisando e transformando a cena clichê.

Acredito que “o pulo do gato” que os estudos/ativismo *queer* inauguram é olhar para o “senhor” e dizer: “Eu não desejo mais teu desejo, o que você me oferece é pouco. Isso mesmo, eu sou bicha, eu sou sapatão, eu sou traveco. E o que você fará comigo? Eu estou aqui e não vou mais viver uma vida miserável e precária. Quero uma vida em que eu possa dar pinta, transar com quem eu tenha vontade, ser dona(o) do meu corpo, escarrar no casamento como instituição apropriada e única para viver o amor e o afeto, vomitar todo lixo que você me fez engolir calado”. (BENTO, 2017, p. 248).

Apoiada nessa convicção que impôs, ao longo dos tempos, aos corpos vidraças/abjetos e aos enQUADRADos a padronização regulada na heterossexualidade compulsória, pensamos em barrar as normas sociais e anunciar a performatividade/camuflável para analisar os monitoramentos impostos aos banheiros e às vidas dos sujeitos que sub(vertem) os espaços da cidade.

Parece-nos inegável como o primeiro banheiro tenta vigiar e/ou monitorar os corpos por meio não só das imagens expressas nas suas paredes, mas nas duas cenas que cartografamos e fomos cartografados. O relato de Felipe sobre o rapaz do banheiro acende a luz do espetáculo da padronização, vigilância e controle sobre os corpos, ao passo que também desorganiza os enQUADRAMentos. Homens são flagrados no banheiro em cenas provocantes, assim, seguimos interrogando sobre a privacidade do lugar e a vigilância dos corpos. A polícia é acionada para conter os corpos e o banheiro, naquele momento, passa a ser um lugar imposto à heterossexualidade compulsória.

Reflito: os banheiros poderiam ser um local fora dos olhos da cidade? Seria possível expressar suas sexualidades nestes locais? O que diria a polícia, quem a chamou e nós, se o banheiro fosse utilizado para os dois sexos, com um homem e uma mulher em cenas sexualmente provocantes? Preciado (2006, s.p) afirma que “[...] não se pergunta se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, nada interessa, nem a cor nem o tamanho. A única coisa que importa é o gênero”. Parto dessas reflexões para cogitar uma discussão acerca da disciplina,

controle e vigilância sobre os corpos, sejam eles de vidro ou não, e como tem se organizado as sexualidades desviantes na cidade.

Os territórios ocupados por cada grupo se organizam na cidade de acordo com os arranjos feitos por eles. Os homossexuais fornecem uma leitura própria desse espaço urbano público, transformando áreas (porta de lojas, marquises, parques públicos, praças, becos e galerias), que durante o dia são ocupados por atividades comerciais, em locais de conquista e de envolvimento sexuais, que, no entanto passam despercebidos pelos outros habitantes. E essa leitura própria que os homossexuais fazem da cidade é transmitida e ensinada no encontro com o grupo, que oferece meios para se tomar conhecimento do mercado sexual distribuído territorialmente, possibilitando aí a manutenção dessas ocupações e introduzindo os seus membros. (FERRARI, 2006, p. 6).

Esse é o prisma pelo qual a pesquisa transita, acreditando na possibilidade da forma/potência/invenção, cenas produzidas através dos fluxos das velocidades, apresentando o que está oculto pelo engendrar da ação performativa. Pensando dessa forma, tecemos as perambulações e os espaços trazem à superfície nossas performatividades camufláveis, o que se localiza sob a derme dos corpos-fluidos. Sejam os rapazes em situações provocantes no banheiro, seja a polícia chamada para conter a possível “baderna” sexual, “[...] territórios, exemplificados no ‘banheiro público’, são, acima de tudo, relações sociais projetadas nestes locais e que podem envolver poder e prazer”. (FERRARI, 2006, p. 8).

Lembro, nesse momento, de um episódio relatado por Felipe, fazendo referência à noite das travestis nas ruas da cidade, quando o segurança de uma loja agrediu uma travesti depois de ela ter causado certa desordem no lugar que fora negociado para desenvolverem suas atividades sexuais. Rememoro, também, a época da adolescência, quando ir aos banheiros públicos era uma forma de expressar nossa sexualidade transVIADA. Restava, então, aquele pequeno espaço entre a privada, descarga e suas paredes para que o beijo selado pudesse des(organizar) a cidade da normalização binária.

Acredito que o debate de Preciado (2006) nos provoca para refletir sobre a heterossexualidade compulsória aos banheiros, sejam eles masculinos ou femininos, os das moças com um espaço doméstico e o dos rapazes como espaço da posição ereta, ambos significando um escape para “[...] desafiar a segregação sexual que a moderna arquitetura urinária nos impõe há mais ou menos dois séculos: público/privado, visível/invisível, decente/obsceno, homem/mulher, pênis/vagina, de-pé/sentado, ocupado/livre...” (PRECIADO, 2006, s.p).

Na segunda parte das perambulações, visitamos outro banheiro, este considerado público. Apesar de não pagarmos pela entrada, foi automático entrarmos nos banheiros destinados ao nosso sexo biológico. Quando adentrei, encontrei uma funcionária limpando o local, cumprimentei-a e disse que estava ali registrando algumas fotos para uma pesquisa de

campo nos banheiros da cidade. Ela, então, foi logo se justificando, afirmando que passava álcool, sabão, água sanitária, mas nada conseguia apagar aqueles rabiscos nas portas. Eu apenas sorri e disse que aquilo eram retratos das subjetividades das pessoas que ali submergiam. Pela sua reação, ela pareceu não ter entendido minha linguagem, mas provavelmente tenha ficado mais tranquila, afinal eu não estava ali para fiscalizar seu trabalho. Saí, agradecendo, em seguida fui procurar Felipe, que já estava sentado do lado de fora, me aguardando, então percebo ali, já sentada, a potência da bucha e do sabão quando, remetemos a pensar as sexualidades silenciadas que re(existem) em meio aos apagamentos, ora pela bucha de um corpo vidraça, ora por outras mãos nada vidraças. Louro (2013) colabora nesse pensar em voz alta ao dizer que:

Os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política são inventados. Atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais. Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas. (LOURO, 2013, p. 32).

Seguimos partilhando as impressões. Felipe, por sua vez, não encontra nenhum registro no banheiro masculino, assim como nenhum funcionário ou “usuário”, mas ele ficou entusiasmado com os rabiscos encontrados por mim nas portas do banheiro feminino, enquanto eu reflito sobre a não existência de escritos e/ou gravuras no sanitário masculino. Assim, concordamos em cada um ir ao banheiro oposto ao nosso sexo biológico, para observar as instalações e tentar uma conversa com quem entrasse no local. Olhamos as instalações, mas não conseguimos conversar com as pessoas, pois ninguém entrou no banheiro naquele momento. Na sequência, voltamos para discutir sobre nossas observações. A conversa assume o rumo sobre qual identidade teria escrito que a professora fulana é preconceituosa e puta. Para Felipe, a pessoa que escreveu, provavelmente lésbica, estaria sofrendo preconceito por parte da professora. Essa afirmação me coloca a pensar sobre as teias cada vez mais pulverizadas. Poderia ser qualquer um: uma bicha, uma sapatão, um hétero, uma/um trans, um sub(versivo). Enfim, qualquer um que tivesse escrito aquele recado seria um corpo-vidraça d(e)nunciando, num ambiente longe dos olhos da professora, uma opressão vivida.

Lembro das palavras de Miscolki (2013), quando comenta sobre os banheiros públicos escolares e recorda uma experiência que teve no banheiro do teatro de uma universidade, na hora do intervalo da Aula Magna: a longa fila do banheiro feminino e de ninguém no masculino. Com isso, o autor reflete sobre a estrutura física que obriga a procurarmos banheiros destinados

ao nosso sexo biológico. “Na hora de lidar com tudo de mais íntimo somos levados a nos separar em duas filas, duas portas, dois compartimentos arquiteturais”. Indo mais além, o autor aborda que divisões arquitetônicas seriam uma forma que “Coloca cada um no seu quadrado [...]” e “[...] no caso do banheiro, no seu lugar dentro do binário masculino e feminino”. (MISCOLKI, 2013, p. 41).

Para ajudar nessa compreensão, Duque (2017, p. 63) afirma que “As estruturas arquitetônicas também são generificadas e sexualizadas [...]”, relacionando às reflexões de Beatriz Preciado (2006), ao abordar que “[...] os espaços dos banheiros públicos ‘masculinos’ favorecem a experimentação sexual, o espaço dos banheiros públicos ‘femininos’ incentiva as mulheres a se autovigiarem [...]”. Assim, além das normas estabelecidas na cidade sobre o padrão de qual sexualidade é permitida ou não, esses espaços impõem binarismos aos gêneros, impedindo-os de desfrutarem seus corpos livremente, fora da lógica da heterossexualidade compulsória. Segue-se desprezando as outras subjetividades que rompem essa vertente sectária, enQUADRada e fragmentada no reconhecimento de apenas dois polos, homem e/ou mulher, negando, deste modo, os rizomas.

Pares de palavras como “íntimo e público”, “sim e não”, “certo ou errado”, “coletivo ou individual”, “normal ou anormal. Por que as regras para os corpos ultrapassam as placas de avisos estampadas nos banheiros? Lembro de Foucault sobre a docilização dos corpos e pergunto: em qual local da cidade estamos fora do monitoramento dos nossos desejos? A porta rabiscada do segundo banheiro permite brechas, fissuras, escapes e resistências. Mesmo vigiados, sub(ver)termos). Denunciando, colocamos nossas afetividades, angústias e sofrimentos. Quem seria e o que representa para a pessoa que escreveu na porta do banheiro feminino sobre a professora fulana? O que o banheiro nos leva a pensar? Espaços que reproduzem binarismos? Espaços ainda forjados na lógica normativa? Prefiro entendê-los como espaços que possibilitam a tessitura de rizomas fluidos de múltiplas resistências.

Ainda na porta do banheiro, penso em rabiscar a letra da canção “Masculino e Feminino”²⁶: “Ser um homem feminino. Não fere o meu lado masculino. Se Deus é menina e menino. Sou masculino e feminino”. Assim, transformo os rabiscos, placas de avisos, cores e “pichações” em arte que poetizam vidas apagadas e/ou silenciadas. Enquanto a ordem for pegar a bucha, o sabão e a água sanitária, ainda sentiremos o peso da mão da funcionária que tenta apagar as histórias das cores da cidade.

²⁶ Canção de autoria de Pepeu Gomes, Baby Consuelo e Didi Gomes, do ano de 1993, presente no álbum *Masculino e Feminino* (<https://www.discogs.com/Pepeu-Gomes-Masculino-E-Feminino/release/10662146>)

Nesses caminhos, pensamos em perambular pelos banheiros escolares, mas o tempo, os instantes e outras provocações nos levaram a percorrer outros caminhos. Penso que, para mim, ocupar o lugar de um banheiro institucional traria leituras mais adversas sobre as dores e delícias dos estudantes, além disso, esbarrar sobre as proibições que lhe são impostas, assim como pensar nas provocações que suas paredes nos trariam, enfim, narrativas instigantes. Durante uma conversa com Felipe, ainda no local dos dois últimos banheiros, tivemos um estalo em sentir a cidade pelo olhar do transporte público: “Nos ônibus tem muitos rabiscos nas cadeiras”, assim segue a fala de Felipe, nos provocando a deslizar sobre novas travessias, agora nos coletivos da cidade de Feira de Santana.

Antes de adentrar nos atraVERSamentos dos transportes públicos, vou acender, mais uma vez, outra rachadura no texto para argumentar como a sexualidade ainda é vista dentro dos espaços escolares, bem como sobre a importância que muitas instituições oferecem ao debate. Assim, vamos submergindo à derme dos tecidos performaticamente camufláveis nas minhas andanças como professora da rede pública municipal de Feira de Santana.

3.3 TRÂNSITOS DE ACIDENTES CAMUFLÁVEIS

02 de maio de 2017. A des(contrução) é provocada e intimidada no chão da escola. As palavras sequeem poeando o céu e o inferno. O Deus e o Diabo. De um lado, a aula sobre a religiosidade cristã. Do outro, o corpo quente do julgamento estereotipado. Momentos de conflitos, estigmas e egos feridos. Como pode uma negra lésbica professora ocupar o espaço dito de “poder”? Como pode adentrar sem pedir licença sobre um espaço que não lhe pertence? Lembro das senzalas, onde os meus ancestrais ensinaram e onde aprenderam. Traço estratégias. Permito-me seguir potencializando a resistência. Afinal, esse lugar é meu por direito. Assim, permito des(cortinar) através do constrangimento a tal inventada “ideologia de gênero”.

Há uma resistência muito grande, nos espaços escolares, para falar de sexualidade. Preconceitos, mitos e tabus são muito presentes quando esse é o assunto, o que, também, não é diferente ao se abordar as relações de gênero ou as étnico-raciais. Muitas coisas pairam evasivas, superficiais, soltas e no imaginário cultural. Por exemplo, ouve-se falar sobre a gravidez na adolescência, como um problema que precisa ser sanado e resolvido urgentemente; o cenário ainda é dividido binariamente entre “coisas de meninos” e “coisas de meninas”; a lei

10.639/03²⁷ permanece à mercê de esforços para ser realmente materializada. Há uma pluralidade de propostas e ações nesse debate, por isso, não anulam os espaços educativos que têm pensado numa educação plural e de respeito a toda e qualquer multiplicidade, embora muitas práticas educativas tenham tratado esses temas com preconceito e discriminação. Fala-se em prevenção, mas pouco sobre ensinar as crianças e jovens a respeitarem seus corpos e seus desejos. A escola tem feito, por anos, o papel de julgar e oprimir. Investir na formação dos profissionais da educação é um processo em construção, afinal, muitos docentes desconhecem essa discussão. Falar de gênero, sexualidades e relações étnico-raciais é mais do que necessário, é essencial para a construção da vida em sociedade. Somos múltiplos, isso permite a vida em constante transformação.

Outra questão importante nessa discussão, necessária pontuar, é questionar se as escolas na cidade têm registrado os diversos tipos de violências acometidas aos estudantes ditos “anormais”, “subversivos”, “performáticos” ou “transgressores”. Sabemos que esse estudo não priorizou trazer uma base de dados, mas enquanto professora municipal há 10 anos, me questiono: até que ponto a educação no município de Feira de Santana tem se preocupado com as discussões de gênero e sexualidades? Na verdade, levantar esse questionamento é trazer à superfície cenas dos sujeitos sub(versos) que estão transitando pela cidade.

Um passo importante na educação municipal para que sub(versos) rasurassem a cena clichê dos padrões escolares foi quando, na II Conferência Municipal de Educação de Feira de Santana²⁸, discutiu-se o Plano Municipal de Educação. As/os professoras(es) criaram a sala temática “gênero e sexualidade” na plenária de leitura do regimento. Por sua vez, nas galerias da Câmara Municipal, os vereadores retiraram todas as discussões coletivas sobre gênero e sexualidade construídas no Plano Municipal de Educação²⁹ pelo professorado da cidade intitulada como “princesa do sertão”.

É importante falarmos que, para além do Plano Municipal de Educação ainda não estar em ação, outros documentos como a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, *O caderno de Gênero e Diversidade Sexual na Escola*, o *Brasil Sem Homofobia*, o Documento final da Conferência Nacional de Educação, ainda estão em processo de disputa no “chão” da escola. É notório que alguns espaços educativos têm se dedicado a discutir tais questões, mas o cenário

²⁷ Lei que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

²⁸ Ver página da conferência: <https://www.facebook.com/conferenciadeeducacao/?fref=ts>

²⁹ Ver o Diário Oficial eletrônico do município de Feira de Santana. ANO II - EDIÇÃO 389, de 19 dezembro de 2016.

que se desenhou nos planos municipais de educação fez com que o tema “gênero e sexualidade” não avançasse nas discussões, desde modo, precisaremos mudar a “flecha do capital” (PELBART, 2004, p. 31) para percorrer vários sentidos ou direções. Correlações de forças pairam dentro do ambiente educativo e, mais uma vez, binarismos se instalam como determinantes de uma sociedade feita para poucos e não para todos. A luta por uma escola pública laica, de qualidade e plural é disputa ideológica de projetos contra-hegemônicos. Projetos que garantam possibilidades de trans(formações) dos sujeitos que estão nos muros, cadeados, fechaduras, portões, invisibilidades, ofuscamentos, enfim, silenciamentos da vida e escola.

Diante do debate sobre as instituições escolares, ao começar nossas perambulações nos ônibus, nos despimos sobre os cenários re(desenhados), mesmo que provocações iniciais tenham sido instigadas pela frase dos últimos banheiros: “a professora fulana é puta e preconceituosa”. Fomos sendo esburacados ao passo que esburacamos. Como a escola está submersa na cidade, algumas de nossas fotografias a seguir nos permitem pensar a escola para além do seu projeto arquitetônico, entre paredes e cadeados. Assim, a escola invade a cidade e a cidade é invadida pela escola, debate que pretendemos fazer mais à frente, depois de apresentar nossa última intervenção: viagem nos ônibus da cidade. Para iniciar o per(curso), apresento a poesia “Tostão Clichê”.

Faróis, conversas e tecidos frios
 Percalços sobre inúmeros cercados des (materializados)
 Na mente gratidão, sub(versão) e esBURACamentos
 Não há ninguém para rodar os ventos
 Sem tostão eu, o cartão e a longa espera
 É chegada a hora da borboleta
 Palavras atraVERSAM o buzu da cidade
 Você já utilizou seu cartão!
 Alerta vermelho! A cartografia é corpo que re (desenha)
 Em pé des(conexões) em frente à borboleta
 Cobrador-motorista desterra o predeterminado
 Ela não vai passar?
 A mulher da espada vulcaniza os tempos
 Na encruzilhada, remonta a paisagem
 - O cartão não passou, sem dinheiro vamos descer
 E na cena camuflável
 Os binarismos da cidade respondem:
 - Pode sentar, vou pagar sua passagem!

Nesta terceira parte das nossas travessias, brota inquietações sobre a frase estampada no banheiro feminino, a qual, através das observações de Felipe, dispara em nós uma vontade de acompanhar as várias escrituras nas cadeiras dos ônibus. No dia nove de abril de 2018, marcamos para andarilhar na cidade dentro do transporte coletivo. Escolhemos o Terminal Central de transbordo para ser o lugar do nosso encontro. Em meio a conversações pulsantes, Felipe encontra-se com um senhor já conhecido dele, que colhe biribas (madeira utilizada na fabricação do berimbau). Neste momento, a cena ginga ao som da orquestra afro-brasileira e desterra as artes traduzidas nos estilhaços de uma cidade que in(visibiliza) seus corpos através das fumaça dos carros.

Figura 10 – Biribas in(invisíveis)



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 25 de abril de 2017

Enquanto Felipe conversa, observo suas expressões. O encontro de gerações que marcam texturas in(visíveis) da cidade des(confortável). Rememoro as lembranças do espaço educativo quando, em 2019, realizei uma oficina de berimbau para turmas de 5º ano (Figura 11). Sobre um novo olhar da escola, apresentei a proposta na transversalidade dos rizomas e fluídos corpos des(viantes) e enQUADRados, estabelecendo “[...] o reconhecimento da pulverização, da multiplicização, para a atenção as diferenças e a diferenciação, construindo possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes” (GALLO, 2008, p. 79).

Figura 11 – Peça de arame e pau



Fonte: Arquivo da pesquisadora, em outubro de 2009

É nesse encontro entre imagens do passado e do presente, pelo “entre” e o “talvez” que a pesquisa vai rasgando conceitos e inventando e re(construindo). Sobre tais cenas que expandem territórios, pergunto, onde está a biriba na escola e na cidade? É visível aos nossos olhos cansados um senhor idoso com biribas apanhadas no mato? Quais cenas não escapam das nossas visitas no dia ou na noite das ruas cidade?

Mergulhados nas cenas que descrevem, sem exatidão dos tempos e/ou instantes, re(viramos) as paisagens pelo avesso dos versos. Não sabemos onde se inicia o passado ou presente, os instantes percorrem o aqui e o agora que emergem pela superfície das dermes cada vez mais camufláveis e performáticas. Não queremos quantificar os tempos, mas apenas apresentá-lo nestas figuras (10 e 11) como parte de um ato que perfura o subsolo da cidade des(enQUADRA)da, trazendo à tona o inimaginável, o arbitrário, o complexo e o atravessamento de novas e velhas significações.

Penso que o senhor e sua biriba nos mostram que percurso percorrer naquele momento. Ele nos ajuda a pensar que não há direções fixas a seguir, já que as cenas se embaralham entre presente, passado e futuro. O que coube a nós, naquele instante, foi subir no ônibus para São José³⁰ e seguir viagem, buscando o novo nas paisagens sempre “velhas”. Talvez as palavras de Calvino (2003) nos provoquem para entender o que digo:

³⁰ Comunidade pertencente a Maria Quitéria, distrito do município de Feira de Santana.

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha [...]. A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. [...] A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 2003, p. 15-16).

Dessa maneira, quando a cena sai da coxia para apresentar no tablado os corpos vidraças da cidade, rasga-se o pano que abre o espetáculo e levanta à superfície as camuflagens dos protagonistas da cidade enQUADRada. A invenção de subir no ônibus e explorar novas lentes significou dismantelar as texturas da cidade. O velho senhor, com sua biriba, com certeza nos impulsionou na decisão de qual ônibus pegaríamos naquele momento. A sugestão sobre o que observaríamos segue em registrar tudo que nos tome a vontade, experimentação e a potência na viagem des(ordemada).

A cartografia desfila por entre asfaltos, becos, concretos, terrenos esburacados... e vamos ao embalo dos tropeços e delícias para São José, ou melhor, distrito de Maria Quitéria, uma viagem que permite des(territorializar) as demarcações fronteiriças entre campo e urbano. Na rota que liga o Terminal Central ao distrito, nota-se o campo emergido no espaço urbano. Trago essa narrativa por entender que as ruas da cidade de Feira de Santana são compostas de ambulantes que sub(vertem), embaralham e performatizam as cenas rural/urbano. Seus produtos agrícolas estão por toda a parte, seja no famoso Centro de Abastecimento – polo que abastece a cidade com as delícias do campo (Figura 12) – seja nas diversas ruas do centro da cidade.

Neste universo, a cartografia vai compondo misturas no binarismo urbano/rural, possibilitando os enlances de encontros multipolares. A cartografia “[...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (ROLNIK, 2006, p. 23).

Figura 12 – Re(construção) adversa



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 9 de abril de 2018

Deste modo, seguimos a viagem conversando sobre diversos assuntos. Percebo, novamente, que rural e urbano se convergem em teias rizomáticas, até mesmo nas conversas tecidas no ônibus. A discussão sobre a sexualidade é anunciada de novo à cena, quando Felipe expõe que, certa vez, sentado em uma praça no centro da cidade, foi surpreendido por um homem para realizar um “programa”. Penso que a questão do convite apresenta, além das possibilidades de desconstrução de territórios, uma reafirmação destes mesmos territórios. Questiono-me se o convite se refere ao que a praça representa na cidade, ou ao que o corpo de Felipe provoca no lugar. Nesse jogo de corpos e lugares, reflito sobre as discussões de Ferrari (2006), já abordadas nesse estudo, ao falar sobre banheiros e seus territórios. Será a praça uma extensão dos banheiros e um lugar no qual conquista e/ou paquera não atendem apenas a heterossexualidade compulsória? A cena nos permite entender a pergunta como uma afirmação, a praça/rua é um lugar de livres expressões, assim, fico com as palavras de Duque (2017, p. 145): “[...] tomando o espaço como um ‘ambiente se signos para interação’, mais do que um cenário ou um condicionante físico, reconhecemos que estamos diante de um ambiente expressivo, que, por isso, ‘tal como o corpo, o espaço físico é idioma’”.

Ainda no percurso rumo a São José, entra um senhor no ônibus com camisa de time de futebol, o que anima nossa viagem (Figura 13). O debate geracional novamente fissa a cena, vai povoando nossas cabeças, as gírias “joviais” utilizadas pelo torcedor diminui a distância pautada na normalização do que é ser jovem e/ou velho. Em qual lugar da cidade encontramos

nossos idosos? Quais atividades são a eles destinadas? Não poderá o senhor idoso que ainda colhe no mato a biriba e o que viaja conosco perfurar a lógica enQUADRAda da cidade?

Figura 13 – Em trânsitos vermelhos



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 9 de abril de 2018

A pesquisa, mais uma vez, nos convida a desmantelar conceitos arraigados em verdades direcionais e absolutas, des(organizar) o que se entende sobre si e o outro, estereótipos vão à superfície elaborando trânsitos performativos de camufláveis corpos de vidro. Relembro Pais (2006), quando aborda que as culturas juvenis são performáticas na medida em que não se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe. Nesse sentido, questionar sobre os limites naturalizados seria pensar sobre novas epistemes, tanto para o senhor que leva consigo a juventude nas suas falas e expressões, subvertendo o que se entende sobre velhice, quanto a juventude, que compõe seus estilos submergindo a cidade e muitos lugares institucionais. A escola, por exemplo, é invadida pelos jovens com seus bonés, diversos assessórios, expressões de desejos por meio de rabiscos nas paredes institucionais e os cantinhos destinados ao “amasso”. Além da escola ser des(concertada) pelos estudantes, eles invadem a cidade sob o olhar da escola, rabiscam os bancos dos ônibus deixando seus recados, marcas expressivas, sub(versões) e expressões que revelam seus espaços educativos. Então, nessas

imagens aparecem escritas em uma norma não culta, denunciam preconceitos, expressam desejos. Vejo que esses escritos podem relevar uma liberdade longe dos olhares enQUADRADos da escola e da cidade.

A frase estampada na cadeira do ônibus de São José expressa os fluxos in(visíveis) aos corpos vidraça, onde a cidade diz: “eu cago, *tú* cagas, ele caga” (Figura 13). Essa expressão nos traz a possibilidade de questionamentos pulsantes sobre as re(existências) híbridas e abjetas. Essa frase nos releva uma escola que ultrapassa as barreiras de seus muros institucionais. Apresenta os corpos-pulsantes, os acidentes trânsitos camufláveis, os rizomas, as potências, as interseccionalidades que d(e)nunciam fixas direções e a cidade que segue o fluxo híbrido do devir.

Figura 14 – Final de linha



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 9 de abril de 2018

Corpos, paisagem e ruídos vão se emaranhando nas trepidações até o final de linha do ônibus para São José, de onde avistamos a praça da comunidade (Figura14). Olhando para a fotografia acima, reflito sobre o que a cena nos instiga a pensar. Cores, formas, aromas, fofocas tecidas à sombra das árvores, carrinho de lanche com peça e suco (a R\$ 1,99). Anúncios de velocidades que revelam potências rizomáticas. O velho senhor e suas biribas no Terminal Central (Figura10), as falas de Felipe ao desterrar as sexualidades, minhas lembranças da escola e a cena movimento do final de linha de São José parecem um chamamento, um convite para esburacar novos e/ou velhos territórios.

A praça releva a superfície o que não conseguimos ver em suas imagens. Ela fala sobre aventuras, sobre a gordura no guardanapo no lanche de R\$ 1,99, das mulheres que conversam atrás da árvore, da igreja, de seus transeuntes, dos corpos en(QUADRADos) e dos sub(versos). Convido os leitores a observarem novamente a cena da praça, movimentos que solicitam um

zoom. A praça des(territorializa) não só a sua paisagem, ela des(monta) e desconstrói nossos olhares fixantes, traz à superfície escavações que nos instigam a pensar no espetáculo performaticamente camuflável. O velho senhor e suas biribas re(fez) e re(faz) nossos percursos a São José ao convocar a pesquisa, a nós (eu e Felipe), aos passageiros-leitores-transeutes esse embalo atraVERSAnte da cidade. “O que pretendemos aqui é uma ampliação das fronteiras buscando zonas cada vez mais híbridas, impuras, desconcertantes, atípicas, caóticas e, por isso, infinitamente criativas: ventos que as façam dançar, vida em potência”. (ANDRADE; MACEDO; DIAS, 2009, p. 257).

Na segunda visitação aos transportes coletivos, marcamos para ir ao bairro Aviário, local periférico na cidade de Feira de Santana. Como imprevisto cartográfico, Felipe não pode comparecer, assim resolvi seguir viagem, mas, em comum acordo, o sujeito-pesquisador faz o percurso em outra data para colher suas impressões. Escolhemos o Aviário não só porque o bairro compõe uma localidade periférica, mas por que traz um percurso que nos possibilita sentir a cidade em formas, cores, paisagem, gostos e/ou sentidos que aguçam sentir um espaço nada comum aos nossos sentidos, esse bairro abriga a penitenciária da cidade e outras sub(versões).

Figura 15 – Binarismos transeutes



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 24 de maio de 2018

Ao entrar no ônibus, no dia 24 de maio de 2018, no Terminal Central, sou surpreendida com um senhor idoso distribuindo livretos evangélicos com a seguinte frase: “Fim do mundo - realidade ou ficção?”. Impactada, passo a observar as vestimentas, penteados, comportamentos dos corpos e o que eles traduzem com essa frase. A escola se faz presente em mim, ao lembrar da pergunta que fazia, quando iniciei como professora do município de Feira de Santana, em

2008: qual era o espaço das religiões de matriz africana nas festividades do calendário cristão? Cenas se misturam em passado e presente, as cartografias denunciam um mundo composto de normalizações que tecem ramificações cristãs em todos os espaços, extrapolando os muros de seus templos e/ou igrejas. O que leva aquele senhor a acreditar que seu livreto não passa de mais um papel em meio a tantos outros distribuídos na cidade e na escola? Todos ali sentados professam a mesma e absoluta verdade cristã? A ordem cristã segue povoando os arredores da cidade, o corpo do senhor e seu pequeno livro me parecem mais uma vidraça estilhaçada pelas imposições sociais.

Percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, alargar olhares, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos, é imperativo para que compreendamos o que hoje é designado como sendo um corpo desejável e aceitável. (GOELLNER, 2013, p. 33).

Conjeturando sobre esse corpo do desejo e do que é aceito socialmente na sociedade, adentro no ônibus em travessias pulsantes, sendo provocada pelas cartografias deslizantes. Rememoro a imagem que antecedeu nossa subida no transporte coletivo de São José: o senhor e as biribas, juntamente com os livretos distribuídos dentro do segundo ônibus, por outro senhor (Figura 15). Corpos que tecem e a-nunciam novas perambulações. Ambos me instigam a pensar nas in(visibilidades) que são aterradas na cidade e no ofuscamento que acompanham os corpos de vidro.

Biriba e folhetos seguem como objetos-movimentos de cenas antagônicas, congruentes, potentes e rizomáticas. Reflito: qual corpo é aceitável na cidade? O do velho com sua biriba, ou do outro com seu livreto? Não sabemos mensurar ou prever as in(visibilidades) e/ou interseccionalidades que cada corpo carrega. Nossa intenção é apresentar o que nos toca, movimenta, des(conforta), pulveriza e/ou des(terra).

Sentada no ônibus, observo os fluxos de uma cena que des(monta) e re(movimenta) meu olhar a todo instante. Vejo mulheres idosas e negras que, supostamente, visitarão seus familiares no Conjunto Penal da cidade (essa leitura parte do princípio de que quinta-feira é dia de visitação no presídio). Mulheres idosas e negras, o que essas interseccionalidades nos chamam atenção? Os homens não visitam seus parentes em regime de encarceramento? Ou a visitação nos mostra cartografias de enQUADRAMentos a que são submetidos o sexo feminino? Apresento as reflexões de Louro (2013), sobre a educação escolar, para dialogar sobre essas inquietações.

Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino) ou para indicação de

atividades “características” de homens e atividades de mulheres. (LOURO, 2013, p. 74).

Ao trazer essa reflexão para dialogar, não pretendo apresentar as discussões de gênero como uma posição diretiva e fixante nos atraVERSamentos da cidade, mas trazer ao palco tais questionamentos nos remetem pensar que as cenas relacionadas com o debate sobre o campo feminino emitem questões que implicam re(posições), ao passo que expressam r(e)xistências. Estamos falando de mulheres que enfrentam a abjeção, medo e julgamentos para conseguirem visitar seus parentes. O foco da pesquisa não é questionar se elas atendem aos anseios da sociedade do “padrão”, mas desmantelar a cena como uma colcha de retalhos que vai sendo redesenhada por insubmissões a todo momento. Quem poderia julgar aqueles corpos re(existentes)? A frase estampada no livreto: “Fim do mundo: realidade ou ficção”?

Bolsas, sacolas com pequenas feiras, afetos e desafetos, expressões de corpos contidos em seus penteados e vestimentas. É anunciado na janela do ônibus (Figura 15): “hoje é o dia de ser salvo”. De qual salvação se fala? Do senhor que carregava biribas apanhadas no mato? Do idoso que distribuía livretos evangélicos? Das velhas senhoras que ali estavam? Do caminhão de cerveja que invade a cena (Figura 15)? De mim, totalmente bagunçada? E/ou dos sub(versos) da cidade? Acredito que estamos a falar dos binarismos que invadem as cenas, ao passo que traz à superfície performatividades camufláveis. De um lado o abjeto, do outro o “santificado” e, por fim, uma cena em fluxos movimentos do devir.

Figura 16 – Olhares retorcidos



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 24 de maio de 2018

Fissuro o texto para apresentar as andanças do sujeito/pesquisador. Diferente da minha perambulação no Aviário, Felipe SE encaminha para o Conjunto Penal des(consertando) as

cenas. Na descida, o camuflável mais uma vez é des(montado). Ao tentar dialogar com as pessoas que estão na fila para visitar os presidiários, Felipe é abordado pela declaração: “Não tire foto, que o pessoal de lá de dentro já está sabendo que você está aqui”, mas, ao afirmar que é pesquisador, permitem o registro. Aquela declaração nos convida a protagonizar cenas que se divergem e convergem em intersecções cada vez mais plurais e performáticas. Lembro das senhoras que estavam em viagem comigo e que desceram no presídio. Quem seriam os sujeitos encarcerados: as mulheres que carregavam as sacolas de feiras para dentro do conjunto penal? Felipe, que é intimidado? Os que estão na fila ao sol? Ou eu, que sigo visualizando cada detalhe de re(existências) híbridas? Enfim, cartografamos com afetos, abrindo nossa atenção e nossa sensibilidade a diversos e imprevisíveis atravessamentos. (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 39).

No percurso realizado por mim, não desço do ônibus, mas sigo observando a cidade pela janela. A cobradora emerge no cenário, trazendo vários elementos às observações. Aborda que os sujeitos em encarceramento nem sempre são os que mataram ou roubaram, mas os de pequenos delitos. Afirma que muitas pessoas que estão na fila do presídio não pegam o ônibus, já que vão em carros particulares de outros municípios. Comenta ainda sobre o comércio sexual das mulheres que adentram no conjunto penal para venderem seus corpos, ela também me orienta a ir no final da tarde para tentar dialogar com essas mulheres que, segundo a cobradora, voltam cheias de dinheiro depois de atender seus clientes que estão privados de liberdade.

Cenas se embaralham em velocidades híbridas. Penso na Figura 10, que inicia minhas reflexões sobre essas travessias, e na frase estampada no livreto religioso: “Fim do mundo - realidade ou ficção?”. Trago as reflexões da cobradora que, em nossa conversa, deixa evidente que só existe um caminho: a palavra de Deus. Nesse momento, o cenário se faz e re(faz) envolto em direcionamentos fixantes que tentam des(configurar) os corpos e in(visibilizá-los). Percebo os estilhaços de vidro nas falas da cobradora, na frase do livreto, nas senhoras que estão esperando a parada no presídio, nas pessoas ao sol na fila, em mim e em tudo a nossa volta. Sub(versões) e in(visibilidade) re(mexem) nas cenas. A cada movimento e/ou instante, o cenário des(monta) e re(monta) em performatividades camufláveis, para apresentar o devir aos sujeitos en(QUADRA)dos e des(enQUADRA)dos). Desse modo, vou tentando compreender os corpos, seu entorno e suas performatividades.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. (GOELLNER, 2013, p. 33).

Figura 17 – Abjetos objetos



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 24 de maio de 2018

Cores, formas, acontecimentos, novidades, surpresas e sentimentos vão povoando nossas análises sobre o espaço. Eu, por ter levado tanto tempo a despir e despir-se de uma realidade de que nunca ousara conhecer, e Felipe, por conceber a paisagem de uma outra maneira. Lojas, hospitais, carros e pessoas, tecidos se convergem na cena que estampa a cadeira do ônibus: “Mutuquinha é tão bichona que dei uns *pau* e ainda foi para o colégio”. Não poderia Mutuquinha frequentar a escola por causa da agressão ou porque suas paredes institucionais não faziam sentido a sua sexualidade? Nesse momento, reflito sobre o quanto escola e/ou cidade estão embaralhadas, assim como o quanto as cadeiras dos ônibus revelam cenas soterradas.

Fico agora com as imagens da figura 18 que mostram uma passeata realizada por uma escola municipal do bairro, nela, as crianças estampavam cartazes contra o abuso sexual infantil. A fotografia foi registrada por Felipe, quando realizou sua perambulação pelo Aviário. Além disso, ao descer do ônibus, ele fotografa cenas no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), onde acontecia diversas oficinas: percussão, futebol, dança. Imagens que parecem ter um duplo sentido, pois ao mesmo tempo que colaboram para tornar visível invisibilidades, trazem, nas entrelinhas, questionamentos aos corpos da cidade espetáculo.

A arte da oficina de percussão, por sua vez, tem sentido antagônico do Conjunto Penal, onde pessoas ao sol esperam por um lugar na cidade in(visível). A arte sugere possibilidades de garantir outros acessos aos jovens do bairro, ao passo que a fila no sol desrespeita as pessoas do lado de fora e as de dentro do presídio. Aqui incluo não só as pessoas que estavam na fila, mas os jovens que estavam na oficina de percussão. Penso na imagem a seguir sobre a passeata contra o abuso sexual infantil, então trago uma afirmativa: a escola segue em cartazes vazios, enquanto Mutuquinha segue uma vida solitária e sombria, fora e dentro da escola e/ou da cidade.

Figura 18 – Cidade In(visível)



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 24 de maio de 2018

Talvez, olhar nesse instante para o grafite do artista Coelho nos fundos do Terminal Central nos possibilite des(montar) as direções fixantes a que somos bombardeados todos os dias. Um marinheiro olha para o oceano e, assim, nos transporta às terceiras e diversas margens de rios e mares, nos convida ao múltiplo de Deuleze, a des(montagens) sobre os territórios normalizantes.

Figura 19 – Cores ofuscadas



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 24 de maio de 2018

Diante do que foi exposto até agora, penso que a performatividade/camuflável, que trafega anunciando as vivências fluidas de sujeitos-vidraça, poderá re(mexer) os fluxos direcionais, des(organizando) a cidade que foi projetada na vertente binária. Pelo “entre” e/ou “talvez” hibridizamos todos, in(visibilizados) ou não. Pensando na des(ordem) que bagunça as ruas da “Princesa”, esse estudo pretende constituir uma rasura que des(terra), esburacando o sub(solo) nebuloso, fazendo emergir as visíveis in(visibilidades), trazendo à superfície a performatividade/camuflável, anunciando a bomba moral que compõe a cena dos corpos de vidros que perambulam, contando, fazendo e reinventando suas histórias.

Assim, potencializo o corpo dos transeuntes como um debate para materializar os estilhaços de vidros do “entre” e/ou “talvez”:

Hoje, sem tempo cronológico. Somos muitos(as)/xs nas diversas interseções. Assumimos, através da constituição binária, ou não, elementos que rompem com o mundo direcional. Fazemos nossas andanças, por vezes, no limbo de sociedades que repetem histórias apagadas. Nas travessias, emancipamos o devir de um existir fissurado. Buscamos, nas brechas que escapam, a dureza do ferro opressor, a essência de abjeções que gritam, choram e berram o ar poético. Vivemos entre o sim e o não. Fechamos e abrimos os porões da existência. Sentimos felicidade ou apagamos nossas memórias. Poeticamente, entendemos nossa fortaleza de sermos tudo ou quase nada. Assim, criamos leis que nos permitem não só nosso lugar de fala, mas a arte de ser simplesmente um só entre muitos transeuntes.

Resistir é provocar novos fluxos do devir, é permitir visualizar outros corpos-vidraças. Colocar em pauta, nas ruas da cidade, assuntos que contrapõem o sistema instituído pela lógica eurocêntrica, machista, misógina, sexista, LGBTfóbica, dentre outros. Também é assumir um

grande desafio para a coletividade, buscando refletir sobre a heterossexualidade compulsória, os padrões e o que é naturalizado há séculos. Abrir um buraco no papel para des(terror) a existência dos movimentos rizomáticos que estão sob(re) todos os corpos: trans, homo, hétero, binários, não binários, vidraças ou não vidraças.

O que importa não são verdades irrefutáveis de suas respostas, mas as perguntas sobre elas, enfim, o pensar em silêncio, em barulho, em voz alta, baixa, média, em múltiplas vozes. Assim, se faz necessário dismantelar as verdades dos conceitos, questionando-os a ponto de se compreender que:

O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. (GALLO, 2008, p. 43).

Figura 20 – Três por cinco



Fonte: Arquivo da pesquisa, em 9 de abril de 2018

4 “ABREM-SE” AS CORTINAS: DEVIR, AFETOS E JARDINAGENS

04 de agosto de 2018. Estou aqui em meio a livros, des(ordens), cartografias e pensamentos dos mais dissidentes. Perdida? Talvez sim, mas na in(certeza) do potente universo que se traça, redesenha, desterritorializa e esburaca as cenas da cidade camuflável. Já não sou mais a mesma. Minhas intersecções estão desmanteladas e cada vez mais fluídas. Acredito que a viagem solitária acontece no “menos” sozinha possível. Viagem que acontece por cores, formas, sentidos, cheiros, sentimentos e atravessamentos abjetos. Nesse sentido, a cidade está em mim, eu nela, em um jardim de afetos em conversações pulsantes. Aos 22 de setembro de 2017, escrevo a poesia **Des(controlar) os controles perdidos**³¹.

Procurar por entre tempos perdidos
 Ariscar nas desordens
 A fábrica que anula o click dos dedos
 Encontro dos controles perdidos?
 O mundo pede tempo
 E a vida não para
 Gasta os raros pés descalços
 Pega as armaduras
 Veste os tecidos glamorosos
 Delineia os batons de bocas ofuscadas
 O que levar desta trilha?
 Um pequeno objeto de encanto
 Que perambula no devir
 Liberdade? Destino?
 Anjos ou demônios?
 O som desta maré não experimenta?
 Estrelas azuis trazem e levam
 Belezas, feiuras, poemas, caixas, som e um click
 Repetir as canções?
 Por onde se encontra o meu, o seu, o nosso controle?
 Um velho homem preto passeia com suas palhas
 Forças inesgotáveis estão nas cenas da força maior
 Ternos entre farrapos descem a ladeira da quebrada
 Fluídos corpos do entre e/ou talvez
 Mora em mim resistências nas cenas perdidas
 Habito e deixo ir
 Levo as teias do coração híbrido encontrando a estrada vazia

³¹ Poesia registrada no *blog* desmontagemdaspretas.wixsite.com/blogoficial, publicada em 24 de abril de 2017.

Com as dores que silencio minha alma
 E, no horizonte decrépito,
 Vejo os dragões dos erros e acho o des(controle)

Escrever este último capítulo assume em mim uma tarefa nada fácil, pois tenho, nesse momento, menos convicções possíveis. Se tivesse me perguntado, no início desta pesquisa, o que queria desse estudo, teria respostas prontas, formuladas, arquetizadas, mas hoje, passados dois anos, me considero em devir, em algo que ainda estarei por construir(-me). A pesquisa foi cartografada entre afetos e des(montagens), ela inventou percursos, desterritorializou e me fez perceber que esse movimento me parece um re(desenho) sobre des(estruturas) de um pensar de margens múltiplas e desconcertantes pelo “entre” e/ou “talvez”.

Como escrever sobre um estudo de margens fluídas, híbridas, abjetas e sub(versivas)? Como encenar o último capítulo desse es-petáculo camuflável, se tudo ainda está por vir? Quero deixar claro aos leitores que essas escrituras não são as últimas, mas apenas o começo de um longo e aprofundado debate sobre as ruas de inventivas cidades. Deste modo, faço um convite ousado: tirem a roupa que torna o corpo aprisionado e viajem por entre as dermes flutuantes do corpo camuflável, perambulando em uma probabilidade caótica, em “[...] que as imagens podem divulgar sem explicar, sem representar, mas movimentar pensamentos de criação e também de produção de conceitos/conhecimentos” (ANDRADE; MACEDO; DIAS, 2009, p. 256). Assim foi (e espero que sempre seja) nosso per(curso) pelos efeitos desestabilizadores. Perambular pelas cartográficas grammas dos jardins de afetos.

Na vontade de desbravar o camuflável apresentado por Felipe de Jesus, meu jardineiro dissidente, convido Gallo (2008) para começar a conversa:

O rizoma rompe, assim, com a hierarquização – tanto no aspecto do poder e da importância, quanto no aspecto das prioridades na circulação – que é própria do paradigma arbóreo. No rizoma são múltiplas as linhas de fuga e portanto múltiplas as possibilidades de conexões, aproximações, cortes, percepções, etc. Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível por entre seus inúmeros “devires”; podemos encontrá-la na transversalidade. (GALLO, 2008, p. 78).

Dialogo com aquilo que emerge a derme, o camuflável, esse novo conceito que aparece imbricado com a performatividade e que, em muitos momentos, apresentei como performatividades camufláveis, o eixo desenvolvido nesse estudo: cartografias e interseccionalidades. É necessário dizer para os leitores/as que essa aparição do camuflável é um debate interseccional, performático e camuflável, estando interligado, emaranhado, desconcertado, em des(montagens) sobre as cenas atraVERSAdas pelas ordens e desordens. O

que se apresenta não é uma cena fixa e/ou imutável, mas um rizoma que pulveriza o sentido, trazendo à visão novas e desafiadoras implicações sobre e na cidade.

Essa performatividade camuflável, que ganha força ao sair da coxia, assume potências inventivas quando Felipe as desterra, trazendo aos palcos as cenas fluídas da cidade. Composições de cenas e escrituras de um espetáculo sub(versivo), menos diretivo e de pensamentos quase inexploráveis. As cenas não nos sugerem raízes retiradas da superfície, mas o processo rizomático que, ao emergir, provoca outros e diversos cenários. O que observamos foi que, ao passo que a cena se apresentava, provocava outras variantes, sendo o devir a expressão do entre e/ou talvez a provocar triturações múltiplas e dissidentes. Desde a primeira cena, o *shopping*, Felipe traz para a derme híbridas paisagens dos corpos vidraças e não vidraças.

As perambulações de fluídos rizomas é um atributo performativamente intenso na pesquisa. Quando deixamos que as cenas descrevessem os caminhares, modificassem o ato, nós, os sentidos, passamos a olhar o novo e/ou novamente sobre as des(montagens) da cidade. Entendendo que o estudo percorreu a multiplicidade como um ato de uma cena rizomática, vestimos a performatividade como o a(nunciamento) de atos que contestam os enQUADRAMentos de muitas ordens e/ou desordens que direcionam as cenas. Diante de todo esse debate sugerido pelas cenas da própria cidade, percebemos que os corpos revelam des(moldes) padronizados e fora do eixo, ao mesmo tempo que trazem a possibilidade de bagunçar, não só o passado, mas mover-se pelo instante à todo momento.

O que nos apresenta é uma cidade destoante, sub(versiva), caótica, no qual suas ruas parecem querer quantificar seus corpos e acontecimentos em dados e informações, ao passo que outras cenas carregam potências que se reinventam em velocidades múltiplas. Deste modo, perambulamos, eu, Felipe, os versos, as poesias e os sub(versos), desafiando e transformando o entendimento de que:

Comunicação e informação atuam, desde dentro da criação, garantindo a unidade do mundo, impedindo que múltiplos mundos se façam possíveis. Na comunicação/informação está tudo dado: sujeito, objeto e os meios linguísticos de sua representação. Cerceando a multiplicidade. Neutralizando e domesticando o acontecimento.” (ANDRADE; MACEDO; DIAS, 2009, p. 266).

A cartografia nos possibilitou outras direções para tencionar a sociedade em que os enquadramentos se localizam no cerne da informação e/ou comunicação. A cartografia foi povoando instantes e novas rotas, a cada chinelo sobre as ruas, éramos bagunçados e tínhamos inovações caóticas. Aos passos que dávamos, as cenas se abriam e esBURACAMentos múltiplos eram provocados, as câmeras nas mãos, as conversas, as observações e os sentidos

deixaram nítido que registrávamos e éramos registrados como um movimento de duplas lentes em apenas um *click*.

Com efeito, ou sem efeito, para os confortáveis des(confortos), o camuflável abriu a cena clichê e permitiu, através de Felipe, transmutar as potentes imagens fluídas das ruas da cidade, apresentando uma nova leitura plural sobre o universo cartográfico, acendendo “[...] em nós um olho adormecido que vê o que já está visto e revisto” (PREVE, 2013, p. 53). Desse modo, o estudo constituiu-se em um ato de criação inventivo, no qual se inventa e se é inventado. As cenas atuais ou as já vistas possibilitaram outras leituras ao entrarem em cartaz novamente. As paisagens desbravaram as andanças travessias, permitindo atraVERSAMENTOS e experimentações cada vez mais fora do eixo, aguçando sentidos desconcertantes. A metodologia cartográfica nos provocou para mexermos na cena e sermos mexidos por ela.

Ao rememorar a vertente interseccional que expressava sobre minha “quase” identidade, hoje, ao “final” de um ato que irá se reprisar em nossas vidas ou quaisquer outras, diria que todas as intersecções permanecem como um d(e)nunciamento potente de re(existências), com a intenção de ir além das definições ou explicações identitárias. Talvez, transitar pelas cenas da cidade, com múltiplas faces, me deixe mais confortavelmente des(montada) sob uma veste transparente, ao perceber que a categorização limita o pensamento quando fixa padrões e regras de comportamento aos corpos que se subdividem em várias vidraças.

Hoje, ao andarilhar pelas ruas da cidade, me reinvento, tiro a veste camuflável, me camufla novamente como um ato visivelmente in(visível), depois abro um novo ato de múltiplas margens. Assim, quando se elencam palavras, elas apenas indicam a classificação e/ou categorias das coisas, ou melhor, um nome dado para identificar o isto ou aquilo.

Afinal, a linguagem é o domínio do possível. Ela indica alvos, preferências, escolhas: ou isso ou aquilo, ou assim ou assado, ou agora ou depois, ou sair ou entrar. É preciso esvaziar essa mola do sentido. O esgotado pode até combinar ou recombinar as variáveis, percorrê-las exaustivamente, mas elas já não servem para nada. (PELBART, 2004, p. 34).

Esta pesquisa quis expulsar o trânsito pelo caminho do possível, pelas impossibilidades do que é líquido, dissidente, potente e/ou sub(versivo). Escolhemos perambular pelo devir das fronteiras do entre e/ou talvez, assumindo uma postura que tritura as razões das certezas ou verdades. Através dos potentes rizomas, fomos compondo as cenas performáticas como um ato que afeta e por ele somos afetados. As ruas da cidade se diluíram a cada caminhada: o *shopping*, os banheiros, os ônibus, minha história e a de Felipe. A escola, protagonista nesse estudo, desterrou várias histórias, narrou afetos e dissabores, e no devir permitira-se novos ou velhos roteiros des(conexos).

Incrivelmente, se constituem uma lindeza dessas escavações a compreensão que os muros da escola são fictícios, haja vista que cada drama expresso nas ruas da cidade faz lembrar a escola, seja nos corredores do *shopping* e galerias – ao tecer uma sociedade naturalizada em preconceitos, confortos e/ou desconfortos – seja nos rabiscos do banheiro e na mão que os tenta apagar. Mas também pode ser nos transportes coletivos, ao questionarem a laicidade do Estado nos folhetos, adesivos, vestuários e/ou pregações, enfim, a escola submerge na cidade em uma obra que está na derme, na camuflagem.

Cabe, então, uma pergunta: os muros da escola darão conta do bombardeio que afeta a estrutura do seu projeto arquitetônico? Seria pouco honesto, de nossa parte, acreditar que existe apenas uma face da moeda, que é o projeto de currículo oculto que desprivilegia os sub(versivos) na escola, mas o abalo das raízes institucionais estão carregadas de sujeitos como eu, Felipe e vocês, que afetam as estruturas radiculas ao levarem suas entrelinhas rizomáticas dissidentes.

Quando meninos em situação de rua passam por debaixo da borboleta no banheiro, transformando a cena que parecia clichê em d(e)núnciamento de intersecções camufláveis, o que está escrito no roteiro não é apenas a exclusão tecida em seus corpos, ou nos piolhos tratados pela funcionária, mas a sub(versão) que trans-gride a ordem dos fatos. Quem ousará dizer a essas crianças: você não pode entrar? Talvez a funcionária, o “dono” do banheiro ou a própria polícia, que aparece em outra cena para impedir que homens acariciem os corpos um do outro. No entanto, ainda assim, estará estampada a frase no banheiro que trará o anúncio performaticamente camuflável: “professora fulana é puta e preconceituosa”. Ora, uma cena sempre é carregada de complexidades que se confunde em mais de uma margem de rios sub(versivos). Podemos pensar em uma explicação para compreender o emaranhamento do texto e das perambulações do estudo, pois tudo isso passa pelo entendimento de que:

Uma imagem nunca está só. O que conta é a relação entre imagens. Ora, quando a percepção óptica e sonora, com o que entra ela em relação, já que não é mais com a ação? A imagem atual, cortada de seu prolongamento motor, entra em relação com uma imagem virtual, imagem mental ou em espelho. [...] O que se vê, primeiro, é o Tempo, os lençóis de tempo, uma imagem-tempo direta. Não que o movimento tenha cessado, mas a relação entre movimento e tempo se inverteu. O tempo não resulta mais da composição das imagens-movimento (montagem), ao contrário, é o movimento que decorre do tempo. (DELEUZE, 1992, p. 69).

Essa compreensão de que imagens sempre estão multiplicadas em várias outras, nas quais o tempo antecede os movimentos, nos permite dizer que nosso estudo não remontou uma direção linear, mas escolheu perfurações subterrâneas que ultrapassaram as formas palpáveis dos tempos. Com isso, entendo que Felipe de Jesus, sujeito-pesquisador, nos ajudou a conceber outra forma de fazer pesquisa quando tocou, foi tocado, bagunçou, re(movimentou) e

apresentou o camuflável como bomba propulsora de uma invenção. Ao inventarmos, juntos, os rizomas andantes, a escola protagonizou muitas cenas que se fundiram na híbrida cidade de enQUADRAMentos em des(montagens) desconcertantes.

A cidade híbrida, portanto, possibilita que trafeguem sobre suas ruas os mais variados transeuntes, dos mais abjetos aos “engomados” normativos, em nosso estudo, percebemos que essa multiplicidade que compõe a cidade faz dela um acontecimento de um devir fissurante. A cidade viaja sobre moldes de condicionamentos, suas paisagens também propõem descontinuidades que d(e)nunciam as re(existências) de mundos adversos, no mesmo instante que as galerias, os *outdoors* e os letreiros anunciam uma sociedade do eixo e/ou padrão, a cena se des(concerta), mostrando no chão os estilhaçados corpos vidraça que re(movimentam) as cenas potentes da cidade fluída.

Não dá para afirmar que a cidade é totalmente padronizada em uma única e exclusiva direção, já que o não-padrão por vezes também assume novos eixos direcionais ao construir seus guetos e regras de convivência. Assim, quero deixar explícito que a aposta neste estudo foi sempre sub(verter) as cenas, desafiá-las, provocar e inquietar, acreditando que o possível recomeço se dá questionando os condicionamentos, as regras, as sexualidades e as performatividades camufláveis. Para mim, esses movimentos assumem um processo em disputa e a des(montagem) constitui uma etapa importante para pensar a cidade sob novos olhares, gostos e sabores.

Mas é importante não “trocar seis por meia dúzia” apenas buscando “incluir” as diferentes expressões da (homos)sexualidade. Podemos fazer mais e melhor questionando o próprio binário hetero-homossexual (ou mesmo a tríade hetero-homobi) como um esquema rígido e restrito que jamais abarcou toda a variedade de expressões afetivas e sexuais humanas. Se somos capazes de perceber que as pessoas cada vez menos cabem em binários como homem-mulher, masculino-feminino, hetero-homo, é porque mal começamos a compreender como as pessoas transitam entre os polos, ou se situam entre eles de formas complexas, criativas e inesperadas. (MISCOLKI, 2013, p. 60).

Em todo caso, acredito que esse estudo não pretendeu trocar a heteronormatividade por uma “homonormatividade”, se assim posso me referir ao termo. Não foi intenção dessas perambulações, o encontro do que é certo, mas as travessias dos per(cursos). Questionamos, sim, a sociedade binária, não só os binômios, mas tudo que enquadra ou/e formata. AtraVERSAMENTos é o que realizamos nessa escritura, desde quando propusemos um des(formato) de escrita que tentou destoar o rigor acadêmico. O que menos pensamos foi que apenas um público pudesse ter acesso a esse estudo, então provocar o tom com ritmos de uma cena que transmuta versos potentes significaram re(mexer) quem ler ou quem apenas “passar o olho”. Nosso ponto de des(encontro) foi mudar o foco do olhar em múltiplas margens de rios

aos corpos vidraças ou não-vidraças; em como as potências assumem uma amplitude de direções que habita e des(habita) em nós. Transgredir constituiu um verbo afirmativo e imperativo, as ruas da cidade e seus corpos transFORMARAM a cena que parecia, aos olhos nus, clichê.

Agosto de 2017. As gramas do jardim permanecem se ramificando para onde não se delimita. Cortamos e regamos. Ao mexer com a terra nos tornamos parte dela. Fazendo e refazendo história vamos caminhando, sendo absorvidos pelo encanto do des(cortinado).

Figura 21 – Des(cortina-se)



Fonte: Arquivo da pesquisadora. Agosto de 2017

Aos leitores, a Felipe de Jesus, a mim, a todos os transeuntes, um aviso: ainda não sabemos o que passeia sobre a cidade performaticamente camuflável. Sobre o devir, transitamos pelas calçadas, asfaltos, ribanceiras, ladeiras e quebradas. Poeticamente, buscamos o sub(verso) para trazer à superfície tudo que emerge sob nossas peles. O texto bagunça, refaz per(cursos), busca a ressonância do inexplicável, ao mesmo tempo que a pesquisa trafega, afeta e re(faz) direções.

Sabemos ainda pouco sobre nossos corpos inventivos, a cena do es-petáculo não pretende fechar a cortina das experimentações, nem mesmo quando a terra re(faz) as travessias de suas vidraças que estilhaçam sobre as ruas da cidade fluída. Em meio à terceira margem, navegamos sobre o desconhecido e aproveitamos as expedições sobre campos híbridos, abjetos e potentes. A escola, protagonista do nosso elenco, apresenta um espetáculo que, ora seus falsos muros nos libertam, ora nos prende, mesmo sem grades ou cadeados fechados. A Felipe, resta seguir as tortas ramificações andarilhas, a mim, desnudo-me com os leitores transeuntes. Por fim, o que cabe a todos nós, múltiplos? Des(encruzilhar) os afetos das encruzilhadas em atos que anunciam e d(e)nunciam as re(existências) potentes de mais e mais atraVERSAMENTOS.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elenise Pires de; MACEDO, Sheyla Cristina Smanioto; DIAS, Susana Oliveira. Vidasventanas: janelar entre tão divulg(divag)ação. **Artefactum**: revista de estudos em linguagem e tecnologia, ano 2, n. 3, jul. 2009.
- BARROS, L. P de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- _____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**. n. 26, p. 329-376, jan.-jun. 2006.
- CALVINO. Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. Contemporânea. **Revista de Sociologia** da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405-427, jul./dez. 2013.
- COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- _____. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- DELEUZE, Giles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estima e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **Gêneros Incríveis**: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. Campo Grande: EDUFMS, 2017.

FERRARI, Anderson. A “bicha banheirão” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. In: 29ª REUNIÃO anual da ANPED. Caxambu, 2006. CD-ROM.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Org.). **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013, p. 209-222.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEITE, César. Pesquisa, arte e educação em modos de encontro: ensaios sobre um “devir arte/ educação para a pesquisa”. In: SCARELI, Giovana (Org.). **Educação, culturas, políticas e práticas educacionais e suas relações com a pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MISKOLCI, Richard. Diversidade ou diferença? **Revista Cult**. Bregantini Editora, n. 205, p. 16-19, set. 2015.

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 257-269, 1. sem. 2007.

NASCIMENTO, do Abdias. **Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

NERY, V. C. R. **Da tela ao cavalete: imagem que o aluno pinta da escola**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-UNEB: Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires, 2017.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e indentidades juvenis. (Prefácio). In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PARAÍSO, M.A. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do nilismo cartografias do esgotamento**. Tradução John Laudenberger. São Paulo: N-1 edições, 2013.

_____. **O tempo não-reconciliado: imagens do tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Sujeira e gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino. **Basura y género. Mear/cagar. Masculino/feminino**. 2006. Disponível em: <<http://www.substantivoplural.com.br/sujeira-e-genero-mijarcagar-masculinofeminino-por-beatriz-preciado/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

_____. **Manifesto Contrassexual**. Tradução da Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 4, n. 7, 1. Semestre de 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2006.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. Do pós moderno ao pós colonial. E para além de um e outro. **Travessias**: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa. Coimbra, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Vívian Carla Reis Nery, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia (UEFS) e a Professora orientadora Dr^a. Elenise Cristina Pires de Andrade, estamos lhe convidando para participar de uma pesquisa sobre as perambulações ocultadas, invisíveis e silenciosas dentro de uma cidade de múltiplos sujeitos. Esta pesquisa, com título “fronteiras da cidade sub (versiva): espetáculos per (formáticos) que esburacam o subsolo de corpos de vidro” objetiva através da tríade gênero, relações étnico- raciais e sexualidade percorrer as andança-travessias da cartografia, o d(e)nunciar da interseccionalidade e o a-nunciar da performatividade.

Deste modo, nosso estudo pretende trazer ao palco as perambulações dos transeunte da cidade enQUADRAdos e desenQUADRAdos. É preciso deixar claro que a pesquisa não pretende o campo de certezas, mas a possibilidade de sub(versos) cada vez mais rizomáticas. Assim, nossa coleta de dados será construída e re(construída) cotidianamente. Utilizaremos diversos instrumentos que permitem quebrar enquadramentos e fissurar tempos e espaços. Imagens, poesias, papos informais deverão ser utilizados ao longo da pesquisa para: coleta, discussões e produções coletivas com os envolvidos nessa pesquisa.

Os dados coletados serão tratados de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o nome dos participantes em qualquer fase do estudo, a não ser que os responsáveis permitam e nos casos em que a questão autoral ou identitária se coloque em pauta. Caso não autorize a utilização do nome, o responsável escolherá um nome fictício para que ele possa ser identificado. Além disso, os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. A participação dos participantes nesta pesquisa é voluntária e não terão nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. **O(a) senhor(a) não terá custos com a pesquisa e caso haja algum dano comprovadamente oriundo da pesquisa, o(a) senhor(a) terá o direito à indenização ou ressarcimento, conforme decisão judicial ou extrajudicial.** Os riscos desta pesquisa se referem às próprias situações de descobertas, erros e acertos do viver, bem como o processo de rememoração de momentos difíceis da história de vida. O benefício relacionado à participação será de repensar, fissurar, escapar, des (territorializar) os espaços construídos hegemonicamente e assim, possibilitar uma escuta cada vez mais sensível sobre o universo das ruas cidade

Caso haja necessidade de esclarecimentos ou de outras informações relacionadas à pesquisa, coloco-me à disposição, através do endereço da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte, Prédio da Pós-Graduação em Educação, Letras e Artes (Módulo 2), CEP: 44036-900 Feira de Santana – Bahia – Brasil Tel.: (75) 3161- 8871. Para dúvidas referentes ao ponto de vista ético você poderá contar com as orientações do Conselho de Ética em Pesquisa (criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade), da referida universidade, em Feira de Santana, nº (75) 3161-8067.

Se os senhores responsáveis ou maiores de 18 anos estiverem esclarecidos (as) poderá assinar este termo em **duas vias**, ficando uma com os (a) senhores (as) e outra comigo, no qual consta o contato do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Feira de Santana, Bahia, _____, de _____ de 2016.

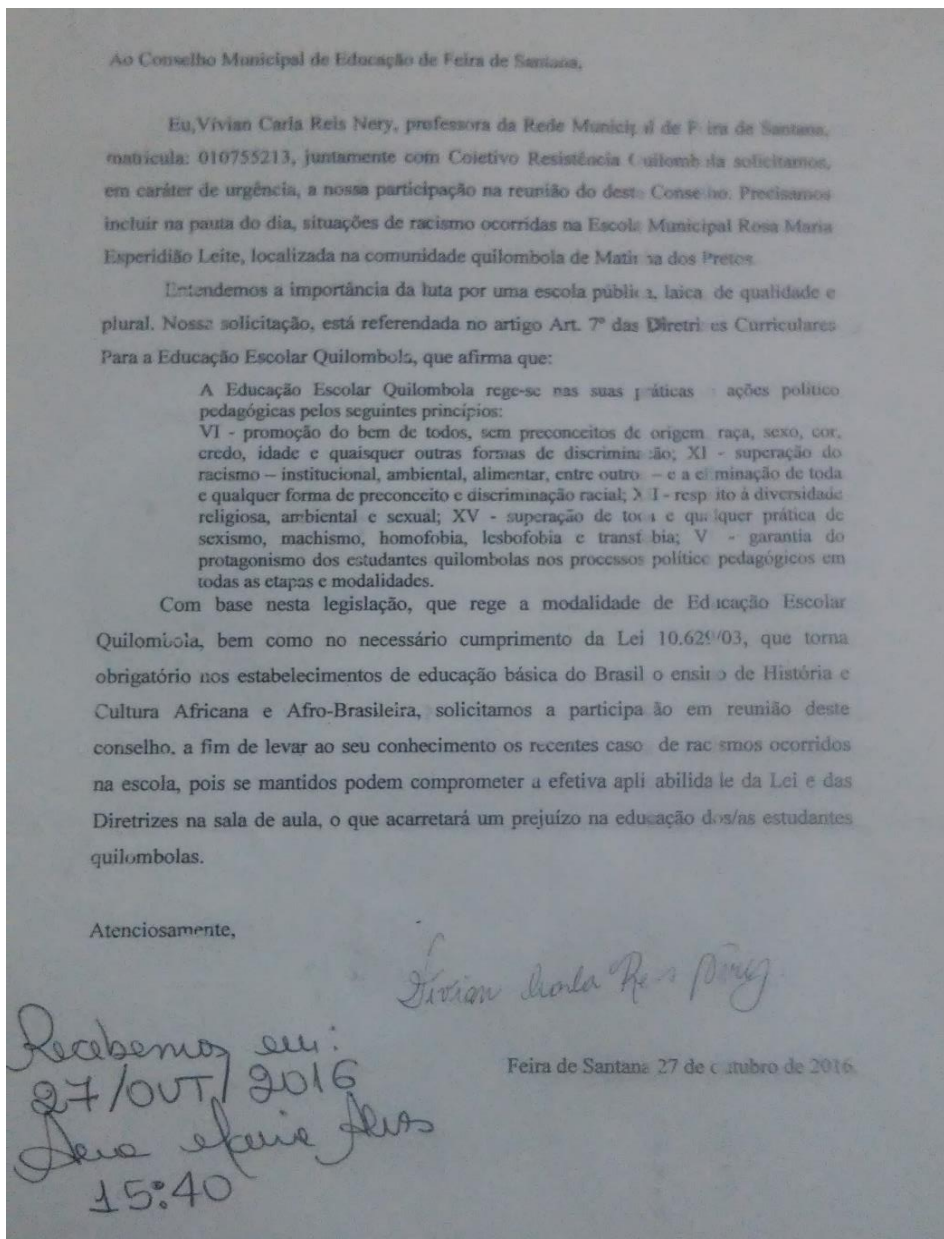
Elenise Cristina Pires de Andrade


Vívian Carla Reis Nery / (75) 99168-6854

Responsável pelo Participante da pesquisa

ANEXOS

ANEXO A – Documentos do episódio de racismo institucional na escola





CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Ofício nº 79/2016

Feira de Santana, 1º de dezembro de 2016.

DE: Conselho Municipal de Educação
Profa. Rosana Fernandes Falcão

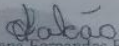
PARA: Profa. Vivian Carla R. Nery

ASSUNTO: Participação na reunião do CME.



Prezada Professora,

Conforme solicitado por V.Sa., confirmamos a sua participação na reunião ordinária do CME, mês de dezembro, será realizada no dia 06, na sala dos Conselhos.

Informamos que a sua participação ocorrerá a partir das 15h, no II momento da referida reunião, tendo em vista que o I momento será destinado ao trabalho das câmaras do CME.


Rosana Fernandes Falcão
Presidente do Conselho Municipal de Educação

75 3603.5984 | cmefeiradesantana@gmail.com
Avenida Senhor dos Passos, 212, Centro Empresarial Avenida, Salas 13/15, Terreo
Feira de Santana - BA | CEP: 44.075-285





Feira de Santana, 28 de setembro de 2017

Ao Conselho Municipal de Educação de Feira de Santana,

Eu, Vivian Carla Reis Nery, professora da Rede Municipal de Feira de Santana, matrícula 010755213, solicito as xerox e/ou gravações das atas das reuniões do Conselho Municipal de Educação referente ao caso denunciado por mim: "suposto" racismo institucional, ocorrido na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite no dia 25/10/2016, quando assumia a função de coordenadora da unidade. De lá para cá foram duas reuniões uma acontecida na própria unidade no dia 09/11/2017 com professores, representantes da SEDUC, do Conselho Municipal de Educação e representante da rede Afro LGBT, professora Flávia Nascimento Silva e outra ocorrida no dia 06/12/2016, na sala dos Conselhos às 15 horas, no qual, fui convidada pelos conselheiros para ser ouvida.

Atenciosamente,

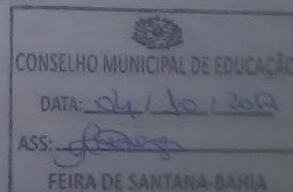
Vivian Carla Reis Nery

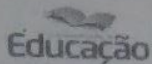
Vivian Carla Reis Nery

Gláucia Regina de Siqueira

Responsável pelo setor

Feira de Santana, 04 de setembro de 2017.





Feira de Santana, 28 de setembro de 2017

Ao Conselho Municipal de Educação de Feira de Santana,

Eu, Vivian Carla Reis Nery, professora da Rede Municipal de Feira de Santana, matrícula:010755213, solicito o parecer do Conselho referente ao caso denunciado por mim: "suposto" racismo institucional ocorrido na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite no dia 25/10/2016, quando assumia a função de coordenadora da unidade. De lá para cá foram duas reuniões uma-acontecida na própria unidade do dia 09/11/2016 com professores, representantes da SEDUC, do Conselho Municipal de Educação e representante da rede Afro LGBT Flavia Nascimento e outra ocorrida no dia 06/12/2016, na sala dos Conselhos as 15horas. Já se passaram desde o ocorrido 11 meses e até hoje só tive uma única comunicação formal entregue em minhas mãos do dia 01/12/2016 no qual fui convidada para ser ouvida pelos conselheiros. No mais, solicito urgência no parecer dos Conselheiros, haja vista, diversos transtornos quanto a minha saúde mental: afastamento pela previdência social, parecer de psicóloga e psiquiatra e medicações controladas. Espero a sensibilidade no parecer do Conselho para que minha dignidade enquanto professora desta rede seja reestabelecida. Em anexo os documentos supracitados

Atenciosamente,

Vivian Carla Reis Nery
Vivian Carla Reis Nery

Francineide Sales de Almeida Paes
Responsável pelo setor

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DATA <i>04/10/2017</i>
ASS. <i>Francineide</i>

Feira de Santana, 04 de outubro de 2017, FEIRA DE SANTANA-BAHIA

PROCESSO CME Nº 001/2017		
INTERESSADO: Vivian Carla Reis Nery		
ASSUNTO: Denúncia de ter sofrido racismo na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite, onde atuava como coordenadora pedagógica.		
RELATORA: Leiva Beatriz Maria Santana Franco		
PLENARIA DO CONSELHO	PRESIDENTE DO CONSELHO: Rosana Fernandes Falcão	ANALISADO 29/08/2017

PARECER CME Nº 00018/2017

I - HISTÓRICO

A professora Vivian Carla Reis Nery enviou ao Conselho Municipal de Educação, uma carta denunciando situações de racismo ocorridas na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite, onde atuava como coordenadora pedagógica.

II - POSIÇÃO DO CONSELHO

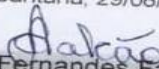
Conforme deliberado por este conselho, informamos que a denúncia encaminhada pela Professora Vivian Carla Reis Nery, foi analisada, constituída uma comissão para a escuta das partes envolvidas, a saber, Leiva Beatriz Maria Santana Franco, Marcos da Silva Rosa, Marlete Silva Oliveira e Simone Dias Cerqueira de Oliveira. A referida comissão esteve na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite juntamente com técnicos da SEDUC para ouvir toda a equipe (direção, coordenação e funcionários), ficando evidenciado um desgaste nas relações interpessoais com a professora Vivian com os demais. Segundo a professora Acácia Nogueira Braz Gonçalves a sua intenção não foi ofender a professora quando pronunciou a frase "Novembro negro, por que não colorir?" Foi o que se configurou como racismo. No dia 06/12/2016, a professora Vivian foi ouvida também pela plenária composta por todos os demais conselheiros. E ainda no dia 08/11/2016 foram ouvidas pela comissão a professora Acácia conjuntamente com a diretora Gervanne S. Augusto de Oliveira e a vice Layane Carneiro de Souza.

III - CONCLUSÃO DA PLENÁRIA

A comissão trouxe o resultado da para apreciação da plenária, na reunião ordinária, e ficou acordado com a SEDUC fazer um acompanhamento da Escola através de uma formação com foco no combate ao racismo, mesmo sabendo que a escola já trabalha com essa temática, e, deixando a critério da professora Vivian Carla Reis Nery a decisão de continuar ou não atuando nessa Unidade Escolar.



Feira de Santana, 29/08/2017.


Rosana Fernandes Falcão
 PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

A professora Vivian recebeu este Parecer em 08/03/2018


Rosana

ANEXO B – Fotos relacionadas ao episódio de racismo institucional na micareta



ANEXO C – Documentos relacionados ao episódio de racismo institucional na
Micareta

2017.01.PV.005302-01


GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA
CENTRAL DE FLAGRANTES MICARETA FEIRA 2017

Ofício nº 13/2017
Feira de Santana-Ba, 19 de maio de 2017.

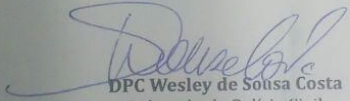
Exmº. Sr.
COORDENADOR DA POLÍCIA TÉCNICA
PLANTÃO MICARETA
FEIRA DE SANTANA/BA

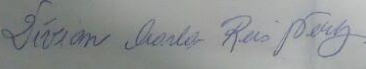
ASSUNTO: Encaminhando vítima para a realização de exame de lesão corporal

Excelentíssimo Senhor Coordenador,

Cumprindo as formalidades legais, apresentamos a V. Sª a Srª VIVIAN CARLA REIS NERY para que seja submetida a realização de exame de lesão corporal.

Atenciosamente,


DPC Wesley de Sousa Costa
Delegado de Polícia Civil
Mat. 12.604.026-5
Classe III


19/05/17



Governo do Estado da Bahia
Secretaria da Segurança Pública
Polícia Civil

Emissão: 20/05/2017 às 00:37h
Unidade de Emissão: CENTRAL DE FLAGRANTES FEIRA DE SANTANA
SIGIP - Sistema de Informação * Gestão Integrada Policial
Gerado por: CLAUDIA FERNANDA PUGLIESE DO BONFIM

CERTIDÃO

Boletim de Ocorrência
Número: CENFLAG FEIRA-BO-17-02873 **Data:** 19/05/2017 às 23:09h
Unidade: CENTRAL DE FLAGRANTES FEIRA DE SANTANA
Delegado: 205288972 - CLAUDIA FERNANDA PUGLIESE DO BONFIM

Infração Penal

Natureza	Legislação	Referência
LESAO CORPORAL LEVE	LEI 2848: Art. 129	ARTIGO 129 DO CPB

Pessoas Envolvidas

Pessoa Física	Envolvimento
CECILIO, Sexo Masculino, Nacionalidade: Brasileira, Civil, Cutis: Negra, Não informado	Autor
CRISTIANE COSTA DOS SANTOS, Carteira de Identidade: 13866297-58 SSP/BA, Sexo Feminino, Mãe: IRACEMA MARIANA COSTA, Pai: EDIVALDO PEREIRA DOS SANTOS, Nacionalidade: Brasileira, Naturalidade: Salvador (BA) - BAHIA - BRASIL, Nascido em: 08/08/1990, Solteiro (a), Civil, Cutis: Negra, Altura: 1,65m, Cabelo: Castanhos, Olhos: Castanhos, Cabelo: Carapinha, Heterossexual, endereço: R. DAS PEDRINHAS / S/N, REF. PRÓX. AO PT. DE MOTO TAXI, PERIPERI, SALVADOR, BA - BR, Telefone Residencial: 7181856722, Religião: Candomblé	Vítima
VIVIAN CARLA REIS NERY, Sexo Masculino, Mãe: ANTONIA MARIA REIS NERY, Pai: VANTUIL NERY, Nacionalidade: Brasileira, Naturalidade: Feira de Santana (BA) - BAHIA - BRASIL, Nascido em: 14/07/1978, Solteiro (a), Civil, Cutis: Parda, Homossexual, endereço: R. ITAMAR CARVALHO, N° 300, CONDOMINIO VILA OLIMPIA, PEDRA DO DESCANSO, FEIRA DE SANTANA, BA - BR, Telefone Celular: 75991686854, Religião: Ubandismo	Vítima

Responsável: *Claudia Pugliese*

CLAUDIA FERNANDA PUGLIESE DO BONFIM



ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DO INTERIOR
1ª COORDENADORIA REGIONAL DE POLÍCIA CIVIL
PLANTÃO CENTRAL

Complexo de Delegacias, Rua Landolfo Alves, 190, Sobradinho,
Feira de Santana/Ba. - CEP 44.089.284 - Telefone (75) 3616.9565

Ofício nº: 4303/2017.

Feira de Santana, 19 de Maio de 2017.

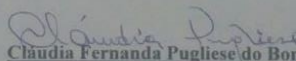
A sua Senhoria o Sr.
Celso Danilo Vilas Boas
M.D. Coordenador da 1ª Coordenadoria de Polícia Técnica
Feira de Santana/Ba.

ASSUNTO: Solicita perícia

Senhor Coordenador,

1. Solicito a V. Sª. designar perito desse Departamento para realizar **EXAME - VERIFICAÇÃO DE LESÕES - CRISTIANE COSTA DOS SANTOS, brasileiro, maior, RG 13.866.297-58SSP/BA., natural de Salvador/BA., nascido em 08/08/1990, solteira, estudante, filha de Edivaldo Pereira dos Santos e Iracema Mariana Costa, ensino médio completo, residente na Rua das Pedrinhas, s/n, próximo ao Ponto de Moto Táxi, bairro Periperi, Salvador/BA (71) 98185 6722, que apresenta escoriações no braço esquerdo e hematoma na cabeça, conforme Ocorrência nº 2873/2017 - CENFLAG/FSA.**

2. Cumpre-me informar ainda que o laudo pericial deverá ser encaminhando para a 1ª DT de Feira de Santana/BA.


Cláudia Fernanda Pugliese do Bonfim
Delegado de Polícia Civil/Classe III
Matricula 20.528.897-2

EPC/BGOA